



MONOGRAFIAS

12



---

DINÂMICAS OCUPACIONAIS NA SEGUNDA METADE  
DO 3º MILÉNIO A.C. NOS PERDIGÕES: CONTINUIDADES  
E DESCONTINUIDADES

THE OCCUPATIONAL DYNAMICS OF THE SECOND HALF  
OF THE 3<sup>RD</sup> MILLENNIUM BC AT PERDIGÕES:  
CONTINUITIES AND DISCONTINUITIES

---

Ana Catarina Basílio



# MAP

MONOGRAFIAS  
12

---

**DINÂMICAS OCUPACIONAIS NA SEGUNDA METADE  
DO 3º MILÉNIO A.C. NOS PERDIGÕES: CONTINUIDADES  
E DESCONTINUIDADES**

**THE OCCUPATIONAL DYNAMICS OF THE SECOND HALF  
OF THE 3<sup>RD</sup> MILLENNIUM BC AT PERDIGÕES:  
CONTINUITIES AND DISCONTINUITIES**

---

Ana Catarina Basílio

**MAP**  
ASSOCIAÇÃO  
DOS ARQUEÓLOGOS  
PORTUGUESES



**Série** . Serie

**Monografias AAP**

**Edição** . Edition

**Associação dos Arqueólogos Portugueses**

Largo do Carmo, 1200-092 Lisboa

Tel. 213 460 473 / Fax. 213 244 252

secretaria@arqueologos.pt

www.arqueologos.pt

**Direcção** . Direction

**José Morais Arnaud**

**Coordenação** . Coordination

**Andrea Martins**

**Tradução para a versão em Inglês** . English translation

**Armando Lucena**

**Design gráfico** . Graphic design

**Flatland Design**

**Desenho da capa** . Cover illustration

**Deposição de fauna na Fossa 79. © A. Valera**

**Impressão** . Print

**AGIR – Produções Gráficas**

**Tiragem** . Copies

**200 exemplares**

ISBN

**978-972-9451-93-5**

**Depósito legal** . Legal Deposit

**504486/22**

© Associação dos Arqueólogos Portugueses

O texto desta edição é da inteira responsabilidade do autor.

**BASILIO, Ana Catarina (2022) – Dinâmicas ocupacionais na segunda metade do 3º milénio a.C. nos Perdígões: continuidades e descontinuidades. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses (Monografias AAP, 12).**

5	<b>EDITORIAL</b> José Morais Arnaud
7	<b>DINÂMICAS OCUPACIONAIS NA SEGUNDA METADE DO 3º MILÉNIO A.C. NOS PERDIGÕES: CONTINUIDADES E DESCONTINUIDADES</b>
43	<b>FIGURAS</b> FIGURES
53	<b>THE OCCUPATIONAL DYNAMICS OF THE SECOND HALF OF THE 3<sup>RD</sup> MILLENNIUM BC AT PERDIGÕES: CONTINUITIES AND DISCONTINUITIES</b>

**Monografia 12 – AAP**



**Monografia 12 – Repositório UALG**



## EDITORIAL

---

José Morais Arnaud

Presidente da Direcção

O trabalho que agora se publica é o 12º da Série de Monografias editadas pela Associação dos Arqueólogos Portugueses destinadas à divulgação dos mais meritórios trabalhos de investigação arqueológica realizados em Portugal, com especial destaque para os que foram galardoados ou distinguidos com menções especiais pelo júri do Prémio de Arqueologia Eduardo da Cunha Serrão, instituído em 2015 por esta Associação.

É o caso do trabalho *Dinâmicas ocupacionais na segunda metade do 3º milénio a.C. nos Perdígões: Continuidades e Descontinuidade*, da autoria de Ana Catarina Salgado Basílio, que foi apresentado como tese de Mestrado na Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve e que mereceu a aprovação unânime de um júri constituído pelos membros da Direcção da AAP e pelos especialistas convidados Profs. José d'Encarnação e Vitor Oliveira Jorge, Catedráticos aposentados das Universidades de Coimbra e Porto, que lhe atribuiu o Prémio Eduardo da Cunha Serrão 2019 – 5ª edição, na categoria de Mestrado.

Trata-se de um trabalho muito bem estruturado e elaborado, baseado nas investigações desenvolvidas ao longo dos últimos anos, no extraordinário complexo arqueológico dos Perdígões (Reguengos de Monsaraz), no qual, com base na análise da evolução da cultura material ao longo da segunda metade do 3º milénio, em contextos criteriosamente seleccionados e escavados, se conclui existir uma grande continuidade entre a primeira e a segunda metade do 3º milénio, tendo os sítios de habitat mantido uma importância estruturante na paisagem, com sucessivos abandonos e reocupações, gerando novas arquitecturas e novas práticas rituais. De acordo com a autora, a introdução tardia da cerâmica com decoração campaniforme, intencionalmente excluída dos contextos funerários, terá sido pouco relevante, sendo apenas mais um elemento adiciona-

do à cultura material destas comunidades, sem reflectir qualquer rutura no seu sistema de organização social e simbólica, ao contrário do que outros autores têm defendido.

Tendo-se verificado que esta tese de mestrado já se encontra disponível em linha, no Repositório *Sapientia* da Universidade do Algarve, optou-se por a disponibilizar também na íntegra no site da AAP e publicar apenas um resumo alargado da mesma, em língua portuguesa e inglesa, contribuindo, assim, para a sua maior divulgação. A AAP cumpre, assim, em mais uma vertente, o seu papel de instituição de utilidade pública, sem fins lucrativos.



# DINÂMICAS OCUPACIONAIS NA SEGUNDA METADE DO 3º MILÉNIO A.C. NOS PERDIGÕES: CONTINUIDADES E DESCONTINUIDADES

---

Ana Catarina Basílio

catarinasbasilio@gmail.com

Interdisciplinary Center for Archaeology and Evolution of Human Behaviour (ICArEHB) / Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT). Faculdade das Ciências Humanas e Sociais, Universidade do Algarve, Campus de Gambelas, 8005-139 Faro. ID ORCID: 0000-0001-7999-3831

## Resumo

Este texto apresenta, de forma resumida, os temas desenvolvidos na dissertação de Mestrado intitulada *Dinâmicas ocupacionais na segunda metade do 3º milénio a.C. nos Perdigões: continuidades e descontinuidades* (2017), cujo principal objectivo foi caracterizar e compreender as dinâmicas “campaniformes” vigentes na segunda metade do 3º milénio a.C. no sítio arqueológico dos Perdigões e região envolvente.

Foi possível identificar um amplo panorama de continuidade material, arquitectónico, funerário e de práticas ao longo de toda a segunda metade do 3º milénio a.C. Todavia, algumas evidências de intensificação (metalurgia) ou descontinuidade (tecnológicas e nas redes de povoamento) foram também reconhecidas, ainda que pouco significativas no cenário identificado. Nestas inserem-se os próprios materiais campaniformes, que materializando uma novidade artefactual, foram reinterpretados e empregues em práticas e ritos sociais não funerários, sem afectar a coesão interna dos Perdigões, nem as dinâmicas sociais em vigência no Alentejo.

Em suma, num contexto de continuidade cultural e social, o Campaniforme dilui-se nas práticas e nas actividades de gestão, negociação, aceitação e rejeição das comunidades calcolíticas, mesclando-se com outras intensificações e descontinuidades numa trajectória que culminará, no final do 3º milénio a.C., no fim da “vida Calcolítica”.

**Palavras-Chave:** Perdigões, Calcolítico, Campaniforme, Continuidades, Descontinuidades.

## AGRADECIMENTOS

A autora gostaria de agradecer à Associação dos Arqueólogos Portugueses a atribuição do Prémio Eduardo da Cunha Serrão (mestrados) no ano de 2019. Também agradecer a possibilidade de publicar a presente monografia.

Aproveito para destacar ambos os orientadores, António Valera e António Faustino de Carvalho, agradecendo por todas as dicas, ajudas, incentivos e oportunidades que permitiram a elaboração deste trabalho e o meu desenvolvimento enquanto investigadora. A todas as instituições (ERA, ICArEHB), colegas (Ana Jesus, Iô e Ricardo) e amigos pela compreensão e apoio. Ao Senhor Fernando e a Dona Natália um enorme obrigada.

À minha família, por todas as ausências. Aos meus avós Ana e Chico, que ficariam orgulhosos. À Joana e João Basílio, aos quais vou buscar este gosto tão particular pela terra. À minha mãe e irmã, por me incentivarem, sempre, a seguir este caminho. Ao meu pai, a quem devo esta paixão pela Arqueologia. Este livro também é vosso.

Ao André, que foi mais do que podia pedir.

## 1. TO THE “DEATH OF PEACE OF MIND”!

Esta publicação é o resultado da atribuição do prémio de Arqueologia Eduardo da Cunha Serrão para Mestrados de 2019 à dissertação de mestrado intitulada *Dinâmicas ocupacionais na segunda metade do 3º milénio a.C. nos Perdígões: continuidades e discontinuidades*. Foi orientada por António Valera e António Faustino de Carvalho e defendida em Fevereiro de 2018, na Universidade do Algarve. Integrou o plano de investigação do projecto PTDC/EPH-ARQ/0798/2014 – MOBINTER – *Mobilidade e Interação na Pré-História Recente do Sul de Portugal: o papel dos centros de agregação*.

O texto que aqui se apresenta, e considerando que o espaço disponível é limitado, pretende resumir, brevemente, as principais conclusões do trabalho de mestrado. Como tal, descrições metodológicas não constarão, sendo que o próprio enquadramento do Complexo de Recintos dos Perdígões e os resultados do estudo dos materiais serão feitos de forma muito curta. Ainda assim, o texto integral encontra-se disponível em anexo (um volume de texto e um segundo de suporte gráfico) na versão online, ou ainda nas plataformas académicas da autora (*ResearchGate* e *Academia.edu*).

Uma nota final vai para a existência de algumas informações que surgem neste texto, mas que não estão incluídas no texto da dissertação de Mestrado. Esta situação deve-se aos regulares trabalhos em torno dos Perdígões, bem como a desenvolvimentos noutras áreas científicas (Arqueogenética), que originam novas questões, dados materiais, radiométricos e interpretativos desde a submissão do trabalho original em 2017. Esta monografia integra ainda a Bolsa de Doutoramento SFRH/BD/135648/2018, financia-

da pela Fundação para a Ciência e Tecnologia, intitulada *O final do 3º milénio a.C. no Sul de Portugal: Razões para o colapso da trajectória social vigente*.

## **2. AGENDA E ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO**

No início do desenvolvimento de uma tese as perguntas, os caminhos e os contornos do trabalho ainda não estão totalmente claros, reflectindo um processo de crescimento, aprendizagem e maturação independente e pessoal. O objectivo final é responder, de forma mais clara e conhecedora, às questões norteadoras.

Neste caso concreto, partiu-se com uma questão central – qual o impacto do Campaniforme nos Perdigões e na região envolvente? A partir desta, e com o intuito de compreender a diversidade e variabilidade inerente ao Fenómeno Campaniforme na região concreta da Bacia da Ribeira do Vale do Álamo e áreas imediatas, estabelecemos o objectivo de reconhecer sinais de continuidade ou descontinuidade em relação à realidade calcolítica imediatamente prévia. Ainda assim, as considerações apresentadas ilustram o carácter provisório do trabalho arqueológico, onde a variabilidade interpretativa resulta essencialmente da influência e escolhas do investigador.

Para responder a esta questão central foi fundamental compreender, do ponto de vista teórico, as teorias prévias na investigação do Campaniforme, e como as grandes correntes e perguntas europeias influenciaram as análises à escala regional (vol.1: cap.2). Estas, por consequência, moldaram e estruturam o pensamento e o discurso aqui utilizados, sendo este trabalho uma mescla de influências e leituras, pretendendo-se destacar a dimensão social do fenómeno, e não exclusivamente os materiais nele contidos.

A este exercício segue-se o necessário enquadramento e apresentação do objecto deste trabalho, definindo-se a região, o sítio arqueológico e os contextos. A nível cronológico foi definido um sub-faseamento tripartido dentro segunda metade do 3º milénio a.C., tornado as realidades arqueológicas agrupáveis e comparáveis entre si (vol.1: cap.3).

Foi definido e cuidadosamente explanado o âmbito de actuação em termos metodológicos dotando o trabalho de replicabilidade e de confirmação (Vol.1: cap.4). Ainda assim, é necessário reconhecer que estes foram agrupados e pensados com a pergunta central em mente, o que nos levou a valorizar determinadas características, em detrimento de outras aquando do estudo de materiais (vol.1: cap.5).

Já nos dois últimos pontos do trabalho os dados e conclusões foram apresentados, sendo primeiramente referentes às dinâmicas internas do sítio dos Perdigões (vol.1: cap.6), passando-se depois para uma análise à escala regional (vol.1: cap.6), aceitando-se, à partida, que os sítios estudados não são estanques e isolados.

Em suma, o guião seguido no mestrado e nesta própria monografia pretende res-

ponder à questão: qual o impacto do Campaniforme nos Perdígões e na região envolvente? O que continua e o que se altera na região da Bacia da Ribeira do Vale do Álamo.

Reconhece-se, no entanto, que existe um Passado silencioso e inalcançável para o Arqueólogo, devido a problemas de conservação e afectação do registo arqueológico. Pode, também, sugerir-se um Passado que pode ter sido intencionalmente silenciado pelas comunidades em estudo, originando “narrativas encenadas/falsificadas”. Isto deixa apenas uma parte ínfima destes grupos, restringida por natureza, a partir da qual se constroem teorias e modelos sobre as comunidades da segunda metade do 3º milénio a.C. Também o próprio ritmo de investigação contribui para um processo constante de retoma e reinterpretção. Esta é a justificação, por exemplo, para as reduzidas considerações acerca dos recentes trabalhos de Arqueogenética ao longo da tese, sendo que hoje (2020) os seus contributos para a aferição da complexidade social e identitária da Península Ibérica, são inegáveis.

### **3. ENQUADRAMENTOS**

#### **3.1. O ponto de vista teórico**

O desenvolvimento de um trabalho em que se tenha em conta a fácies regional do Fenómeno Campaniforme obriga, necessariamente, a uma reflexão e a um processo de ponderação sobre as terminologias, conceitos e perspectivas a valorizar. Como tal, há que reconhecer a influência das várias correntes teóricas que compõem a biografia desta problemática e da região em estudo, com a devida contextualização histórica. Na presente abordagem, considerando a temporalidade da sua produção, é inevitável a simbiose entre as várias correntes interpretativas, ainda que se denote uma relação mais estreita com as interpretações pós-processualistas.

Nestas é possível compreender uma particular valorização da componente social do Fenómeno Campaniforme, focando-se as agendas de investigação em problemas de escala local ou regional, na maioria dos casos. A secundarização das abordagens mais amplas, que se focavam na busca do “Povo e Cultura Campaniforme”, justifica-se, como tal, pelo afinamento cronológico das expressões materiais desta realidade, bem como pela extensa caracterização dos comportamentos, materialidades e práticas a ela associadas.

Este incremento empírico e teórico é também o motivo do recurso conceptual ao termo “Fenómeno Campaniforme”, que vem substituir os anteriores “Cultura Campaniforme”, “Horizonte Campaniforme” e o cada vez menos utilizado “Pacote Campaniforme” (Linden, 2013; Prieto Martínez, 2008). Este conceito surge na tentativa de agrupar, sobre uma expressão curta, toda a diversidade e variabilidade existente neste fenómeno, permitindo abordar esta cronologia, os seus artefactos, as suas práticas e todas as divergências existentes, sem as limitar. Permite, em simultâneo, inseri-las numa ideia de

partilha identitária suprarregional. Ao falar de Fenómeno Campaniforme estamos a reconhecer que esta realidade é extremamente complexa e variável (como os indivíduos por de trás dela), sem a reduzir a uma Cultura, Povo, Horizonte ou Pacote. A expressão fenómeno permite assim a existência de uma unidade/tendência, assumindo-se uma partilha a uma escala mais ampla e, em simultâneo, um reconhecimento de diversidade, quando a análise é mais focalizada e centrada em determinadas áreas específicas.

Todavia, e ainda que o panorama apresentado seja, ainda, dominante nos discursos científicos, é possível compreender um recrudescimento da procura das origens do Campaniforme despoletado pelos inputs derivados do incremento de trabalhos de ADN antigo (Olalde *et al.* 2018; Olalde *et al.* 2019). O contributo da “Cultura Yamnaya” (portadores do haplogrupo R1b-M269) na origem e possível difusão das materialidades e práticas campaniformes, os hipotéticos “Beaker Folk” (Brodie, 1994), tem aproximado os discursos correntes dos trabalhos do século XX. Ainda assim, falta proceder à combinação e simbiose entre os dados de ADN antigo e o registo arqueológico, o que permitirá a construção de uma narrativa histórica fundamentada, empírica e teoricamente, sobre os grupos humanos contemporâneos do Campaniforme (Basílio, 2020).

Muitas destas problemáticas interpretativas aplicam-se também no caso específico da área em estudo, ainda que a escala de análise, bem como os dados disponíveis sejam muito díspares para o estudo da “cronologia campaniforme” no Vale da Ribeira do Álamo.

Os primeiros condicionalismos prendem-se com o reduzido número de sítios com elementos enquadráveis no Fenómeno Campaniforme, durante todo o século XX. A presença de grandes conjuntos na Península de Lisboa e Setúbal e na área de Madrid, acaba por desviar as atenções do Alentejo e particularmente da Bacia do Vale do Álamo e Margem Esquerda imediata, perpetuando a invisibilidade da componente material. Estes ritmos são também perlongados no tempo, até meados do séc. XX, por teorias explicativas que assumiam o fenómeno megalítico como uma barreira física e identitária, que retardaria e limitaria a expansão campaniforme, sendo esta a razão para a ausência desta “Cultura” no Alentejo (Leitão *et al.* 1987). É apenas com os trabalhos mais recentes, tanto de Richard Harrison (1977) como os derivados da construção da Barragem de Alqueva, que este panorama se vê alterado.

Com o incremento das bases empíricas duas grandes correntes interpretativas têm sido apontadas para a presença Campaniforme no Sul de Portugal:

1. A materialidade e a fase campaniforme (e também calcolítica em geral), é interpretada de forma evolutiva progressista. Aceita-se que em meados do 3º milénio a.C. se iniciaria o colapso do sistema social vigente, procedendo-se ao aumento da diferenciação social que se sustentaria por um sistema de trocas desiguais controlado, no qual o Campaniforme teria um papel determinante, bem como pela apropriação

da produção das diversas tecnologias disponíveis, numa organização semelhante à “feudal” (com líderes omniscientes e conspícuos, suportados por “facções” flutuantes a uma escala regional (Soares, 2013). Esta comparação da organização calcolítica ao sistema feudal é deveras arriscada, uma vez que o modelo organizativo feudal foi pensado enquanto conceito associado a uma sociedade específica, sendo necessário questionar se se pode proceder a extrapolações e comparações entre o feudalismo medieval e as comunidades calcolíticas. Também a limitação empírica sustentadora da hipótese apresentada surge como um forte problema, sublinhando-se que os processos antrópicos e ambientais afectam, de forma directa, a leitura que temos dos locais intervencionados (Soares, 2013). O que não deixa de ser curioso é que a afectação que as correntes teóricas aplicadas têm nas hipóteses interpretativas sobre o passado, não é considerada.

Uma perspectiva mais moderada, ou mesmo “híbrida” em relação à anterior, apresenta como principal ponto de divergência as interpretações sociais avançadas para presença do Fenómeno Campaniforme.

2. Sugestão de que a função social da cerâmica campaniforme é diferenciada (Mataloto *et al.* 2015). A sua inclusão enquanto elemento participativo, em cerimónias de reforço de identidade e/ou rememoração e de manutenção da memória social do espaço, torna o Campaniforme num elemento de acção, evocação e homenagem dos antepassados. Estes surgem em contextos de revisitação de ruínas, amortizando e simultaneamente realçando as ocupações anteriores (Mataloto *et al.* 2015). O Campaniforme ganha uma maior diversidade de desempenho social, contudo continua a considerar-se que a cerâmica e o restante “pacote” campaniforme ganha destaque quando o paradigma humano calcolítico colapsa, materializando-se em novas formas de ocupar o espaço, com um povoamento disseminado, com uma maior fragmentação grupal, em áreas abertas, aceitando-se a estratificação social e a afirmação de antigas/novas linhagens (Soares, 2003).

Numa linha mais articuladora, entre sítios, paisagem, cronologia, estruturas e artefactos:

3. Os conjuntos campaniformes no Alentejo fazem-se representar por reduzidos números de fragmentos, que se traduzem em ainda mais reduzidos números mínimos de recipientes. Esta realidade permite apontar não a existência de uma “Fase Campaniforme”, mas uma “Fase com Campaniforme” para a região do Alentejo. O Campaniforme seria adicionado a um momento de intensificação de práticas pré-existentes e surgimento de novas expressões, essencialmente relacionadas com questões arquitectónicas (novas arquitecturas como as cabanas de pedra ou torres, anteriormente desconectadas do Fenómeno Campaniforme), tecnológicas (metalurgia do cobre) e relacionais (interacção entre comunidades expressa no incremento do consumo

de bens exóticos). Ainda que se detectem estas alterações, a cerâmica campaniforme parece ser integrada nos contextos arqueológicos (Valera, 2006), sem existirem indícios de rupturas nas dinâmicas e práticas sociais, sendo a mesma realidade identificada para os restantes elementos que lhe são tipicamente associados (ainda que não se encontrem simultaneamente presentes) – como elementos em metal, marfim e ouro (Valera, Basílio, 2017). Esta hipótese considera e trabalha o Fenómeno Campaniforme com uma perspectiva integradora, centrando-se nos problemas e dados existentes para a região alentejana, aceitando que o Campaniforme não tem obrigatoriamente um uso exclusivo, tendo sido tendencialmente excluído do mundo funerário e incluído em contextos de vida (Valera *et al.* 2019).

Em suma, o cerne da questão teórica do Campaniforme no Sul de Portugal, uma summa de toda a biografia deste fenómeno, passa por tentar compreender qual o seu papel e relação com as realidades pré-existentes, numa tentativa de reconhecer continuidade e inclusão numa trajectória social de emulação e competição, ou ruptura e alteração. É também necessário pensar como ambas as realidades se articulam e coexistem dentro de um único sítio arqueológico (neste caso Perdigões), bem como na região onde este se implanta.

### **3.2. O sítio arqueológico e a sua implantação**

O Complexo de Recintos de Fossos dos Perdigões, devido aos seus mais de 20 anos de pesquisa contínua, é um dos sítios arqueológicos mais investigados e publicados da Pré-História Recente Ibérica (Lago *et al.* 1998; Valera, 2008a; 2010a; 2015a; 2018; Valera, Evangelista, 2014; Valera *et al.* 2000; 2014a; 2014b; Valera, Basílio, 2017).

Localiza-se em Reguengos de Monsaraz, a cerca de 35 km de Évora (sul de Portugal), abrangendo aproximadamente 16 ha dos quais, uma grande percentagem, é pertencente à Herdade do Esporão. O sítio desenvolve-se no extremo oeste do vale do rio Álamo (Lat. 38.441789° / Long. -7.545106), num anfiteatro natural integrado numa plataforma de vertentes ligeiras, que restringem a sua visibilidade ao vale que se desenvolve a nascente (acompanhando a própria orientação do sítio – NE/SO). A Este encontra, no horizonte, a elevação onde actualmente se implanta Monsaraz e a planície densamente ocupada pelo complexo megalítico de Reguengos de Monsaraz. Atinge 252 m na sua cota absoluta mais elevada, e 226 m no seu ponto mais baixo, não se destacando na paisagem. Contudo apresenta uma clara intencionalidade e planificação prévia à sua implantação, ilustrando uma ocultação espacial propositada, pré-definido, em simultâneo, um horizonte visual ilimitado a Este (em qualquer ponto do recinto), como resultado da simbiose entre o relevo e a arquitectura.

Do ponto de vista geológico, a penepalanície de Reguengos de Monsaraz é constituída maioritariamente por granitoides, devido ao Maciço Eruptivo de Reguengos de

Monsaraz (Duarte, 2002). Contudo, o sítio dos Perdigões implanta-se na única área do vale onde os solos são relativamente brandos, sendo constituídos essencialmente por afloramentos de gabros e dioritos muito alterados, contrastando com a geologia do restante vale. Esta característica possibilita a presença de incontáveis estruturas negativas. Até ao momento, centenas (se não mesmo milhares) de fossas foram já identificadas, detectando-se a existência de 16 fossos de tendência circular, que formam recintos de distintas cronologias e dimensões. Outras expressões antrópicas foram também notadas, nomeadamente cortes de aplanação, *henges*, um *cairn*, três *tholoi*, um cromeleque e ainda cabanas, muros radiais e diversas estruturas pétreas positivas (Valera, Basílio, 2017; Valera, 2018).

Durante os seus largos 1500 anos de ocupação, é possível compreender a constante existência de relações astronómicas, a manutenção da tendência para a circularidade e concentricidade, a repetição de práticas e materialidades ou até a presença de estruturas funerárias e deposições de restos humanos (Valera, 2012; 2018; Valera et al. 2014a; Valera, Godinho, 2009; 2010). Essa coexistência é particularmente notória na sobreposição e concentração de estruturas, materialidades e práticas detectada no ponto central do complexo de recintos (Valera et al. 2014a; Valera, 2018). Tal realidade tem sido interpretada como um sinal de manutenção e continuidade do sistema ideológico, simbólico e cosmológico dos grupos que convergiram nos Perdigões ao longo da sua biografia, entre o final do Neolítico Médio e os inícios da Idade do Bronze regional (Valera, Basílio, 2017; Valera, 2018). Todavia, a diversidade construtiva, associada à dimensão do sítio em estudo, permite reconhecer que os Perdigões não são apenas um único sítio arqueológico, mas sim diversos “Perdigões”, que resultam da intersecção das variáveis tempo, espaço e práticas (Valera et al. 2014a; Valera, 2018).

### **3.3. Contextos estudados e temporalidades**

Considerando a riqueza contextual, material e cronológica do Complexo de Recintos dos Perdigões, foram seleccionados como base empírica para a compreensão de continuidades e descontinuidades, contextos da segunda metade do 3º milénio a.C. Estes encontram-se integralmente intervencionados e contam com datações, relativas ou absolutas, seguras. Implantam-se na área central do recinto, apresentando uma relação de proximidade com contextos contemporâneos ou imediatamente anteriores/posteriores. É também na área central que os fragmentos de cerâmica campaniforme se concentram (Valera, Basílio, 2017; Valera et al. 2020a), suportando-se este comportamento pelos dados das recentes intervenções de 2018/2019, fazendo por isso sentido proceder a uma micro abordagem nesta zona específica.

Segundo os dados radiométricos, as estruturas analisadas organizam-se em três fases cronologicamente diferenciadas:



- **Fase 1** (2600-2400 a.C.): corresponde ao conjunto de depósitos posteriores à cabana 1. No seu depósito mais recente apresentou uma data de inícios da segunda metade do 3º milénio a.C., em osso de *Cervus elaphus* (Valera, Basílio, 2017).
- **Fase 2** (2400-2200 a.C.): composta por um conjunto de três fossas (44, 45 e 73) antropicamente preenchidas. Para as fossas 44 e 73 não existem datações de radiocarbono disponíveis, no entanto, na fossa 45, foi detectada uma deposição de um canídeo cuja datação permite compreender a sua modernidade em relação à fase 1.
- **Fase 3** (> 2200 a.C.): nesta foram integrados um depósito espacialmente extenso – [415] – uma pequena lareira, uma deposição estruturada de elementos cerâmicos e pétreos (com quatro momentos de deposição – denominado como “pavimento”) e ainda um *cairn* pétreo. No caso desta última estrutura, foram identificadas duas fossas cobertas por este aglomerado pétreo, uma delas preenchida com diferentes momentos de deposição de elementos faunísticos (Fossa 79). A sua complexidade contextual e interpretativa foi já alvo de um trabalho individual (Basílio, Cabaço, 2019), podendo ser sugeridas práticas de comensalidade no centro dos Perdigões num momento tardio no 3º milénio a.C. Esta fase é a melhor datada de todas, dispondo de três datações: o depósito apresenta uma datação da transição para a Idade do Bronze, o que era já sugerido pelos materiais recuperados. As duas outras datas são provenientes do *Cairn*, apresentando valores compatíveis com os dois últimos séculos do 3º milénio a.C.

Estas estruturas, responsáveis pelo faseamento cronológico definido no âmbito da dissertação de mestrado, são contemporâneas de outros contextos muito diversificados, espalhados por todo o sítio arqueológico. Sublinha-se, ainda assim, que a contemporaneidade aqui apresentada é dada pelo radiocarbono e, como tal, pode não representar efectivamente a realidade do sítio, nem a experenciação à escala humana. Ainda assim serve como indicativa para compreender, de forma aproximada, as dinâmicas sociais e as práticas em vigência.

Na **fase 1** aqui definida, os Perdigões seriam um sítio extremamente activo, encontrando-se no início de um processo de redimensionamento. São contemporâneas estruturas funerárias anexas aos contextos desta fase, como as cremações presentes na Fossa 16 e o Ambiente 1, assim como as deposições secundárias identificadas no Sepulcro 2 (Valera, Basílio, 2017; Valera *et al.* 2014b). É também neste momento que se inicia a construção e enchimento do Fosso 1, verificando-se o mesmo para o caso do Fosso 7 (Valera *et al.* 2014b). Estas práticas continuam presentes na **fase 2**, mantendo-se o processo de modificação e/ou preenchimento de estruturas pré-existentes (Ambiente 1, Sepulcro 2 e Fosso 7), assim como abertura de novas realidades que cortam os depósitos anteriores, como é o caso das Fossas 44 e 45 (Valera, 2015b). Intensifica-se o enchimento do Fosso 1, com abertura de fossas nos depósitos mais antigos, detectando-se

uma possível alteração das estruturas externas ao recinto – um trecho de fosso com o que parece ser uma paliçada que, à partida, condicionaria e pré-definiria os caminhos a tomar, para aceder à porta do recinto (Súarez *et al.* 2013). Para a **fase 3**, deparamo-nos com alguns dos contextos mais recentes identificados até ao momento nos Perdigões (Valera, Basílio, 2017). Estas estruturas e depósitos enquadram-se numa fase em que se faria sentir um abrandamento das práticas prévias, onde não se abririam novos fossos, encontrando-se os restantes já, ou quase totalmente, colmatados, não existindo igualmente sinais de práticas funerárias (Valera, Basílio, 2017). Contudo mantêm-se as práticas de deposições e de construção de novas estruturas na área central do recinto. Quer o *Cairn*, os depósitos posteriores à cabana 2 e o “pavimento” seriam ainda contemporâneos de uma grande estrutura pétreia tardia de planta em “U”, na área central, cuja escavação não se encontra terminada (Valera, 2014c).

Dados mais recentes, das intervenções de 2018/2019, permitem complexificar este panorama de contemporaneidades na segunda metade do 3º milénio a.C., com a integração das deposições campaniformes da área central do recinto (Valera *et al.* 2020a) e as informações do Sepulcro 4 dos Perdigões (Valera, 2020a).

Em suma, os indicadores disponíveis até ao momento, apontam para uma continuidade generalizada de arquitecturas e práticas até cerca de 2200 a.C., existindo algumas alterações essencialmente no que toca aos artefactos (formas da Idade do Bronze), resultado de práticas de interacção com diferentes ambientes culturais. Contudo, sinais claros de ruptura não foram identificados, sustentando a manutenção geral que tem sido sugerida até ao presente trabalho.

#### **4. AS MATERIALIDADES E AS TENDÊNCIAS IDENTIFICADAS**

O conjunto de materiais estudado atingiu um total de 12458 artefactos. Estes encontram-se divididos pelas categorias artefactuais tradicionais, tendo sido seguidas as três fases cronológicas, definidas para as estruturas, também nesta parte da análise.

O estudo da **componente cerâmica** permitiu compreender uma manutenção geral das práticas calcolíticas, ao longo de um extenso intervalo temporal, sendo esta afirmação especialmente válida para as questões formais. No panorama tecnológico, distinguiu-se um maior “descuido” no tratamento das pastas na fase 3, que se opõem às características das outras fases, maioritariamente composta por cerâmicas essencialmente cuidadas, como resultado de processos de escolha de argilas por natureza depuradas ou de tratamentos atentos das pastas. Esta mudança pode explicar-se pela cronologia destes contextos, início da Idade do Bronze vs. cronologia calcolíticas das fases 1 e 2, e pela sua contemporaneidade com um “mundo calcolítico em transformação”. Todavia a matriz identitária local mantém-se através das morfologias, sofrendo ligeiras modifica-

ções tecnológicas, que não afectariam o papel demonstrativo da componente visível dos recipientes cerâmicos (as formas).

No campo dos **elementos de tear** esta alteração tecnológica não é notada, podendo justificar-se pela sua reduzida expressão numérica. Ainda assim é notória a transição entre as morfologias da fase 1 e das fases 2 e 3, podendo ser possível sugerir que a diminuição do número de elementos de tear do tipo placa nos momentos mais recentes se relacionará com o desaparecimento da técnica ou função associado a estas peças. O mesmo não terá ocorrido no caso dos elementos de tipo crescente, que se mantém presentes até ao final do 3º milénio a.C.

A **Pedra Talhada**, por natureza reduzida nos contextos dos Perdígões, conta com características relativamente transversais às três fases, com um reduzido número de utensílios e uma grande componente de produtos debitados. Aponta-se então para uma tecnologia produtiva expedita, que tem como principal objectivo a obtenção de lascas (Almeida, 1998). Alguns pontos divergentes foram identificados na fase mais recente, mais concretamente a presença de talões punctiformes neste último momento, o que sugere a presença da técnica de talhe por pressão, com recurso a alavanca. Também a presença das matérias primas exógenas, minoritárias, são indicativas de contactos e de mobilidade (quer seja das matérias primas, como dos produtos transformados).

No que concerne as **materialidades ideotécnicas**, ainda que apresentem uma representatividade numérica reduzida, deixam compreender a conservação de alguns ritos e práticas, principalmente pela sua identificação na fase 3. A inclusão de um ídolo calcário e um ídolo cerâmico com “tatuagens faciais” nos enchimentos da fossa 79, coberta pelo *cairn*, aponta para a manutenção de uma tradição e ligação ideológica para com estes objectos concretos, contrariando a ideia de uma ruptura social e ideológica na transição para a segunda metade do 3º milénio a.C. (Valera, 2015a).

A **metalurgia**, historicamente associada às expressões e práticas campaniformes, está pouco representado nos contextos estudados, com uma particular concentração de elementos na transição para o 2º milénio a.C. (fase 3), indo de encontro a uma tendência regional (Valério *et al.* 2007; Mataloto *et al.* 2007; Soares, 1992; Valera, Filipe, 2004; Hurtado, 2004). Ainda assim, artefactos metálicos (que não escória, pingos de fundição ou minério) estão pouco representados, tendo sido já identificadas peças “em transição” associadas a contextos campaniformes em áreas muito próximas aos contextos aqui estudados (Valera *et al.* 2020a; Basílio, Valera, 2017).

Outros elementos enquadráveis nas categorias da **Pedra Polida**, **Pedra Afeiçãoada**, **Elementos de Adorno** e **Ossos Polidos**, pela sua escassez, não permitiram identificar sinais de continuidade ou descontinuidade. Ainda assim foram estudados e caracterizados, encontrando-se estas informações disponíveis em anexo, no capítulo 5 do Volume 1.

Concluindo, foi detectada, na componente artefactual, uma tendência geral de con-

tinuidade, expressa em todos os artefactos, não só a nível produtivo, como morfológico. Também as associações e repetições materiais enfatizam esta manutenção. Posto isto, não foram identificados fenómenos de ruptura com as realidades pré-existentes, sendo de sublinhar que as ténues descontinuidades individualizadas se centralizam em torno da última fase estabelecida (fase 3). Estas alterações, confirma-se a nível tecnológico, no caso concreto dos recipientes, num menor cuidado nos tratamentos das pastas ou ainda numa alteração nas fontes de matéria prima. Ressaltam-se igualmente pequenas modificações no caso dos líticos, essencialmente alterações técnicas na exploração dos núcleos. Também os metais sofrem um aumento cronologicamente progressivo de representatividade, concentrando-se no final do 3º milénio a.C.

## **5. RITUAIS, PRÁTICAS E MATERIAIS NA CRONOLOGIA CAMPANIFORME NOS PERDIGÕES**

O panorama de continuidade sugerido tem de ser enquadrado, contextualizado e confrontado com as práticas identificadas e pensadas para os Perdigões. Este exercício consolida as interpretações e tendências já avançadas, podendo alterar a imagem de manutenção atestada até agora. De forma a tornar o exercício compatível com os objectivos, restringiu-se a análise à cronologia do Fenómeno Campaniforme no actual território alentejano, segunda metade do terceiro milénio a.C., apresentando-se as continuidades/descontinuidades de forma resumida.

### **5.1. Continuidades**

#### **5.1.1. Reutilizações de estruturas prévias**

No que toca às reutilizações de estruturas prévias, encontramos dois tipos de exemplo em contextos dos Perdigões – o esvaziamento parcial do sepulcro 2 e o recurso a *recuttings*.

No caso do sepulcro 2, o processo de intensificação da sua utilização culminará na limpeza parcial da câmara funerária do monumento (Valera *et al.* 2014c), alongando a sua utilização ao criar um novo momento deposicional. Nesta “nova vida” mantém-se a diluição do indivíduo na comunidade através de enterramentos essencialmente colectivos com escassos elementos osteológicos preservados *in situ* (Valera, Godinho, 2009). São também desta fase elementos do “conjunto” campaniforme – botões com perfuração em V e fragmentos de possíveis diademas e folhas de ornamentação de ouro. A presença de apenas parte do “pacote campaniforme” é já a regra no Sul de Portugal, podendo não representar uma desconexão das ideias e significados campaniformes, mas sim um processo no qual os artefactos funcionariam como entidades representativas e evocativas de outros contextos, sítios, cronologias e até indivíduos (Valera, 2010b; Chapman, Gaydarska, 2006), mesmo sem o “pacote” campaniforme original comple-

to. Posto isto, esta reutilização, contemporânea do “Campaniforme”, representa a reativação desta estrutura enfatizando uma possível correspondência identitária entre as comunidades que visitariam o sítio e o sepulcro cronologicamente prévio. O mesmo pode ser sugerido para o Sepulcro 4, intervencionado em 2018, no qual foi identificado um momento de reutilização posterior, com a construção de um *tumulus* de terra, com uma câmara central (Valera, 2020).

No que toca aos *recuttings*, esta é uma prática de longa duração, que enriquece a biografia das estruturas, renovando/perlongando a sua utilização e acção. Na segunda metade do 3º milénio a.C. foram identificados *recuttings* nos enchimentos dos fossos 1 e 7. Destaca-se a primeira estrutura, correspondendo este a um dos maiores fossos dos Perdigões, cuja construção remonta ao início da segunda metade do 3º milénio a.C. (Márquez Romero *et al.* 2011a; 2013). Na sua abertura são respeitadas a concentricidade dos Perdigões, as orientações astronómicas expressas nas portas, incluindo-se, no interior do recinto desenhado pelo fosso, muitas das pré-existências estruturais, como os *tholoi* (Valera, 2008b; 2015a). No seu interior, as práticas de enchimento encontram paralelos com estruturas cronologicamente anteriores, com a deposição do “trinómio” comum a praticamente todas os contextos do sítio arqueológico dos Perdigões – cerâmica, pedras e fauna – que volta a ser repetido no próprio enchimento do *recutting*.

Assim, é possível compreender processos arquitectónicos cumulativos de redefinição do recinto, sendo importante sublinhar que o ritmo construtivo e, por inerência, de práticas, é muito intenso nas fases que antecedem o que parece ser o final da ocupação dos Perdigões, verificando-se processos de transformação e construção de novas realidades, até ao final do 3º milénio a.C. e no início do segundo, contrariando o que tem vindo a ser verificado nos sítios de habitat da região (Valera, 2013; Soares, 2013; Mataloto *et al.* 2007).

### 5.1.2. Diversificação de práticas funerárias no interior do recinto

Uma das práticas com mais visibilidade na segunda metade do terceiro milénio a.C., no recinto dos Perdigões, é a deposição de restos humanos, quer sejam eles em forma de deposição secundária (como vimos para o sepulcro 2 e 4), deposição de restos cremados (no ambiente 1 e fossa 16), ou ainda representados por elementos anatómicos isolados recuperados nos enchimentos dos fossos. Estas práticas encontram-se particularmente visíveis na área central dos Perdigões, no Ambiente 1 e fossa 16 (Valera *et al.* 2014a) e nos fossos 3, 4 e 7 (Valera *et al.* 2014a), associados a deposições de elementos pétreos, cerâmicas e faunas. A sua presença enfatiza a manutenção e continuidade deste tipo de práticas e ritos até cronologias tardias no sítio em estudo, não sendo possível identificar uma ruptura ou modificação no âmbito funerário e deposicional devido à presença de elementos campaniformes.

### 5.1.3. Repetição de práticas – Deposições estruturadas e ritos de comensalidade

A presença de deposições estruturadas é uma das principais repetições que pautam não só o conjunto de práticas na segunda metade do 3º milénio a.C. nos Perdigões, como toda a sua biografia. Esta acção pode ser sugerida para as deposições de pedras identificadas no interior dos fossos 1, 4 e 7, assim como no interior da fossa 45, na forma do enterramento do canídeo, nas recentemente identificadas deposições campaniformes (Valera *et al.* 2020a), no *cairn*, no interior da fossa 79 e no pavimento, estes da fase mais recente identificada até ao momento no sítio dos Perdigões (Basílio, Cabaço, 2019). Ainda assim, o termo “deposição estruturada/ritual/intencional/simbólica” tem vindo a sofrer algumas divergências, podendo falar-se do “fenómeno das deposições estruturadas”, essencialmente caracterizado pela variedade conceptual aplicável a múltiplas associações, interpretações, significados e contextos (Basílio, Cabaço, 2019). Nesta mesma linha podemos destacar o conjunto de estruturas denominadas sobre o termo *cairn*, que materializam a continuidade das práticas estruturadas até ao final do 3º milénio a.C. e, possivelmente, a presença de ritos de comensalidade e festins (Basílio, Cabaço, 2019), também sugeridos para outros contextos neolíticos e calcolíticos dos Perdigões (Valera, 2015a; 2016; 2018; 2020; Valera, Basílio, 2017).

Os rituais de comensalidade/festins, definidos pelo consumo e partilha de alimentos e bebida para além das necessidades diárias (Dietler, 2011; Dietler, Hayden, 2001; Gamble, 2017; Thomas, 2012), agem principalmente em situações relacionadas com as esferas sociais, políticas, económicas, relacionais e ideológicas das comunidades em estudo, com um papel igualmente importante no reforço e estabelecimento de uma memória social partilhada (Tallentire, 2001), extravasando o “simples” acto de comer. Os alimentos e a bebida são parte da cultura material, sendo exclusivamente produzidos para serem incorporados, através do seu consumo (Dietler, 2011). São também elementos perecíveis, o que encurta a sua circulação, sendo por isso elementos extremamente valorizáveis, possivelmente mais do que outros bens externos, já que não podem ser reutilizados, “reinvestidos” ou exibidos (Dietler, 2011). Como tal, a fronteira entre o doméstico e o ritual é de difícil constatação, podendo sugerir-se que as práticas de comensalidade e de festins fomentam a criação de barreiras sociais, enquanto se cria e fortalece a noção e o sentimento de comunidade, mesmo que os rituais e as cerimónias possam não ter sido fruídos por todas as comunidades ou partes das comunidades (diferenças segundo o sexo, idade, etc) (Bradley, 2003). Assim, o alinhamento de uma das estruturas mais recentes identificada até ao momento nos Perdigões, com práticas sugeridas para contextos Neolíticos e Calcolítico anteriores, permite compreender uma possível manutenção do papel dos Perdigões enquanto sítio de gestão identitária e social na região do Alentejo (Valera, 2018).

Outra prática que se mantém, e que pode ser associada à presença de elementos

campaniformes em contextos tardios, passa pela possibilidade destas inclusões materializarem um processo adaptativo a novas realidades e introduções que se relaciona com a eventual memória social incorporada nos artefactos, com o poder evocativo a eles associado e com processos de reinterpretação e reactivação de artefactos anteriores (Thomas, 2012). Isto pode ser pensado não só para o Campaniforme, mas também para outros elementos como os ídolos, a cerâmica com decoração simbólica, lúnulas e outros materiais ao longo da história dos Perdigões (Valera, 2010b). Estes artefactos funcionariam como elementos que propiciam o despoletar de memórias aproximando o momento presente ao passado. Esta recuperação e legitimação, recorrendo a artefactos anteriores, ou contemporâneos, mas que já não se encontram em circulação, enfatiza a tentativa de correspondência e inscrição identitária entre os antepassados e os indivíduos de um período que se pode assumir como a fase final da trajectória social Neo-Calcolítica (Valera, 2021b).

Como tal, considerando as interpretações previamente apontadas para o Complexo de Recintos dos Perdigões, a sugerida repetição de práticas, como ritos de comensalidade ou festins, como a própria repetição atemporal de deposições estruturadas e ainda a vontade dos indivíduos do “presente” se conectarem e se relacionar, recorrendo à memória, com os ancestrais, no final do 3º milénio a.C., permite compreender uma continuidade generalizada a nível dos ritos. Possibilita também a identificação de relações e laços sociais regionais e extra-regionais e a existência de linguagens, símbolos, comportamentos e histórias partilhadas num sítio que, segundo os dados actuais, faria sentido para estas populações, mesmo numa cronologia tardia que antecede uma fase de ruptura estrutural.

#### **5.1.4. Intensificação de matérias/materiais exógenos**

A presença e utilização de materiais exóticos, como o marfim, mármore, âmbar, cinábrio, alguns artefactos em sílex, cerâmica, calcário, variscite e conchas de moluscos conta com uma intensificação no intervalo temporal aqui em estudo (segunda metade do 3º milénio a.C.), não sendo corroborada taxativamente a ausência de representações ideotécnicas que tem vindo a ser apontada para o último quartel do 3º milénio a.C. (Valera, 2014b). No entanto, como se tem vindo a sublinhar, estes artefactos podem representar elementos evocativos da memória das práticas anteriores e dos antepassados (Müller, 2007), sendo que o panorama geral de redução e descontinuidade das representações iconográficas não deve ser desconsiderado, pelo menos no que concerne a sua utilização. A nível de áreas de influência, podemos indicar evidências de contactos com as áreas circundantes aos Perdigões, materializadas nos bivalves de água doce (Valera, André, 2016/2017) e similarmente em algumas cerâmicas (Dias *et al.* 2017; 2007). Foram igualmente detectados contactos com a área da Península de Lis-

boa (ídolo de calcário), encontrando-se atestados contactos com a região estuarina do Sado e área costeira Oeste (Valera, André, 2016/2017), ilustrando possíveis contactos com o que parece ser a área de influência do sítio do Porto Torrão. Esta realidade mostra que as comunidades se manteriam inseridas em redes de contacto amplas. A metalurgia apresenta-se também como uma prática que vem em continuidade, mantendo-se igualmente as morfologias artefactuais – punções, as facas, as pontas de tipo Palmela e o punhal de lingueta (Valera, 2014b; Valera, Basílio, 2017) – com alguns elementos híbridos, “em transição” (Valera *et al.* 2020a; Basílio, Valera, no prelo).

Esta realidade, principalmente a intensificação denotada na produção metalúrgica e a introdução de novas matérias primas (ouro), surge como resposta a uma demanda/necessidade crescente das comunidades, ilustrando igualmente o estabelecimento de contactos e de passagem de informação que permitem compreender uma trajectória crescente, mas essencialmente de continuidade nos momentos imediatamente anteriores à transição para a Idade do Bronze regional.

## **5.2. Descontinuidades? Alterações e novidades**

Muitas das principais alterações e inovações que surgem na segunda metade do 3º milénio a.C. foram já referidas, em muito porque estas “novidades” são reinterpretadas e diluídas em práticas pré-existentes. São exemplos disso a metalurgia, que ainda que evidencie sinais de novos contactos, conhecimentos e relações, mantém as características gerais, contando com um incremento numérico no final do 3º milénio a.C. Também a nível das arquitecturas existem novidades, que se afastam totalmente do que se realizava previamente.

Neste ponto algumas das inovações nos Perdigões correspondem à presença de uma cabana com paramentos em pedra, que se insere na fase 1 estabelecida no presente trabalho (início da segunda metade do 3º milénio a.C.). Este tipo de estruturas surge em fases de reocupação de sítios previamente abandonados na região, como Porto das Carretas (Soares, 2013); Monte do Tosco, Miguens 3 (Valera, 2013) e São Pedro (Mataloto *et al.* 2007), associando-se a cerâmica campaniforme a estas novas expressões. A única excepção é o caso da estrutura dos Perdigões, cujo interior se encontra praticamente vazio, sem associação directa a um momento de abandono prévio, como ocorre nos sítios supracitados. Ainda assim é possível identificar uma homogeneização construtiva que se relacionará com contactos e uma eventual partilha ideológica, conectada, ou não, ao Fenómeno Campaniforme.

Também o próprio *cairn* corresponde a um ponto de divergência em relação às técnicas e soluções prévias. O recurso à construção de estruturas não funerárias deste tipo na transição entre o Calcolítico e a Idade do Bronze, no sul de Portugal, é extremamente raro (não o sendo exclusivamente nesta cronologia). Contudo esta estrutura deve ser in-



cluída nas continuidades dos Perdígões por se relacionar com práticas que já ocorriam previamente, fazendo perdurar os paradigmas e ideologias prévias, numa nova tipologia arquitectónica.

Ainda assim, a principal “descontinuidade” apontada para a segunda metade do 3º milénio a.C. é a própria cerâmica campaniforme, correspondendo a um elemento novo no registo arqueológico, em termos formais e em termos decorativos, uma vez que a nível tecnológico (o tratamento das pastas e a técnica decorativa) as técnicas já seriam conhecidas destas comunidades. No ponto de vista deste trabalho, a principal valorização a dar, e possivelmente dada pelas comunidades do Passado, ao Campaniforme passa pelas mensagens, ideologias e práticas que incorpora e que se encontram subjacentes a todas as componentes artefactuais do “pacote”. A obrigatória existência de contactos de ampla escala, mas também a existência de processos identitários e de ponderação, negociação e reinterpretação deixam espaço para a agência de cada grupo, estando adjacentes processos de rejeição e aceitação de novidades associadas ao fenómeno em estudo.

Estes processos de aceitação/rejeição de inovações requerem tempo, uma vez que implicam a existência de fases de conhecimento, persuasão, decisão, implementação e confirmação, encontrando-se estas impregnadas de questões que justificam a fragmentação do que inicialmente pode ter chegado como pacote, ou já como ideias dispersas e reinterpretadas. Um dos principais e determinantes factores decisórios passa pela existência de uma sociedade predisposta a inovações e a alterações nas suas diversas esferas (social, económico, simbólica...), que tenha acesso às redes de conhecimento e que consiga realizar o exercício de ponderação e compreensão sobre a funcionalidade, aplicabilidade e vantagens/desvantagens perante a inovação. Todavia, há que reconhecer que as comunidades e grupos aqui em estudo ganham percepção e conhecimento da inovação, mais concretamente do “pacote” campaniforme, através da exposição destas a factores e influências externas. Inconscientemente as comunidades evitam o conflito, recorrendo a processos instintivos de selecção expositiva e percepção selectiva (Rogers, 1983), ou seja, só visitam e procuram realidades minimamente semelhantes e concordantes com as crenças e atitudes pré-existentes. O sentimento e reconhecimento de necessidade (insatisfação e frustração em relação ao seu presente) pode não ter justificação aparente, mas pode igualmente ser incutido nas comunidades, sendo o resultado de uma exposição a agentes que tomaram conhecimento, ou aderiram, aos novos preceitos campaniformes.

Os agentes de mudança – possíveis elementos de maior destaque ou participação social (Rogers, 1983) – teriam um papel central na fase da persuasão relativa ao Campaniforme (Rogers, 1983). Estes procedimentos de “propaganda” poderiam ter lugar em sítios como os Perdígões, verificando-se um intervalo temporal no processo de indução, no qual se realizam experimentações, sobrepondo-se à fase de decisão sobre

a implementação ou adesão às ideologias, práticas e materialidades campaniformes. Estes testes às práticas, preceitos e materiais campaniformes podem ser o principal justificador para os reduzidos conjuntos cerâmicos campaniformes no território em estudo, isto é assumir que existe uma fragmentação de um conjunto de práticas e materiais que podem ter sido apresentados como um todo já reinterpretado (pelo esmagador domínio do Ciempozuelos), mas que ao serem pensados e negociados contam com diferentes níveis de adesão e correspondência no registo arqueológico estudado. Simplificando, é reconhecer que o Campaniforme (leia-se cerâmica e principalmente decoração) pode ter sido dos elementos menos adotados do Campaniforme (entenda-se “pacote” e cronologia). Esta ideia pode encontrar sustento não só no reduzido número de recipientes decorados, mas também na localização destes recipientes, exterior a monumentos funerários, contrastando com outros elementos associados ao “pacote” campaniforme (como o armamento e os utensílios em metal), que nesta região surgem em monumentos funerários, associados ao “Horizonte de Ferradeira”.

Falta mencionar que a decisão de implementação de uma inovação, como o Campaniforme, pode não ser decisiva nem perene, podendo verificar-se processos de adesão e adaptação precoces, o que pode justificar a distribuição estilística que esta cerâmica apresenta no Alentejo, como também processos de descontinuação ou adopção tardia (Rogers, 1983), que podem ser precedidos de reinvenções e reinterpretação. Estas possibilitam a implementação de ideias genericamente semelhantes às originais, mas que vão mais ao encontro, e são empregues, nas ideologias e nas sociedades da região em estudo. Este processo está totalmente materializado na presença dos estilos regionais campaniformes, como é o tipo Palmela (Soares, Silva, 1974-77) e o Ciempozuelos (Harrison, 1977), ainda que possa existir a necessidade de confirmações e revalidações das decisões e caminhos escolhidos por estes grupos (Rogers, 1983).

### **5.3. Continuidade, descontinuidade ou ambos?**

Em jeito de sumário, quer os rituais de comensalidade, como a utilização e definição da memória social aqui apresentados, vêm enfatizar a volatilidade da componente ideológica destas comunidades, que se encontra constantemente em negociação, discussão, reinterpretação e materialização. Estas práticas, às quais se podem associar as deposições estruturadas, as deposições funerárias, a orientação astronómica, a presença de materiais exóticos e a construção e alteração de arquitecturas, ilustram o que parece ser uma trajectória social comunitária. Nos Perdigões, esta trajectória de complexidade está matizada pela continuidade verificada nos materiais estudados e nas práticas sistematizadas. Como tal, os Perdigões apresentam todas as evidências para a sua caracterização enquanto um sítio persistente e proeminente, com óbvia relação com a paisagem e região imediata, perdurando a nível de práticas e materiais ao longo de toda a segun-

da metade do 3º milénio a.C. Esta realidade só parece sofrer uma alteração profunda já no 2º milénio a.C., encontrando-se este “capítulo” da biografia dos Perdigões em construção no presente momento.

O Campaniforme é, nos Perdigões, uma existência que aponta para alterações e contactos, mas que essencialmente não apresenta influência sobre as práticas e rituais que já se realizariam, nem na expressão material das comunidades que visitariam e utilizariam este sítio arqueológico. É, então, um elemento que é adicionado aos discursos e mitos cosmológicos e ideológicos pré-existentes, com um papel em actividades rituais, sendo intencionalmente excluído dos ambientes funerários no interior do sítio e também dos contextos regionais (Valera *et al.* 2019). Esta questão aponta para uma fragmentação do “pacote” campaniforme que reflecte os enquadramentos, limitações e orientações regionais, com a diluição destes materiais, mas com algumas aceitações e permissões na aplicabilidade e repetição de práticas que surgem, no que parece ser, a última fase de vida dos Perdigões.

## **6. DINÂMICAS E RITMOS REGIONAIS NA CRONOLOGIA CAMPANIFORME: O ENTORNO DOS PERDIGÕES**

A principal questão que se impõe, após atestar uma significativa continuidade material e de práticas nos Perdigões, é se este comportamento e tendência se verifica no entorno do sítio, na região do Vale da Ribeira do Álamo e áreas envolventes, na cronologia de vigência do Fenómeno Campaniforme. Até ao momento, os dados recolhidos apontam uma resposta dúbia, com complexas variáveis que se mantêm, alteram ou modificam, obrigando a uma análise individualizada, posteriormente agrupável numa leitura mais holística.

### **6.1. Fundações, sítios, actos de “abandono” e reocupações**

Ainda que o panorama geral deixe compreender uma generalidade continuidade, foi igualmente possível identificar alterações em curso que, na região em estudo, são particularmente notórias em sítios de habitat como Porto das Carretas, São Pedro, Miguens 3, Monte do Tosco 1, Mercador e também o Monte Novo dos Albardeiros.

Estes locais pautam pela sua variabilidade e diversidade, quer seja a nível tipológico, de duração, de função, entre outros (Valera, 2006), ainda que contem com alguns pontos de convergência. Um desses pontos é a cronologia das suas construções, mas principalmente da sua utilização, que variando entre os finais do 4º milénio a.C. e os meados do 3º milénio a.C. ilustra uma aparente coexistência e contemporaneidade. A própria implantação é relevante, deixando compreender processos de selecção criteriosa do espaço, estando ausentes sinais de ocupações prévias (Valera, 2006). Um terceiro pon-

to passa pelas aparentes relações de entajuda e interdependência entre os sítios regionais (Valera, 2006; 2013). Isto sugere a existência de uma rede de povoamento, com núcleos mais pequenos (Valera, 2006), que se complementa e relaciona na exploração da paisagem, a nível de recursos, mas também a nível ideológico e funerário (Valera, 2006; 2013), através da existência de áreas de confluência e reunião (Perdigões e/ou outros).

Todavia, estes sítios sofrem um abrandamento nas suas dinâmicas de ocupação, que tem sido interpretado (dentro de quadros teóricos específicos) como evidência de rupturas/abandonos, servindo como principal argumento para a sustentação de teorias que preconizam a “desestruturação do paradigma humano vigente no Calcolítico” (Mataloto *et al.* 2015) ou “uma ruptura em termos de organização social e de regime de propriedade” (Soares, 2013; Silva *et al.* 1993) associando-se à introdução dos ritos e materiais campaniformes. Identificam-se igualmente modelos mais deterministas, que relacionam o abandono e “ruptura” dos sítios de habitat, com o esgotamento dos recursos existentes (Gonçalves, 1988/1989). Ainda assim, e reconhecendo estas redes como uma realidade dinâmica, parte um território articulado (Valera, 2006), é necessário compreender que se encontra cristalizada uma imagem cumulativa de histórias e arquiteturas, sendo muito difícil individualizar arqueologicamente um único momento ou uma única intenção e significado.

Um sítio, mesmo que arqueologicamente “abandonado” pode não o estar de forma integral e uniforme, podendo existir descentralizações ou processos de crescimento, diminuição e abrandamento a nível social, simbólico e construtivo, numa alusão à variabilidade inerente à espécie humana. Como tal, estes locais, mesmo que parte de possíveis movimentos estratégicos de abandono, podem preservar uma forte agência nas comunidades, mantendo-se parte da rede, adaptando-se a novas funções, significados e representatividades (Valera, 2003; 2006; 2013).

O abandono pode adquirir várias formas, durações, expressões materiais e intenções, existindo a necessidade de ser reconhecido como um evento não relacionado, no caso aqui empregue, com fenómenos de colapso ou mudanças estruturais (Valera, 2003). Adquire características de pluralidade de processos, ritmos e significados, que se matizam em abandonos planeados de curta duração ou definitivos, onde existe, ou não, intenção de retornar ao espaço abandonado. Encontra-se presente nos sítios arqueológicos, mas manifestar-se-ia igualmente nos indivíduos e comunidades, assim como na paisagem, sendo uma parte constituinte da relação entre o Homem e o espaço (Valera, 2003) e da definição identitária das comunidades (Paul-Lévy, Segaud, 1983 apud Silvano, 2010). Assim, o abandono dependeria totalmente das intenções, deliberações e negociações dos grupos, tendo efeito na organização social (Valera, 2003), podendo sobrelevar-se diferenciações de género, idade, saúde e estatuto no acesso à mobilidade, associada aos processos de abandono (Rémy, Voyé, 1994 apud Silvano, 2010).

A negociação e a necessidade vão definir se os abandonos são finais ou transitórios, apresentando um impacto na organização simbólica da paisagem, que parece, no Calcolítico do Sul de Portugal, contar com novos níveis de territorialidade. Esta territorialidade manifesta-se no estabelecimento de redes de povoamento qualitativamente hierarquizadas e funcionalizadas (Valera, 2000), mas preserva a percepção de que o espaço é moldável e adaptável pelo Homem (Valera, 2003). Os sítios mantêm um papel activo na organização da paisagem e na memória dos que os fruíram, ainda que abandonados, podendo sofrer reinterpretações ao longo do tempo (Valera, 2003), ilustrando reorganizações cognitivas do espaço (Valera, 2003). Estes poderiam ser alvo de revisitações ou destruições simbólicas (Valera, 2003), que pretendiam estabelecer ligações com os antepassados, o que pode justificar a presença de enterramentos e deposições funerárias no interior destes sítios de habitat, como se verifica no caso do Moinho de Valadares (Valera, 2013) ou no Monte Novo dos Albardeiros (Gonçalves, Sousa, 2000), numa fase já enquadrável na Idade do Bronze. Os sítios serviriam também como fontes de matérias-primas, contando igualmente com agência nos processos de diferenciação entre indivíduos ou grupos, estabelecendo interdições e restrições, generalizadas ou particularizadas, com marcas ténues no registo arqueológico.

É detectável esta relação de dependência simbólica entre grandes recintos e habitats, não só na raridade de elementos ideotécnicos nos últimos, mas também nos espólios “comuns” (realizados em matérias-primas exóticas ou inclusive o próprio Campaniforme). A ausência de contextos funerários associados aos sítios de habitat, pode também contribuir para esta relação, contrastando com os recintos, onde se identificaram vários contextos funerários, como os Perdígões (Valera, Godinho, 2009), Porto Torrão (Valera *et al.* 2014a), La Pijotilla (Hurtado *et al.* 2000) ou San Blas (Hurtado, 2004), podendo estes incluir indivíduos dos sítios de habitat periféricos às áreas de influência correspondentes a cada recinto (Valera, 2003).

Concluindo, os processos de abandono e de pertença a uma rede de povoamento comum permitem uma interpretação que considere a existência de um “abandono” relacionável com questões de gestão populacional e mobilidade social (total ou parcial), dentro de um mesmo território e paisagem coesos. Podemos ainda observar que os “abandonos” se relacionam com possíveis alterações nas organizações internas, imperceptíveis arqueologicamente, considerando-se também as revisitações, até à posterior reocupação. A esta questão adiciona-se a ausência de sinais de abandonos inesperados (com possível excepção para o Porto das Carretas), assim como ausência de indicadores de violência no Sul da Península (Kunst, 2000), que dão mais solidez as indicações de um abandono em continuidade com os simbolismos e organizações prévias.

Esta manutenção pode ser também sugerida pelas ocupações cronologicamente posteriores destes sítios, que materializam a sua importância ao longo do tempo. Como

tal, é relativamente fácil compreender as segundas fases existentes nos sítios já mencionados, uma vez que a correspondência social para com eles se terá, possivelmente, mantido. Estes sítios mantêm uma conexão entre si, expressa num conjunto de características partilhadas nestas novas reocupações, tais como o surgimento de inovações tecnológicas (metalurgia) e novos padrões estilísticos/decorativos, presentes numa nova morfologia cerâmica (Campaniforme), ambos associados a soluções e técnicas arquitectónicas diferenciadas em relação à primeira metade do 3º milénio a.C. – as cabanas/torres circulares com fundações pétreas, igualmente identificadas nos Perdigões. Também as práticas podem ser partilhadas, ainda que a deficiente preservação não possibilite o estabelecimento de uma relação directa.

## **6.2. A paisagem Campaniforme do Alentejo: pluralidade e uniformidade estilística**

Outro dos pontos que permite estabelecer diferenciações entre os sítios de habitat, que têm vindo a ser mencionados, e as restantes áreas do Alentejo prende-se com a presença e distribuição diferenciada dos diversos estilos campaniformes, reconhecendo-se à partida que as cerâmicas com motivos campaniformes são relativamente reduzidas no Sul do país.

Esta irregularidade deixa desenhar e compreender áreas de influências estilísticas, assim como definir fronteiras, mas principalmente reconhecer áreas que aparentam um mesmo enquadramento simbólico e ideológico. A nível de distribuições denota-se uma diferenciação entre a diversidade estilística dos recintos de fossos e a tendência monotemática, quer do estilo Internacional ou Ciempozuelos, verificada nos sítios de habitat. No caso dos recintos, como os Perdigões, esta variabilidade pode encontrar justificação no seu papel de catalisadores e de áreas de aparente confluência de comunidades. Aqui, os processos de gestão e definição das relações entre as redes de troca/contacto inter-regionais e internacionais que ali confluíam (Valera, 2006) e os diferentes núcleos/comunidades existentes na região, fundamentam os diferentes níveis de aceitação e integração local das formas, motivos e práticas associadas ao Campaniforme. Esta confluência de diversas redes explicaria a diversidade de estilos identificados nestes sítios arqueológicos, bem como possíveis actos de redistribuição sectorial dos elementos de estilos específicos (Valera, 2006).

Assim, através da funcionalização dos diferentes estilos campaniformes, é possível depreender um mesmo quadro simbólico, cosmológico e ideológico entre os recintos e os habitats, ainda que com ténues diferenciações identitárias/grupais principalmente materializadas nos “povoados”. As diferentes identidades podem ter sido administradas e perpetuadas através da aplicação, utilização ou também rejeição de motivos decorativos distintos (Valera, 2006; Valera, Basílio, 2017), após processos de ponderação

e aceitação por parte das comunidades envolvidas (Rogers, 1983), gerando uma distribuição irregular dos diferentes estilos consoantes as correspondências identitárias. Pode ainda resultar de maiores graus de coesões para com as mensagens e significados de um único estilo decorativo campaniforme, em detrimento de um outro. Os motivos podem inclusivamente ter dissemelhantes papéis sociais e significados nos diferentes sítios arqueológicos, o que se materializa na quase total ausência do campaniforme de contextos funerários. A questão cronológica tem também um forte papel nestas interpretações, uma vez que não é conhecida uma sequência cronológica totalmente esclarecedora para os diferentes estilos. A sua existência permitiria compreender se as distintas distribuições reflectem individualizações intencionais das diferentes identidades, que partilham um mesmo espaço, ou apenas assincronias cronológicas.

### **6.3. A organização regional e a mobilidade campaniforme**

As questões identitárias, cronológicas e estilísticas impõem-se igualmente quando diminuimos o zoom da análise que tem pautado o presente trabalho. Se toda a área do Alentejo for considerada, é possível reconhecer concentrações estilísticas que, ainda que relacionadas com as questões sociais e simbólicas elencadas, podem expressar diferentes polos de influência e diferentes orientações preferenciais nos contactos entre os diversos sítios.

Em primeira instância, urge confirmar e clarificar o entendimento sobre os Perdigões. Assume-se que este sítio adoptaria um papel fulcral e praticamente indiscutível na manutenção das paisagens e significados, tendo um evidente papel na distribuição e gestão das diferentes materialidades e práticas associadas ao Fenómeno Campaniforme, na sua área de influência. Esta, que pode ser alargada até ao Porto das Carretas, Mercador, Moinho de Valares e Monte do Tosco (Valera, 2006; 2013), já na margem esquerda do Guadiana, divide uma mesma realidade física partilhando características simbólicas, económicas e materiais (Valera, 2013). Todavia, esta aglutinação entre a margem esquerda e direita do Guadiana não é uma realidade totalmente consensual (Soares, 2013).

A situação é menos clara, e também menos discutida, nas restantes regiões alentejanas (mais concretamente o Baixo Alentejo). Aqui, as informações disponíveis são mais reduzidas, existindo um vazio de cerâmica campaniforme decorada, contrastando com uma grande intensidade de recintos de fossos que se encontram relativamente mal conhecidos, quer a nível cronológico, de estruturas e funcionalidade (Valera, 2013; Valera, Pereira, 2015). Este condicionalismo torna difícil compreender fronteiras e relações com outras redes de povoamento, principalmente nas regiões mais a Sul.

Como tal, segundo o conhecimento actual é apenas possível considerar dois polos em território nacional: um deles “encabeçado” pelos Perdigões, e o segundo por Porto Torrão, do qual pouca informação se encontra disponível. Todavia, pelas intervenções

realizadas, reconhece-se que é um sítio (ou vários) de grandes dimensões, com uma intensa ocupação, que se terá prolongado por um espectro cronológico amplo, possivelmente semelhante ao dos Perdigões. Neste foram identificadas práticas muito diversificadas – abertura de fossos, fossas, deposições de elementos humanos e animais – assim como na sua periferia aparentemente pejada de monumentos funerários, somando-se ainda a grande densidade de campaniforme decorado (Valera, Filipe, 2004; Arnaud, 1982; 1993). Entre ambos os sítios arqueológicos, e segundo os dados da segunda metade do 3º milénio a.C., podem ser sugeridas relações de dependência ou de “contraste” e antagonismo.

No caso das relações de dependência, estas encontram-se sustentadas pela presença do que parece ser uma “hierarquia” do povoamento, existindo centros catalisadores de sítios de habitat mais pequenos. Estas relações podem ser extrapoladas e concentradas unicamente nos sítios de agregação de comunidades (como o caso de alguns dos recintos de fossos), podendo estes funcionar em rede, através do estabelecimento e definição de “hierarquias” de importância entre os diversos recintos, criando centros responsáveis por “alimentar”, a nível simbólico e material, centros de menor dimensão (Nocete, 1989; 1994; 2001). Este tipo de relações, que implica necessariamente a existência de fronteiras fluídas, pode ser apontada entre ambos os sítios, no sentido Porto Torrão – Perdigões, em especial pela presença dos motivos Internacional e Pontilhado Geométrico. Estes são dominantes no Porto Torrão, devido à sua proximidade geográfica com a Estremadura portuguesa (Salanova, 2000; 2004a; 2004b; Cardoso, 2015; Valera, Basílio, 2017) e pelo seu posicionamento na Bacia Hidrográfica do Sado, contrastando com uma presença reduzida nos Perdigões. Neste recinto dominam os motivos Ciempozuelos, materializando contactos com áreas centro-peninsulares, que têm pouca expressão em Porto Torrão.

Como tal, e considerando o aparentemente alargado espectro de relações denotado nos materiais dos Perdigões, será mais adequado aceitar que, ainda que com contactos, Porto Torrão e Perdigões contam com organizações diferenciadas na paisagem, isto é, as suas redes de povoamento aparentam orientar-se para pontos/paisagens essencialmente opostos, criando um “contraste” entre ambos os sítios. Os Perdigões a privilegiar e determinar uma abertura à paisagem a Este, evidenciando fortes relações com as regiões mais interiores da Península, nomeadamente com a Estremadura materializadas no Campaniforme, principalmente nos motivos Ciempozuelos (Odrizola *et al.* 2008), mas também nos ídolos antropomórficos (Valera, Evangelista, 2014) e até na cerâmica pintada. O Porto Torrão, pelo seu posicionamento na Bacia Hidrográfica do Rio Sado, aparenta manter relações mais fortes com a área da Estremadura portuguesa e com as zonas costeiras (Valera, Rebuge, 2011).

No entanto, é importante sublinhar que nos Perdigões é possível identificar elemen-



tos, ainda que pouco expressivos, que indiciam o contacto com a área da Península de Lisboa, não só a nível de materiais, mas também, possivelmente, a nível de indivíduos (Valera *et al.* 2020b), demonstrando que as relações e os padrões de mobilidade do final do 3º milénio a.C. se encontram apenas brevemente caracterizados, desconhecendo-se igualmente os trajectos e condicionantes à circulação existentes, possivelmente relacionadas com modelos normativos de filtragem e negociação (Valera, 2006).

## **7. O FINAL DO 3º MILÉNIO A.C.**

As organizações sociais calcolíticas parecem desestruturar-se, de forma rápida e abrupta, já no final do 3º milénio a.C. Ainda que este não seja o âmbito do presente trabalho, as “sementes” desta forte mudança cultural devem ser procuradas numa escala cronologicamente mais ampla.

Assim, de forma muito breve, nesta fase de colapso verifica-se o abandono de muitos dos sítios arqueológicos mencionados e, segundo os dados actuais, dos sítios de confluência, sendo este abandono contemporâneo de alterações nas práticas funerárias, que se podem relacionar com alguns sinais ténues de individualização funerária (Valera, 2006). O abandono dos recintos representaria o abandono de sítios com uma vincada agência social e simbólica (Valera, 2015a), extinguindo-se locais que outrora teriam funcionando enquanto áreas de confluência, de mediação e gestão de identidades, conflitos e rivalidade. Esta desarticulação vem sugerir que há uma quebra na correspondência simbólica e identitária destas comunidades, podendo ser também sugeridos fenómenos ambientais (o conjunto de eventos climáticos “4.2. ka BP”) e uma, ainda incerta, diminuição demográfica (Blanco-González *et al.* 2018; Lillios *et al.* 2016; Hinz *et al.* 2019; Schirrmacher *et al.* 2020).

Esta instabilidade materializa-se também na fragmentação e invisibilidade das comunidades, que só parecem voltar a reunir-se já em fases mais avançadas da Idade do Bronze, “reocupando” e revisitando sítios prévios, como o Moinho de Valadares (Valera, 2013), ou os próprios Perdigões, sendo o povoamento caracterizado por sítios abertos e dispersos com poucas estruturas claramente associáveis a habitats no início da Idade do Bronze (Valera, 2014a). Esta “invisibilidade” é um dos motivos que permite questionar os modelos classistas e hierárquicos (Valera, 2014a). Reforça-se que só nos momentos iniciais do 2º milénio a.C. podemos falar de abrandamento ou até abandono do sítio dos Perdigões (tendo sempre em conta a questão da afectação da surriba), contando previamente com uma clara continuidade, aqui atestada em toda a segunda metade do 3º milénio a.C. Como tal, será necessário aprofundar o conhecimento sobre as últimas fases dos sítios da região, criando uma base de dados comparável e indicadora de eventuais alterações.

Em suma, os preceitos e materialidades campaniformes, contrariamente ao que lhe tem sido associado, são realidades a que, nesta região em concreto, as comunidades são expostas, sofrendo posteriormente processos de debate, ponderação e aceitação/rejeição, sendo incluídas em continuidade com as realidades previamente existentes. Ainda assim podem-se associar algumas novidades, principalmente estilísticas, decorativas, arquitectónicas e técnicas. Todavia, este fenómeno, não pode ser extrapolado e associado a novos modelos produtivos e diferentes formações sociais (Soares, 2013) – reduzindo-o a um apontamento evolutivo progressista – nem a sinais de ruptura com o paradigma humano calcolítico anterior (Mataloto *et al.* 2015), mas sim como uma intensificação das práticas e tradições prévias, sendo um dos elementos utilizado em processos identitários e de competição social (Valera, 2006; Valera, Basílio, 2017). Serviriam ainda como elementos que apoiariam na definição de fronteiras, sendo esta questão claramente visível quando relacionamos os sítios com cerâmica campaniforme decorada, com os sítios correspondentes ao Horizonte de Ferradeira, verificando-se que, segundo os dados disponíveis no presente momento, estas duas realidades não se mesclam entre si (Valera, Basílio, 2017).

Ainda assim, e compreendendo que o Campaniforme apresenta uma multiplicidade de papéis e funções no Sul de Portugal (fazendo jus ao termo fenómeno), a sua presença poderá, combinado com inúmeras outras variáveis, ter contribuído para o fim do modo de vida calcolítico e para a instauração da primeira “Idade das Trevas”, que parece ser o Bronze inicial do Sudoeste.

## **8. APONTAMENTOS FINAIS**

Apresentar conclusões num trabalho que tenha como base dados arqueológicos é uma realidade extremamente ilusória e inclusivamente errónea, uma vez que muitos dos sítios e das considerações realizadas se baseiam nas informações disponíveis no momento de realização do trabalho. O presente trabalho sofre desta mesma realidade, uma vez que, datando dos inícios de 2018, não considerou um conjunto de contextos identificados no sítio dos Perdigões, nem os dados provenientes de extensas análises de ADN Antigo. Como tal, refere-se que as considerações seguintes (retiradas da dissertação de 2018) devem ser entendidas como o resultado da combinação de um conjunto de leituras, condicionalismos e dados concretos que, segundo o enquadramento e a visão sobre o Passado da autora, se aplicam e servem como explicativas para a região e cronologias em concreto, ainda que com alguns acertos.

A principal conclusão relaciona-se com o objectivo norteador que levou ao seu desenvolvimento. Com este, pretendia-se compreender as diversas dinâmicas sociais em vigência na segunda metade do 3º milénio a.C., bem como identificar eventuais

continuidades e descontinuidades, testando a sua articulação e impacto social nos Perdígões e áreas envolventes.

Em primeira instância é necessário frisar que as evidências mais palpáveis de continuidade se encontram expressas nos materiais arqueológicos, quer seja a nível morfológico, quer a nível tecnológico. Ainda assim, os materiais não podem ser tratados como realidades independentes e desconexas das organizações, tendo sido articulados com a imagem geral pensada e verificada para os Perdígões. Neste contexto, foram identificadas diversas práticas que permitem compreender uma parte ínfima da complexidade ideológica destas comunidades que, através de rituais e arquiteturas comunitárias (como rituais de comensalidade, construção de estruturas de tipo fosso ou reutilização de monumentos funerários prévios), procederiam à gestão, negociação, interpretação e materialização de identidades, assim como da componente ideológica e de novas influências que penetrariam as redes de contactos desta paisagem organizada (Valera, 2006; 2013; 2015). Aqui parece valorizar-se um caminho comunitário que, reconhecendo-se que as identidades individuais não seriam diluídas e apagadas, originaria processos de competição e ostentação entre os diferentes grupos (Gilman, 2013; Valera, 2015a; 2010b), que se encontrariam inseridos numa trajectória social de complexidade. Esta trajectória só é abalada no início da Idade do Bronze (Valera, 2015a). Até lá, os Perdígões mantêm-se o “centro” da sua área de influência, claramente orientada a Este, apresentando características de um sítio persistente na paisagem, pelo menos desde o final do Neolítico Médio (Valera, 2018).

A nível regional, o panorama parece apontar para a presença de sinais de descontinuidade, expressos no abandono de sítios de habitat da primeira metade do 3º milénio a.C. (Soares, 2013; Mataloto *et al.* 2015). Todavia, e reconhecendo-se que nos Perdígões não é detectado um hiato ocupacional, estes abandonos podem dever-se a processos de gestão populacional e de reorganização interna das redes ou mesmo espelhar uma mobilidade social (total ou parcial) (Valera, 2006; 2013). Independentemente do motivo que levou estas comunidades a abandonar os seus habitats, as razões não parecem ter sido repentinas, sendo a única excepção o Porto das Carretas (Soares, 2013).

As segundas fases de ocupação destes locais enfatizam a manutenção da correspondência das comunidades para com estes sítios arqueológicos, apresentando uma certa uniformização a nível construtivo (Valera, 2003) que materializa organizações internas, associações construtivas e rituais muito diversificados. Esta questão permite avançar que, mesmo associadas a um fenómeno minimamente comum, estas estruturas têm de ser compreendidas como realidades dinâmicas, com agências e funcionalidades próprias, que se encontram fortemente interligadas e dependentes das dinâmicas sociais e da correspondência que estas comunidades mantêm com o espaço, sendo de reforçar o seu posicionamento e desenvolvimento nas áreas centrais dos habitats

(Mataloto *et al.* 2015). Esta localização, em associação à tendência para a circularidade comum a estas estruturas e possível associação à circularidade do Cosmos (Valera, 2008b), permite-nos questionar se estas poderiam ilustrar a projecção dos sítios de confluência (recintos de fossos), agindo na agregação das comunidades nos seus habitats, fortalecendo a coesão, num povoamento que é menos visível arqueologicamente. Nestes “recintos” são identificados diversos fragmentos de cerâmica campaniforme e elementos metálicos, enfatizando-se a exclusão intencional desta cerâmica dos contextos funerários, destacando-se o seu papel em rituais sociais (Valera, Rebugue, 2011).

O Fenómeno Campaniforme, como foi sublinhado, acompanha estes teóricos momentos de ruptura, sendo utilizado como elemento indicativo de contactos e, como tal, de uma nova organização social. Ainda assim, a desfragmentação destas associações materiais e de práticas está presente, sendo inclusivamente questionado o grau de aceitação da cerâmica decorada por estes grupos, o que explicaria a sua reduzida expressão nos conjuntos cerâmicos. Nos Perdígões, esta cerâmica representa um elemento integrante dos discursos e mitos ideológicos, e possivelmente cosmológicos pré-existentes, tendo sido absorvido e adicionado sem alterar as práticas prévias (Valera, Basílio, 2017). Esta realidade é reforçada com os dados das intervenções de campo de 2018 e 2019, nas quais foi possível identificar um extenso contexto de deposição de elementos campaniformes (Valera *et al.* 2020a). Também neste se mantém a utilização do Campaniforme em práticas deposicionais já previamente realizadas, ainda que neste caso se dê preferência a recipientes completos (Valera *et al.* 2020a). Mantém-se igualmente a exclusão destes elementos decorados dos ritos e contextos funerários regionais, como materializado no Sepulcro 4. Neste, todavia, foi recuperado um fragmento de recipiente com decoração beliscada, passível de integrar os conjuntos campaniformes (Basílio, 2019).

A nível regional este fenómeno apresenta as mesmas linhas genéricas – adição a uma continuidade (Valera, 2006; 2013). Ainda assim é possível inferir diversidades identitárias e áreas de influência estilística e simbólica, quando a análise é menos focalizada, identificando-se diferentes padrões de distribuição dos estilos decorativos campaniformes, em oposição a uma multiplicidade e coexistência verificada nos recintos de fossos (Valera, Basílio, 2017). Esta questão relaciona-se necessariamente com as funções e práticas associadas a estes grandes recintos, onde confluíam não só comunidades, como também diferentes redes de contactos, que originariam estilos decorativos diferenciados. Por outro lado, os habitats, que seriam parte integrante das redes de povoamento, possivelmente encabeçadas pelos recintos, caracterizar-se-ia por tendências monoestilísticas, que advém de processos distributivos no sentido recintos de fossos – habitats, podendo em simultâneo representar correspondências identitárias e/ou formas de resistência e diferenciação.

Em suma, o Campaniforme, na área da Bacia do Vale do Álamo e zonas envolventes, não se expressa da mesma forma que noutras áreas, sendo uma versão diferente do fenómeno, uma vez que sofreu processos locais de debate, ponderação, interpretação, aceitação e rejeição. Este terá sido inserido e incluído nas práticas existentes, sem provocar alterações bruscas nas organizações sociais e simbólico-ideológicas vigentes, ainda que lhe possam ser associadas algumas novidades – a nível estilístico, decorativo, arquitectónico e técnico. Deve ser considerado como mais um elemento utilizado numa trajectória de complexidade, materializada na intensificação e monumentalização de práticas pré-existentes, deixando transparecer levemente as identidades, preferências e gestos das comunidades em estudo, assim como possíveis fronteiras (Valera, 2006; Valera, Basílio, 2017).

Como apontamento final, é importante salientar que só após se conhecer as características e variabilidades do Fenómeno Campaniforme, a nível local, se pode eventualmente extrapolar e tencionar compreender o fenómeno a uma possível escala europeia. Isto porque a variabilidade e multiplicidade de respostas das comunidades e grupos humanos é enorme, reflectindo as distintas agências e papéis que estes elementos podem adquirir. Ainda assim, muitas das considerações aqui feitas carecem de futura confirmação. Contudo, este trabalho permitiu levantar questões principalmente relacionadas com a componente social dos grupos humanos da segunda metade do 3º milénio a.C. do Sul de Portugal, não os reduzindo às suas materialidades e arquitecturas. Serve também como base para o projecto de doutoramento em curso da signatária – *O final do 3º milénio a.C. no Sul de Portugal: Razões para o colapso da trajectória social vigente* – que avançando cronologicamente, pretende compreender e caracterizar o, ou os, motivos do fim do mundo calcolítico.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, F. (1998) – O Método das Remontagens Líticas: enquadramento teórico e aplicações. *Trabalhos de Arqueologia da E.A.M.* Lisboa: Colibri. pp. 1-40.

ARNAUD, J. (1982) – O povoado calcolítico de Ferreira do Alentejo no contexto da bacia do Sado e do Sudoeste Peninsular. *Arqueologia*. 06. Porto: GEAP. pp. 48-64.

ARNAUD, J. (1993) – O povoado calcolítico de Porto Torrão (Ferreira do Alentejo): Síntese das investigações realizadas. *Vpasca*. 2. pp. 51-61.

BASÍLIO, A. C. (2019) – Bell Beaker or not Bell Beaker: An perspective on Chalcolithic at the Iberian Peninsula Paired Fingernail Imprints in S-Shaped vessels. *Zephyrus*. LXXXIV. pp. 15-39. <http://dx.doi.org/10.14201/zephyrus2019841539>

BASÍLIO, A. C. (no prelo) – From aDNA to Archaeology: Genética da transição Calcolítico–Idade do Bronze no Sul de Portugal. *Ophiussa*. Lisboa: Centro de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

BASÍLIO, A. C.; CABAÇO, N. (2019) – An end that perpetuates: a cairn from the end of the 3<sup>rd</sup> millennium bc at Perdígões. In VALERA, A.C. (ed.) – *Fragmentation and Depositions in Pre and Proto-Historic Portugal*. Lisboa: Núcleo de Investigação Arqueológica – Era Arqueologia. pp. 105-124.

BASÍLIO, A.C.; VALERA, A.C. (no prelo) – Tell me what you see: Late deposition of an atypical metallic artefact in Perdígões. *Proceedings of X Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninsular*.

BLANCO-GONZÁLEZ, A.; LILLIOS, K.; LÓPEZ-SÁEZ, J.A.; DRAKE, B.L. (2018) – Cultural, Demographic and Environmental dynamics of the Copper and Early Bronze Age in Iberia (3300–1500 BC): Towards an Interregional Multiproxy Comparison at the Time of the 4.2 ky BP Event. *Journal of World Prehistory*. pp. 1-79.

BRADLEY, R. (2003) – A life less ordinary: The ritualization of the domestic sphere in later prehistoric Europe. *Cambridge Archaeological Journal*. 13:1. pp. 5-23.

BRODIE, N. (1994) – *The Neolithic–Bronze Age transition in Britain. A critical review of some archaeological and craniological concepts*. Oxford: Archaeopress.

CARDOSO, J. L. (2015) – The Bell-beaker complex in Portugal: an overview. *O Arqueólogo Português*. 5: 4–5. pp. 275-308.

CHAPMAN, J. C.; GAYDARSKA, B. I. (2006) – *Parts and wholes: fragmentation in prehistoric context*. Oxford: Oxbow Books.

DIAS, M. I.; PRUDÊNCIO, M. I.; VALERA, A. C. (2017) – Provenance and circulation of Bell Beakers from Western European societies of the 3<sup>rd</sup> millennium BC: the contribution of clays and pottery analyses. *Applied Clay Science*. 146. pp. 334-342.

DIAS, M. I.; VALERA, A. C.; LAGO, M.; PRUDÊNCIO, M.I. (2007) – Proveniência e tecnologia de produção de cerâmicas nos Perdígões. *Vipasca: Actas do III Encontro de Arqueologia do SW* (Aljustrel, 2006). 2:2. pp. 117-121-

DIETLER, M. (2011) – Feasting and Fasting. In INSOLL, T. (ed.) – *The Oxford Handbook of the Archaeology of Ritual and Religion*. Oxford Handbooks

DIETLER, M.; HAYDEN, B. (2001) – *Feasts: Archaeological and Ethnographic Perspectives on Food, Politics, and Power*. Washington DC: Smithsonian.

DUARTE, I. (2002) – *Solos residuais de rochas granitóides a sul do Tejo. Características geológicas e geotécnicas*. Tese de Doutoramento. Universidade de Évora. 373 p.

GAMBLE, L. (2017) – Feasting, Ritual Practices, Social Memory, and Persistent Places: new interpretations of shell mounds in southern California. *American Antiquity*. 82: 3. pp. 427-451.

GILMAN, A. (2013) – Were There States During the Later Prehistory of Southern Iberia? In BERROCAL, M.C.; GARCÍA SANJUÁ, L.; GILMAN, A. eds. – *The Prehistory of Iberia: Debating Early Social Stratification and the State*. Routledge.

GONÇALVES, V. S. (1988/89) – A ocupação pré-histórica do Monte Novo dos Albardeiros (Reguengos de Monsaraz). *Portugália*. IX–X. Porto. pp. 49-61.

GONÇALVES, V. S.; SOUSA, A. C. (2000) – O grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz e a evolução do megalitismo no Ocidente Peninsular (espaços de vida, espaços da morte: sobre as antigas sociedades cam-

ponesas em Reguengos de Monsaraz). In GONÇALVES, V. G; SOUSA, A. C. – *Muitas antas, pouca gente?*. *Actas do I Colóquio Internacional sobre Megalitismo*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. pp. 11-104.

HARRISON, R. (1977) – *The Bell Beaker cultures of Spain and Portugal*. Harvard: Peabody Museum.

HINZ, M.; SCHIRRMACHER, J.; KNEISEL, J.; RINNE, C.; WEINELT, M. (2019) – The Chalcolithic–Bronze Age transition in southern Iberia under the influence of the 4.2 ka BP event? A correlation of climatological and demographic proxies. *Journal of Neolithic Archaeology*. 21. pp. 1-26.

HURTADO, V. (2004) – El asentamiento fortificado de San Blas (Cheles, Badajoz). *Trabajos de Prehistoria*. 61:1. pp. 141-155.

HURTADO, V. (2004) – San Blas. The discovery of a large chalcolithic settlement by the Guadiana River. *Journal of Iberian Archaeology*. 6. pp. 93-116.

HURTADO, V.; MONDÉJAR, P.; PECERO, J. C. (2000) – Excavaciones en la Tumba 3 de La Pijotilla. *Extremadura Arqueologica. VIII. Homenaje a Elias Dieguez Luengo*. pp. 249-266.

KUNST, M. (2000) – A Guerra no Calcolítico na Península Ibérica. *Era Arqueologia*. 2. pp. 128-142.

LAGO, M., DUARTE, C., VALERA, A.; ALBERGARIA, J.; ALMEIDA, F.; CARVALHO, A. (1998) – Povoado dos Perdigões (Reguengos de Monsaraz): dados preliminares dos trabalhos arqueológicos realizados em 1997. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 1:1. Lisboa. pp. 45-152.

LEITÃO, M.; NORTH, C. T.; NORTON, J.; FERREIRA, O. V.; ZBYSZEWSKI, G. (1987) – A gruta pré-histórica do Lugar do Canto, Valverde (Alcanede). *O Arqueólogo Português*. 4: 5. pp. 37-66.

LILLIOS, K.; BLANCO-GONZÁLEZ, A.; DRAKE, B. L.; LÓPEZ-SÁEZ, J. A. (2016) – Mid-late Holocene climate, demography, and cultural dynamics in Iberia: A multi-proxy approach. *Quaternary Science Reviews*. 135. pp. 138-153.

LINDEN, M. V. (2013) – A Little Bit of History Repeating Itself: Theories on the Bell Beaker Phenomenon. In FOKKENS, H.; HARDING, A. – *The Oxford Handbook of the European Bronze Age*. Oxford: Oxford University Press. pp. 68-81.

MÁRQUEZ ROMERO, J. E.; VALERA, A. C.; BECKER, H.; JIMÉNEZ-JÁIMEZ, V.; SUÁREZ PADILLA, J. (2011b) – El Complejo Arqueológico dos Perdigões (Reguengos de Monsaraz, Portugal). Prospecciones Geofísicas – Campaña 2008-09. *Trabajos de Prehistoria*. pp. 175-186.

MÁRQUEZ-ROMERO, J.; SUÁREZ PADILLA, J.; JIMÉNEZ-JÁIMEZ, V.; MATA VIVAR, E. (2011a) – Avance a la sequencia estratigráfica del fosso 1 de Perdigões (Reguengos de Monsaraz, Portugal) a partir de las campañas de 2009 y 2010. *Menga*. 2. pp. 157-175.

MÁRQUEZ-ROMERO, J.; SUÁREZ PADILLA, J.; MATA VIVAR, E.; JIMÉNEZ-JÁIMEZ, V.; CARO, J. I.; CUEVAS ALBADALEJO, P. (2013) – Actuaciones arqueológicas realizadas por la Universidad de Málaga en el yacimiento de Perdigões (Reguengos de Monsaraz, Portugal) trienio 2011 – 2013. *Apontamentos de Arqueologia e Património*. 9. Lisboa: NIA-ERA Arqueologia. pp. 61-76.

MATALOTO, R., COSTEIRA, C., ROQUE, C. (2015) – Torres, Cabanas e Memória: a Fase V e a cerâmica campaniforme do povoado de S. Pedro (Redondo, Alentejo Central). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 18. pp. 81-100.

MATALOTO, R.; ESTRELA, S.; ALVES, C. (2007) – As fortificações calcolíticas de São Pedro (Redondo, Alentejo Central, Portugal). In CERRILLO, E.; VALADÉS SIERRA, J. ed. – Los primeros campesinos de La Raya. *Memórias*. 6. Cáceres: Museo de Cáceres. pp. 113-141.

MÜLLER, J. (2007) – Inheritance, population and social identities. Southeast Europe 5200–4300 BCE. In GORI, M.; IVANOVA, M. – *Balkan Dialogues: Negotiating Identity between rehistory and the Present*. London. pp. 156-168.

NOCETE, F. (1989) – El Espacio de la Coerción. La transición al Estado en las Campiñas del Alto Guadalquivir (España) 3000–1500 a.C. *BAR Internacional Series*. 492.

NOCETE, F. (1994) – *La formación del Estado en las Campiñas del Alto Guadalquivir (3000–1500 a.n.e.)*. Análisis de un proceso de transición. Monográfica Arte y Arqueología. Universidad Granada.

NOCETE, F. (2001) – *Tercer milenio antes de nuestra era. Relaciones y contradicciones centro/pe-riferia en el Valle del Guadalquivir*. Bellaterra. Barcelona

ODRIOZOLA, C.; HURTADO PÉREZ, V.; DIAS, M. I.; VALERA, A. C. (2008) – Produção e consumo de campaniformes no vale do Guadiana: uma perspectiva ibérica. *Apontamentos de Arqueologia e Património*. 3. Lisboa: NIA-ERA Arqueologia. pp. 45-52.

OLALDE, I.; BRACE, S.; ALLENTOFT, M. E.; ARMIT, I.; KRISTIANSEN, K.; BOOTH, T.; ROHLAND, N.; MALLICK, S.; SZÉCSÉNYI-NAGY, A.; MITTNIK, A. et al. (2018) – The Beaker phenomenon and the genomic transformation of northwest Europe. *Nature*. 555. pp. 190-196.

OLALDE, I.; MALLICK, S.; PATTERSON, N.; ROHLAND, N.; VILLALBA, V.; SILVA, M.; DULIAS, K.; EDWARDS, C. J.; GANDINI, F.; PALA, M. et al. (2019) – The genomic history of the Iberian Peninsula over the past 8000 years. *Science*. 363. pp. 1230-1234.

PAUL-LÉVY, F.; SEGAUD, M. (1983) – *Antropologie de l'espace*. Paris: Centre Georges Pompidou/CCI

PRIETO-MARTINEZ, M.P. (2008) – Bell Beaker communities in Thy: the first Bronze Age society in Denmark. *Norwegian Archaeological Review*. 41:2. pp. 115-158.

RÉMY, J.; VOYÉ, L. (1994) – *A cidade: rumo a uma nova definição*. Lisboa: Afrontamento.

ROGERS, E.M. (1983) – *Diffusion of Innovations*. Nova Iorque: The Free Press. 453 p.

SALANOVA, L. (2000) – Mécanismes de diffusion des vases campaniformes les liens franco-portugais. In JORGE, V.O. ed. (2000) – *Pré-História recente da Península Ibérica: 3º Congresso de Arqueologia Peninsular (Vila Real, 1999)*. 4. pp. 399-409.

SALANOVA, L. (2004a) – The frontiers inside the western Bell Beaker Block. In CZEBRESZUK, J. ed. (2014) – *Similar but different: Bell Beakers in Europe*. Leiden: Sidestone press. pp. 63-75.

SALANOVA, L. (2004b) – Le rôle de la façade atlantique dans la genèse du Campaniforme en Europe. *Bulletin de la Société préhistorique française*. 101. pp. 223-226.

SCHIRRMACHER, J.; KNEISEL, J.; KNITTER, D.; HAMMER, W.; HINZ, M.; SCHNEIDER, R.R.; WEINELT, M. (2020) – Spatial patterns of temperature, precipitation, and settlement dynamics on the Iberian Peninsula during the Chalcolithic and the Bronze Age. *Quaternary Science Reviews*. 233.

SILVA, A. C. F. da; RAPOSO, L.; SILVA, C. T. (1993) – *Pré-História de Portugal*. Lisboa: Universidade Aberta.



- SILVANO, F. (2010) – *Antropologia do Espaço*. Lisboa: Assírio & Alvim. 111 p.
- SOARES, A. M. M. (1992) – O povoado calcolítico dos Três Moinhos (Beleizão, conc. de Beja). Notícia preliminar. *Setúbal Arqueológica*. 9–10. pp. 291-314.
- SOARES, J. (2003) – *Os Hipogeuos pré-históricos da Quinta do Anjo. As economias do simbólico*. Setúbal: Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal.
- SOARES, J. (2013) – Transformações sociais durante o III milénio AC no Sul de Portugal. O povoado do Porto das Carretas. *Memórias d’Odiana*. Lisboa: EDIA, DRCAL e MAEDS.
- SOARES, J., TAVARES DA SILVA, C. (1974–77) – O Grupo de Palmela no quadro da cerâmica campaniforme em Portugal. *O Arqueólogo Português*. 7:9. pp. 102-112.
- SUARÉZ, J., MÁRQUEZ ROMERO, J. E., CARO, J. L., MATA, E., CUEVAS, P.; JIMÉNEZ-JÁIMEZ, V.; ALTAMIRANO, E.; MILESI, L.; CRESPO, E. (2013) – Excavaciones arqueológicas en la Puerta 1 del yacimiento de Perdigões (Reguengos de Monsaraz, Portugal). Universidad de Málaga, Campaña de 2013. *VII Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular*. pp. 281-300.
- TALLENTIRE, J. (2001) – Strategies of Memory: History, Social Memory, and the Community. *Social History*. 34. 67. pp. 197-212.
- THOMAS, J. (2012) – Some deposits are more structured than others. In GARROW, D. – Odd deposits and average practice: a critical history of the concept of structured deposition. *Archaeological dialogues*. 19. pp. 124-127.
- VALERA, A. C. (2000) – Em torno de alguns fundamentos e potencialidades da Arqueologia da Paisagem. *ERA Arqueologia 1*. Lisboa: ERA Arqueologia/Colibri.
- VALERA, A. C. (2003) – Mobilidade estratégica e prolongamento simbólico: problemáticas do abandono no povoamento calcolítico do Ocidente Peninsular. *ERA Arqueologia*. 5. Lisboa: ERA Arqueologia/Colibri.
- VALERA, A. C. (2006) – A margem esquerda do Guadiana (região de Mourão), dos finais do 4º aos inícios do 2º milénio AC. *Era Arqueologia*. 7. Lisboa. pp. 136-210.
- VALERA, A. C. (2008a) – Intervenção arqueológica de 2007 no interior do recinto pré-histórico dos Perdigões (Reguengos de Monsaraz). *Apontamento de Arqueologia e Património*. 1. Lisboa: NIA–ERA Arqueologia. pp. 15-26.
- VALERA, A. C. (2008b) – Mapeando o Cosmos: uma abordagem cognitiva aos recintos da Pré-história recente. *Era Arqueologia*. 8. Lisboa: Era/Colibri. pp. 112-127.
- VALERA, A. C. (2010a) – Construção da temporalidade dos Perdigões: contextos neolíticos da área central. *Apontamentos de Arqueologia e Património*. 5. Lisboa: NIA–ERA. Arqueologia. pp. 19-26.
- VALERA, A. C. (2010b) – Marfim no recinto calcolítico dos Perdigões (I): Lúnulas, fragmentação e ontologia dos artefactos. *Apontamentos de Arqueologia e Património*. 5. Lisboa: NIA–ERA Arqueologia. pp. 31-42.
- VALERA, A. C. (2012) – Ídolos Almerienses provenientes de contextos neolíticos do complexo de recintos dos Perdigões. *Apontamentos de Arqueologia e Património*. 8. NIA–ERA. pp. 19-28.
- VALERA, A. C. (2013) – As comunidades agropastoris na margem esquerda do Guadiana. 2ª metade do IV aos inícios do II milénio A.C. *Memórias d’Odiana*. 6. 2ª Série. EDIA/ DRCALEN.

VALERA, A. C. (2014a) – Continuidades e Descontinuidades entre o 3º e a Primeira Metade do 2º Milénio A.N.E. no Sul de Portugal: Alguns Apontamentos em Tempos de Acelerada Mudança. *Antrope*. 1. Tomar: Centro de Pré-História, Instituto Politécnico de Tomar. pp. 298-316.

VALERA, A. C. (2014b) – *Relatório final da Campanha de Escavação do sítio dos Perdigões (Reguengos de Monsaraz, Évora)*. Relatório policopiado.

VALERA, A. C. (2015a) – Social change in the late 3<sup>rd</sup> millennium BC in Portugal: the twilight of enclosures. In MELLER, H.; RISCH, R.; JUNG, R.; ARZ, H. eds – 2200 BC – Ein Klimasturz als Ursache für den Zerfall der Alten Welt? 2200 BC – A climatic breakdown as a cause for the collapse of the old world. 7<sup>th</sup> Archaeological Conference of Central Germany October 23–26, 2013 in Halle (Saale). pp. 409-427.

VALERA, A. C. (2015b) – *Relatório final da Campanha de Escavação do sítio dos Perdigões (Reguengos de Monsaraz, Évora)*. Relatório policopiado.

VALERA, A. C. (2016) – *Relatório final da Campanha de Escavação do sítio dos Perdigões (Reguengos de Monsaraz, Évora)*. Relatório policopiado.

VALERA, A. C. (2018) – Os Perdigões Neolíticos: Génese e desenvolvimento (de meados do 4º aos inícios do 3º milénio a.C.) *Perdigões Monográfica*. 1. Lisboa: Núcleo de Investigação Arqueológica (NIA) / ERA Arqueologia S.A.

VALERA, A. C. (2020a) – O sepulcro 4 dos Perdigões. *Monografias dos Perdigões*.

VALERA, A. C. (2021b) – Death in the Occident Express: about the social breakdown in Southwest Iberia in the end of the 3<sup>rd</sup> millennium BC. In SOARES LOPES, S.; GOMES, S. (eds) – *In between the 3<sup>rd</sup> and 2<sup>nd</sup> millennia BC: which turning points?*. Oxford: ARCHAEPRESS.

VALERA, A. C., ANDRÉ, L. (2016/2017) – Aspectos da Interacção Transregional da Pré-História Recente do Sudoeste Peninsular: interrogando as Conchas e Moluscos nos Perdigões. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 23. pp. 189-218.

VALERA, A. C.; BASÍLIO, A. C. (2017) – Approaching Bell Beakers at Perdigões enclosures (South Portugal): site, local and regional scales. In GONÇALVES, V. S. (ed.) – Sinos e taças junto ao oceano e mais longe. Aspectos da presença campaniforme na Península Ibérica. *Estudos & Memórias*. 10. Lisboa. pp. 82-97.

VALERA, A. C.; EVANGELISTA, L. S. (2014) – Anthropomorphic figurines at Perdigões enclosure: naturalism, body proportion and canonical posture as forms of ideological language. *Journal of European Archaeology*. 17: 2. pp. 286-300.

VALERA, A. C.; FILIPE, I. (2004) – O povoado do Porto Torrão (Ferreira do Alentejo). *Era Arqueologia*. 6. Lisboa: Era/Colibri. pp. 28-61.

VALERA, A. C.; GODINHO, R. (2009) – A gestão da morte nos Perdigões (Reguengos de Monsaraz): novos dados, novos problemas. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 17. pp. 371-387.

VALERA, A. C.; GODINHO, R. (2010) – Ossos humanos provenientes dos fossos 3 e 4 e gestão da morte nos Perdigões. *Apontamentos de Arqueologia e Património*. 6. Lisboa: NIA-ERA Arqueologia. pp. 29-39.

VALERA, A. C.; LAGO, M.; DUARTE, C.; EVANGELISTA, L. S. (2000) – Ambientes funerários no complexo arqueológico dos Perdigões: uma análise preliminar no contexto das práticas funerárias calcolíticas no Alentejo. *ERA Arqueologia*. 2. Lisboa: ERA/Colibri. pp. 84-105.

- VALERA, A. C.; MATALOTO, R.; BASÍLIO, A. C. (2019) – The South Portugal perspective. Beaker sites or sites with Beakers?. In GIBSON, A. (ed.) – *Bell Beaker settlement of Europe: the Bell Beaker phenomenon from a domestic perspective*. Oxford: Oxbow Books. pp. 1-23.
- VALERA, A. C.; PEREIRO, T. do (2015) – Os recintos de fossos da Salvada e Monte das Cabeceiras 2 (Beja, Portugal). *Actas del VII Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninsular*. Aroche. pp. 316-327.
- VALERA, A. C.; REBUGE, J. (2011) – O Campaniforme no Alentejo: contextos e circulação. Um breve balanço. *Arqueologia do norte alentejano: Comunicações das 3<sup>as</sup> Jornadas*. Câmara Municipal de Fronteira. pp. 111-121.
- VALERA, A. C.; SANTOS, H.; FIGUEIREDO, M.; GRANJA, R. (2014a) – Contextos funerários na periferia do Porto Torrão: Cardim 6 e Carrascal 2. In 4<sup>o</sup> Colóquio de Arqueologia do Alqueva. O plano de rega (2002–2010). *Memórias d’Odiana*. 2:14. Edia/DRCALLEN. pp. 83-95.
- VALERA, A. C.; SILVA, A. M.; CUNHA, C.; EVANGELISTA, L. (2014c) – Funerary practices and body manipulation at Neolithic and Chalcolithic Perdigões ditched enclosures (South Portugal). In VALERA, A.C. (ed.) – *Recent Prehistoric Enclosures and Funerary Practices in Europe*. BAR. *International Series*. 2676. pp. 37-57.
- VALERA, A. C.; SILVA, A. M.; MÁRQUEZ ROMERO, J. E. (2014b) – The temporality of Perdigões enclosures: absolute chronology of the structures and social practices. *SPAL*. 23. pp. 11-16.
- VALERA, A. C.; ŽALAITĖ, I.; MAURER, A. F.; GRIMES, V.; SILVA, A. M.; RIBEIRO, S.; SANTOS, J. F.; BARROCAS DIAS, C. (2020b) – Addressing human mobility in Iberian Neolithic and Chalcolithic ditched enclosures: The case of Perdigões (South Portugal). *Journal of Archaeological Science: Reports*. 30. pp. 102-264.
- VALERA, A. C.; BOTTAINI, C.; BASÍLIO, A. C. (2020a) – A deposição de uma alabarda em contexto Campaniforme na área central do Recintos dos Perdigões (Reguengos de Monsaraz). *Apontamentos de Arqueologia e Património*. 14. Lisboa: NIA–ERA Arqueologia. pp. 41-49.
- VALÉRIO, P., SOARES, A. M. M., ARAÚJOA, M. F., DA SILVA, C. T.; SOARES, J. (2007) – Vestígios arqueometalúrgicos do povoado calcolítico do Porto das Carretas (Mourão). *O Arqueólogo Português*. 4:25. pp. 177-174.



---

**FIGURAS**  
FIGURES

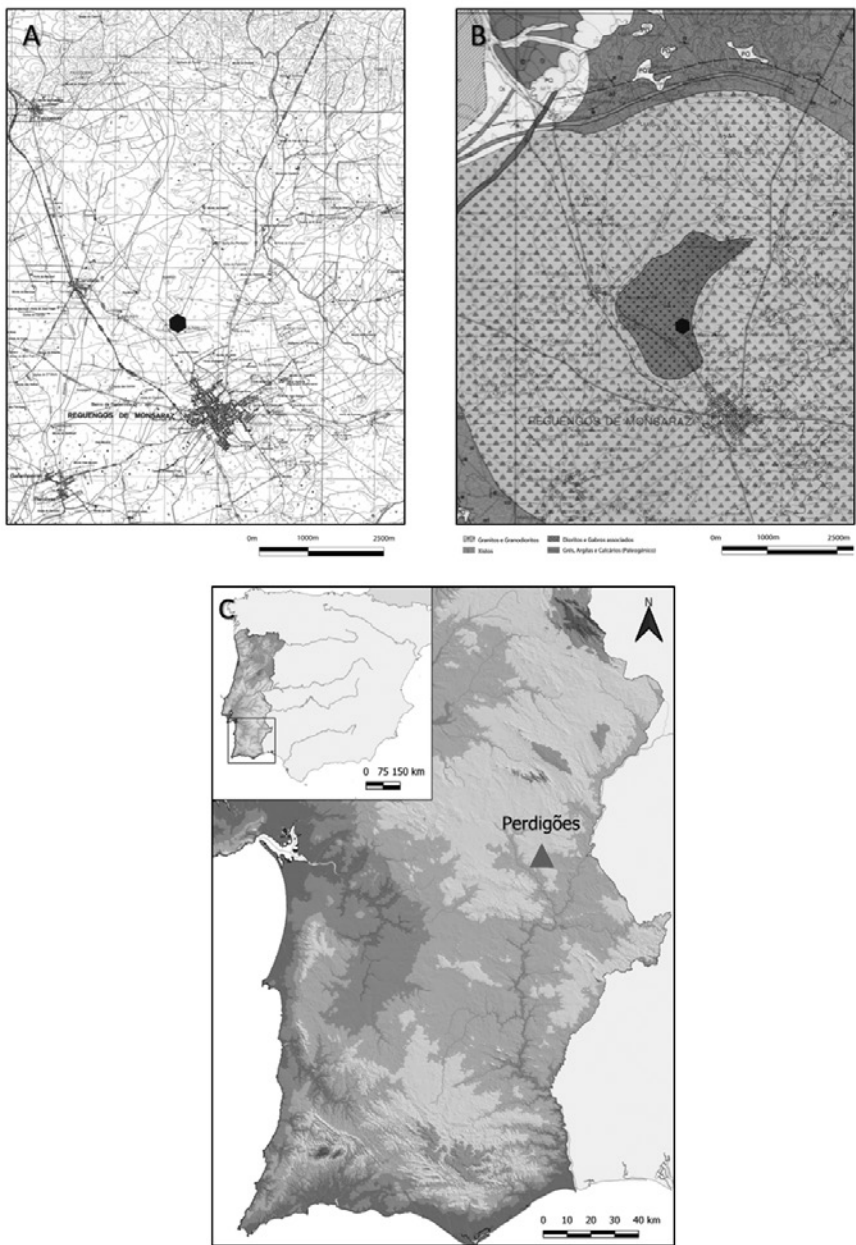


Figura 1 – Implantação do sítio dos Perdigões. A) Carta militar 1:25000 nº 473; B) Carta Geológica 1:50000 40-B de Reguengos de Monsaraz; C) Na Península Ibérica e em Portugal.

Figure 1 – Perdigões site location. A) Carta militar 1:25000 no.473-B) Carta Geológica 1:50000 40-B de Reguengos de Monsaraz; C) In the Iberian Peninsula and Portugal.

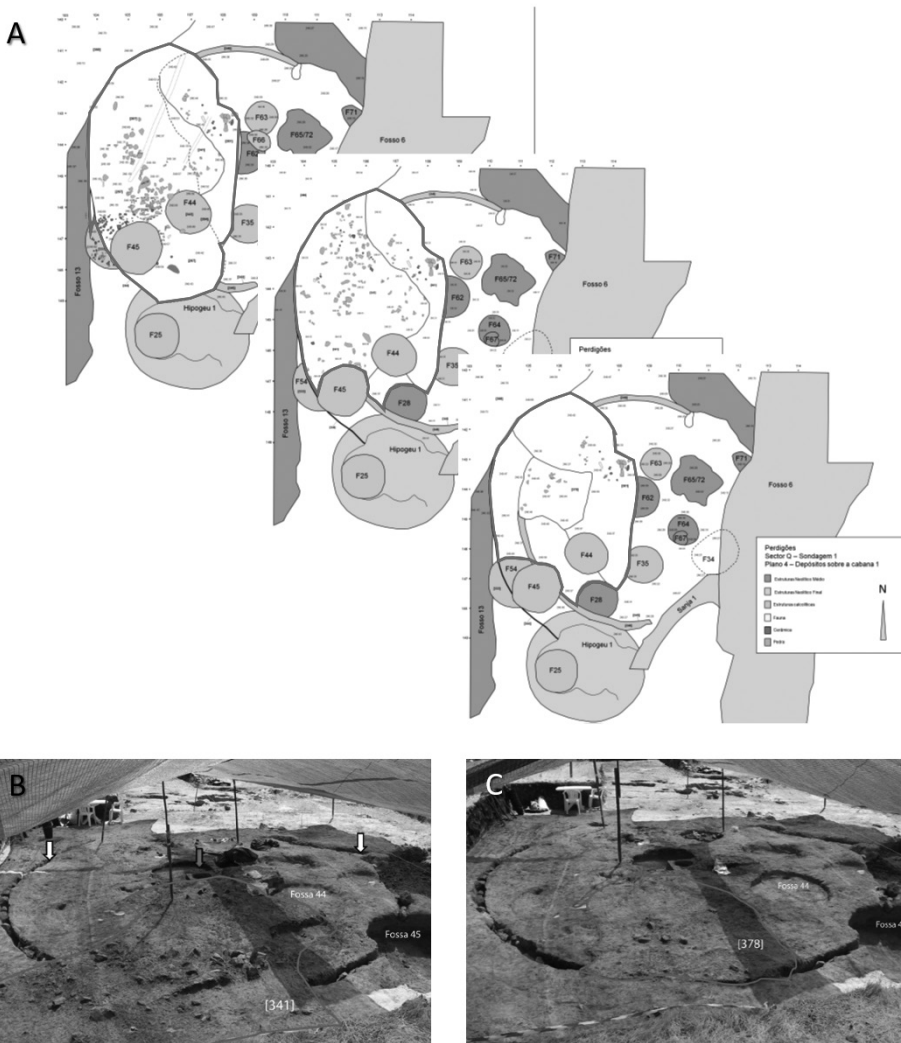


Figura 2 – Contextos estudados atribuíveis à Fase 1. A) Sucessão de depósitos; B) Relação com os contextos da Fase 2; C) Último depósito da Fase 1. Desenhos e fotografias de António Valera.

Figure 2 – Studied contexts ascribed to Phase 1. A) Sequence of deposits; B) Relation with Phase 2 contexts; C) Last Phase 1 deposit. Drawings and photographs by António Valera.

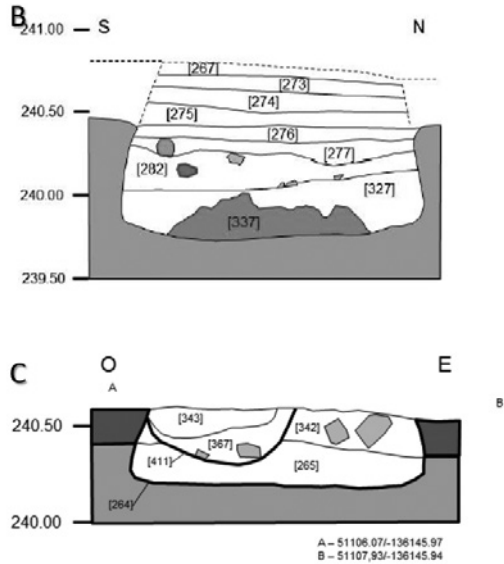


Figura 3 – Contextos estudados atribuíveis à Fase 2. A) Deposição de Canídeo; B) Corte da Fossa 45; C) Corte das fossas 44 e 73. Desenhos e fotografias de António Valera.

Figure 3 – Studied contexts, ascribed to Phase 2. A) Canine deposition; B) Pit 45 cross-section 45; C) Pits 44 and 73 cross-section. Drawings and photographs by António Valera.



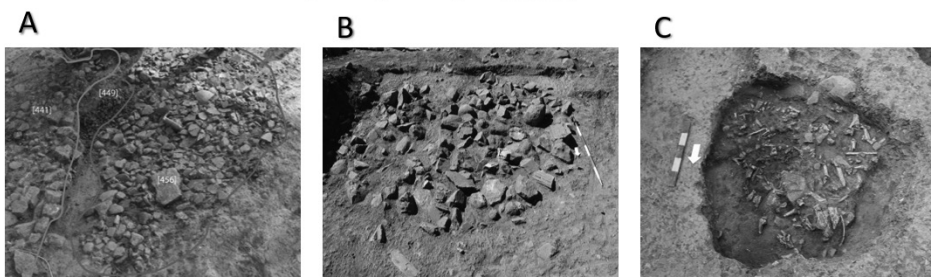
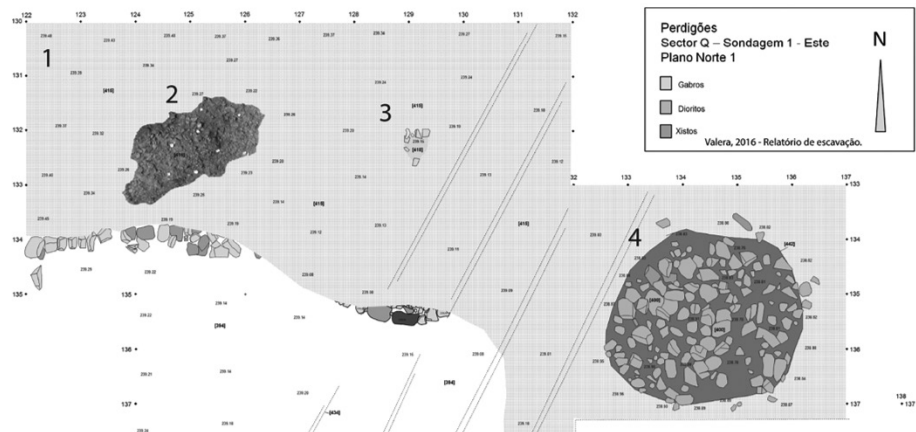


Figura 4 – Contextos estudados atribuíveis à Fase 3. 1) Depósito [415]; 2) “Pavimento”; 3) Lareira; 4) Cairn. A) Sucessão de deposições no “Pavimento”; B) Plano inicial do Cairn; C) Deposição de fauna na Fossa 79. Desenhos e fotografias de António Valera.

Figure 4 – Studied contexts ascribed to Phase 3. 1) Deposit [415]; 2) “Pavement”; 3) Hearth; 4) Cairn. A) “Pavement”, sequence of depositions; B) Cairn, initial ground plan; C) Faunal deposition in Pit 79. Drawings and photographs by António Valera.

Proveniência	U.E.	Amostra	Ref.	Data BP	CalBC	Bibliografia
Depósitos pós cabana 1	[267]	Cervus elaphus	ICA-16B/0914	4030±30	2626 – 2473 (95,4%)	Valera, Basílio, 2017
Fossa 45	[279]	Canis	ICA-15R/1253	3820±30	2448 - 2446 (0,2%) / 2436 - 2420 (1,4%) / 2405 - 2378 (3,5%) / 2350 - 2193 (84,9%) / / 2177 - 2144 (5,3%)	Valera, Basílio, 2017
Fossa 79 / Cairn	[500]	Cervus elaphus	ICA-16B/0913	3690±30	2196 - 2171 (4,6%) / 2146 - 2010 (85,6%) / / 2001 - 1977 (5,1%)	Valera, Basílio, 2017
Fossa 79 / Cairn	[488]	Fauna	ICA-17B/0104	3650±30	2199 - 2164 (8,7%) / 2151 - 2017 (84,5%) / / 1995 - 1981 (2,2%)	Valera, Basílio, 2017
Depósito pós cabana 2	[418]	Cervus elaphus	ICA-16B/0939	3700±30	2135 - 1939 (95,4%)	A.C. Valera - data inédita obtida no âmbito do projecto MOBINTER PTDC/EPHARQ/0798/2014.

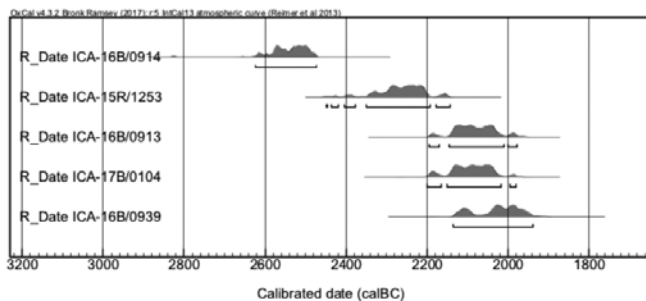


Figura 5 – Datações disponíveis para os contextos estudados no âmbito da dissertação de Mestrado.  
Figure 5 – Available datings for the contexts studied in the scope of the Master's dissertation.

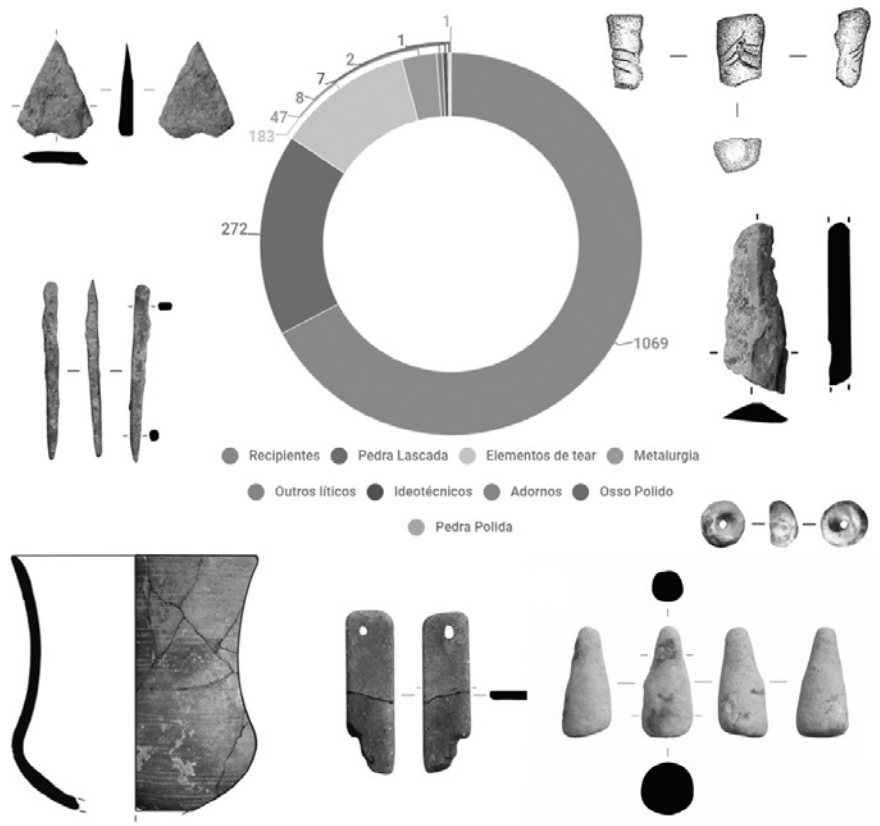
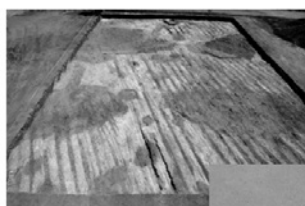


Figura 6 – Representatividade de cada categoria artefactual e exemplos dos materiais trabalhados.  
 Figure 6 – Representativity of each artefactual category and examples of the worked materials.



- ⊕ Novidade
- ⊕ Intensificação
- ▣ Continuidade



## Fosso 1

Abertura/modificação ⊕ ▣

Orientação ▣

Deposições estruturadas ▣

*Recuttings* ▣

Materiais exógenos ⊕ ▣

Campaniforme ⊕

## Sepulcro 2

▣ Reutilização

▣ ⊕ Materiais exógenos

▣ ⊕ Metalurgia

▣ Correspondência identitária?

Figura 7 – Evidências de continuidade, descontinuidade e intensificação no Fosso 1 e Sepulcro 2 do Complexo de Recintos dos Perdígões. Fotografia de António Valera (fragmento de ouro); de Márquez Romero *et al.* 2013 (fotografia da porta do Fosso 1) e Márquez Romero *et al.* 2011b (magnetograma).

Figure 7 – Evidence of continuity, discontinuity and intensification at Pit 1 and Sepulchre 2 of Perdígões Enclosure Complex. Photographs: António Valera (gold fragment); Márquez Romero *et al.* 2013 (Pit 1 door) and Márquez Romero *et al.* 2011b (magnetogram).

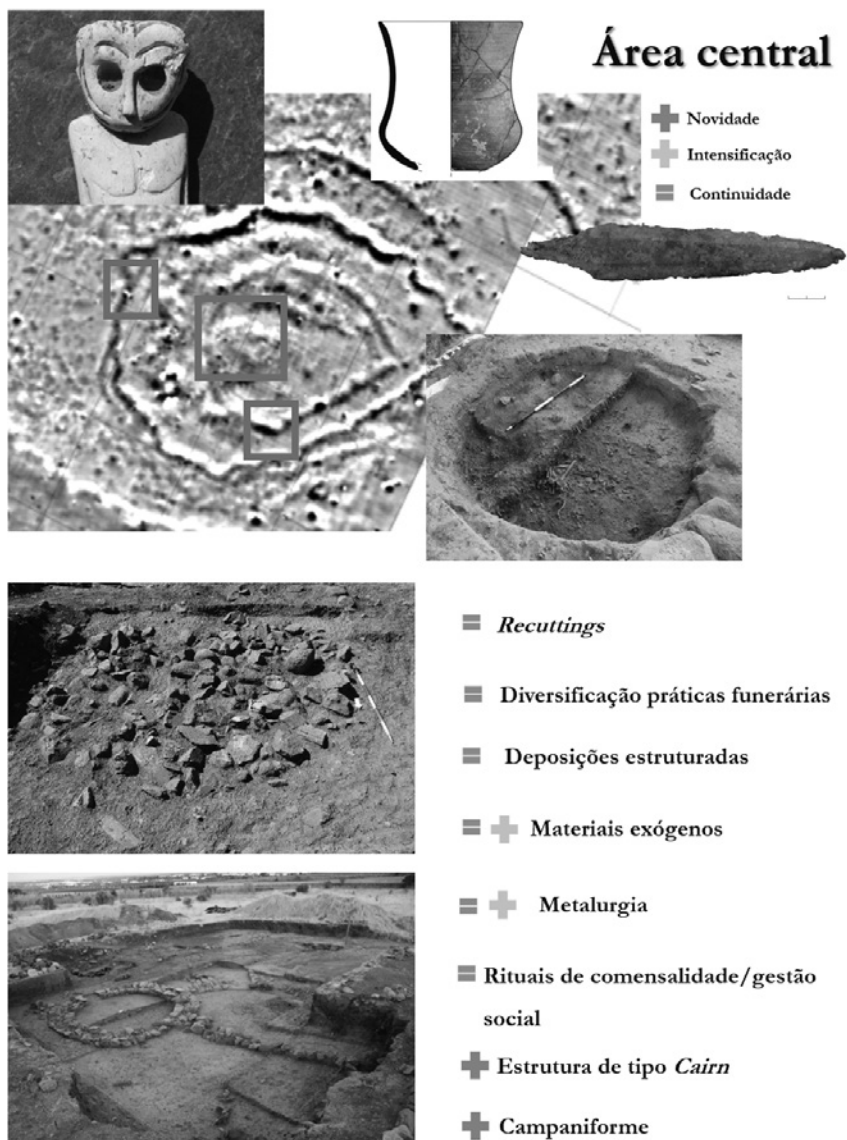


Figura 8 – Evidências de continuidade, descontinuidade e intensificação na área central do Complexo de Recintos dos Perdigões. Fotografias de António Valera e magnetograma de Márquez Romero *et al.* 2011b.  
 Figure 8 – Evidence of continuity, discontinuity and intensification in the central area of Perdigões Enclosure Complex. Photographs by António Valera; magnetogram after Márquez Romero *et al.* 2011b.



# THE OCCUPATIONAL DYNAMICS OF THE SECOND HALF OF THE 3<sup>RD</sup> MILLENNIUM BC AT PERDIGÕES: CONTINUITIES AND DISCONTINUITIES

---

Ana Catarina Basílio

catarinasbasilio@gmail.com

Interdisciplinary Center for Archaeology and Evolution of Human Behaviour (ICArEHB) / Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT). Faculdade das Ciências Humanas e Sociais, Universidade do Algarve, Campus de Gambelas, 8005-139 Faro. ID ORCID: 0000-0001-7999-3831

## Abstract

This text will summarize the subjects addressed in the Master's dissertation titled *Dinâmicas ocupacionais na segunda metade do 3º milénio BC nos Perdigões: continuidades e descontinuidades* (2017), whose main objective was to characterize and understand the "Bell Beaker" dynamics of the second half of the 3<sup>rd</sup> millennium BC at the Perdigões archaeological site and the surrounding region.

A comprehensive panorama of material, architectural, funerary and practices continuity throughout the second half of the 3<sup>rd</sup> millennium BC was thus identified. However, some evidence of intensification (metallurgy) or discontinuity (technology and settlement networks) was also recognized, even if they are not very meaningful within the identified scenario. The latter include the Bell Beaker materials themselves, which, as the material expression of artefactual novelties, were reinterpreted and used in non-funerary social practices and rituals, without affecting the internal cohesion of Perdigões, nor the social dynamics of the Alentejo region.

To sum up, in a context of cultural and social continuity Bell Beaker was diluted in the practices and activities of management, negotiation, acceptance and rejection of the Chalcolithic communities, blending with other intensifications and discontinuities in a trajectory which eventually culminated in the ending of "Chalcolithic life", by late 3<sup>rd</sup> millennium BC.

**Keywords:** Perdigões, Chalcolithic, Bell Beaker, Continuities, Discontinuities.

## ACKNOWLEDGEMENTS

I would like to thank the Associação dos Arqueólogos Portugueses for being awarded the Eduardo da Cunha Serrão Award (Master's dissertation) in 2019 and also for the opportunity to publish the present monograph.

I would also like to take this opportunity to single out my tutors, António Valera and António Faustino de Carvalho, and thank them for all the tips, help, incentives and opportunities that contributed to the completion of this work and to my development as a researcher. Many thanks to all institutions (ERA, ICArEHB), colleagues (Ana Jesus, Iô and Ricardo) and friends for their understanding and support. And a huge thank-you to Mr. Fernando and Mrs. Natália.

To my family, for all my absences. To my grandparents Ana and Chico, who would have been so proud of me. To Joana and João Basílio, from whom I got this unique fondness for the land. To my mother and sister, for always encouraging me to follow this path. To my father, to whom I owe this passion for Archaeology. This book is yours too.

To André, who was more than I could ask for.

## 1. TO THE "DEATH OF PIECE OF MIND"!

This publication results from the 2019 Eduardo da Cunha Serrão Archaeology Award granted to the Master's dissertation titled *Dinâmicas ocupacionais na segunda metade do 3º milénio BC nos Perdigões: continuidades e discontinuidades*. This dissertation was directed by António Valera and António Faustino de Carvalho and defended in February 2018, at the Universidade do Algarve. Furthermore, it integrated the research plan of the project PTDC/EPH-ARQ/0798/2014 – MOBINTER – *Mobilidade e Interacção na Pré-História Recente do Sul de Portugal: o papel dos centros de agregação*.

This publication – also due to space constraints – aims at presenting a brief summary of the Master's dissertations' main conclusions. As such, no methodological considerations shall be included and the overall framing of the Perdigões Enclosure Complex and the results of the study of materials will only be briefly addressed. Notwithstanding, the full text is available as an annex (one text volume and a graphic support volume), on the online version or in the author's academic platforms (ResearchGate and Academia.edu).

A final note regarding the existence of some information that appears in this text, but which is not included in the text of the Master's dissertation. This results from the regular works concerning the Perdigões site, as well as from developments in other scientific areas (Archaeogenetics), which have given rise to new questions and material, radiometric and interpretative data since the submission of the original dissertation in 2017.



This monograph also integrates the PhD grant SFRH/BD/135648/2018, funded by the Fundação para a Ciência e Tecnologia, titled *O final do 3º milénio BC no Sul de Portugal: Razões para o colapso da trajectória social vigente*.

## **2. AGENDA AND STRUCTURE OF THE DISSERTATION**

At the beginning of a dissertation, the questions, paths and contours of the work are still not entirely clear, reflecting a process of independent and personal growth, learning and maturation. The final objective is to answer the guiding questions in the most clear and knowledgeable way.

In this particular case, a central question has been asked – what was the impact of Bell Beaker at Perdigões and the surrounding region? From this question, and with a view to understanding the diversity and variability inherent to the Bell Beaker phenomenon in the specific region of the Vale do Álamo Creek basin and adjacent areas, we established the objective of recognising signs of continuity or discontinuity in relation to the immediately preceding Chalcolithic reality. Nevertheless, the considerations presented here illustrate the provisional character of archaeological work, where interpretive variability results essentially from the influences and choices of the researcher.

In order to answer this central question, it was fundamental to understand, from a theoretical point of view, the previous theories concerning Bell Beaker research and how the major European currents and questions influenced the analyses at regional level (vol.1: ch.2). The latter have consequently shaped and structured the thinking and discourse used herein, this work being a mixture of influences and readings, aimed at highlighting the social dimension of the phenomenon, and not only its material remains.

This exercise is followed by the necessary framework and presentation of the object of this study: defining the region, the archaeological site and the contexts. In chronological terms, a three-part sub-phasing was defined within the second half of the 3<sup>rd</sup> millennium BC, in order to group and compare the archaeological realities (vol.1: ch.3).

The scope of action has been defined and carefully explained in methodological terms, providing the study with replicability and confirmation (vol.1: ch.4). Nonetheless, it must be acknowledged that these realities were grouped and considered bearing the central question in mind, which led us to enhance certain characteristics over others during the study of materials (vol.1: ch.5).

The data and the conclusions are presented in the two final sections of this study, firstly concerning the internal dynamics of the Perdigões site (vol.1: ch.6), followed by an analysis on a regional scale (vol.1: ch.6), assuming from the outset that the studied sites were not sealed and isolated.

In short, the script followed in the Master's dissertation itself and in this monograph

aims at answering this question: what was the impact of Bell Beaker on Perdigões and the surrounding region? What continues and what changes in the region of the Vale do Álamo Creek basin?

We do acknowledge, however, that there is a silent Past, unreachable for the Archaeologist, due to issues of conservation and disturbance of the archaeological record. One may also consider a Past that may have been intentionally silenced by the communities under study, giving rise to “staged/falsified narratives”. This leaves only a tiny part of these groups, restricted by nature, from which theories and models on the communities of the second half of the 3<sup>rd</sup> millennium BC are built on. The pace of research itself also contributes to a constant process of revisitation and reinterpretation. This is, for example, the justification for the limited considerations on recent archaeogenetic studies throughout the dissertation, and yet nowadays (2020) these contributions to the gauging of the social complexity and identity of the Iberian Peninsula are undeniable.

### **3. FRAMEWORKS**

#### **3.1. The theoretical point of view**

Developing a study that takes into account the regional features of the Bell Beaker phenomenon necessarily requires reflection and pondering the terminologies, concepts and perspectives to be enhanced. Therefore, the influence of the various theoretical currents that make up the biography of these problems and of the region under study must be recognised, with the appropriate historical contextualisation. In the present approach, considering the timing of its production, a symbiosis between the various interpretive currents is inevitable, even if it denotes a closer relationship with post-processual interpretations.

These interpretations feature a particular enhancement of the social component of the Bell Beaker phenomenon, with research agendas focusing on local or regional issues in most cases. The secondary role of the broader approaches, which focused on the search for the “Bell Beaker People and Culture”, is justified, as such, by the chronological fine-tuning of the material expressions of this reality, as well as by the extensive characterization of the behaviours, materialities and practices associated with it.

This empirical and theoretical increase is also the reason for the conceptual use of the term “Bell Beaker phenomenon”, which replaces the previous “Bell Beaker culture”, “Bell Beaker horizon” and the less and less used “Bell Beaker package” (Linden, 2013; Prieto Martínez, 2008). This concept arose in an attempt to group, under a short expression, all the diversity and variability inherent to this phenomenon, making it possible to address this chronology, its artefacts, its practices and all the existing divergences without limiting them. At the same time, it enables considering all the above in the scope of

an idea of supra-regional identity sharing. When speaking about the Bell Beaker phenomenon we are recognizing that this reality is extremely complex and variable (like the individuals behind it), without reducing it to a culture, people, horizon or package. The term phenomenon thus supports the existence of a unity/tendency, assuming a sharing on a broader scale and, at the same time, a recognition of diversity, when the analysis is more focused and centred on certain specific areas.

However, even if this panorama is still dominant in scientific discourse, it is possible to perceive an upsurge in the search for the Bell Beaker, triggered by the inputs derived from the increase in ancient DNA research (Olalde *et al.* 2018; Olalde *et al.* 2019). The contribution of the “Yamnaya Culture” (bearers of the haplogroup R1b-M269) to the origins and possible diffusion of the Bell Beaker materialities and practices, the hypothetical “Beaker Folk” (Brodie, 1994), has brought the current discourses closer to the approaches of the 20<sup>th</sup> century. Even so, we are still missing a combination and symbiosis between ancient DNA data and the archaeological record, which will allow the construction of an empirically and theoretically substantiated historical narrative on the human groups contemporaneous with the Bell Beaker (Basílio, 2020).

Many of these interpretive issues also apply in the specific case of the area under study, although the scale of analysis as well as the available data are very disparate as far as the study of the “Bell Beaker chronology” in the Vale do Álamo Creek is concerned.

The first constraints concern the small number of sites with elements ascribable to the Bell Beaker phenomenon throughout the 20<sup>th</sup> century. The presence of large clusters in the Lisbon and Setúbal Peninsulas and in the Madrid area ended up diverting the attention from the Alentejo and particularly from the Alamo Valley basin and immediate left bank, thus perpetuating the invisibility of the material component. These paces persisted over time, until the middle of the 20<sup>th</sup> century, supported by explanatory theories that assumed the megalithic phenomenon as a physical and identity barrier. This barrier would have delayed and limited the Bell Beaker expansion, this being the reason for the absence of this “culture” in Alentejo (Leitão *et al.* 1987). It was only with the most recent studies, both by Richard Harrison (1977) and those derived from the construction of the Alqueva Dam, that this panorama was changed.

Following the increase of the empirical bases, two major interpretive currents have been suggested for the Bell Beaker presence in southern Portugal:

1. The materiality and the Bell Beaker phase (and also Chalcolithic in general), is interpreted in a progressivist evolutionary way. It is accepted that the collapse of the existing social system would have begun in the middle of the 3<sup>rd</sup> millennium BC, with an increase in social differentiation underpinned by a controlled system of unequal exchanges, in which Bell Beaker would play a determining role, as well as by the appropriation of the production of the various available technologies, in an organi-

sation similar to the “feudal” system (with omniscient and conspicuous leaders, supported by fluctuating “factions” on a regional scale) (Soares, 2013). This comparison of Chalcolithic organisation to the feudal system is quite risky, since the feudal organisational model was conceived as a concept associated with a specific society, and it is necessary to question whether extrapolations and comparisons can be made between medieval feudalism and Chalcolithic communities. Furthermore, the empirical limitations supporting the forwarded hypothesis are a major problem. It must be stressed that anthropic and environmental processes directly affect our reading of the concerned sites (Soares, 2013). Curiously enough, the effect of theoretical currents on the interpretive hypotheses about the past is not taken into account.

A more moderate, or even “hybrid”, perspective in relation to the previous one, features the social interpretations for the presence of the Bell Beaker phenomenon as the main point of divergence:

2. It is suggested that the social function of Bell Beaker ceramics is differentiated (Mataloto *et al.* 2015). Its inclusion, as a participatory element, in ceremonies to strengthen identity and/or recall and maintain the social memory of the space, makes Bell Beaker an element of action, evocation and homage to the ancestors. These appear in contexts of revisitation of ruins, amortizing and simultaneously enhancing the previous occupations (Mataloto *et al.* 2015). Bell Beaker gains a greater diversity in terms of social performance, but it is still considered that pottery and the remaining Bell Beaker “package” gain prominence when the Chalcolithic human paradigm collapses, materializing in new ways of occupying space, with a widespread population, with greater group fragmentation, in open areas, and accepting social stratification and the affirmation of old/new lineages (Soares, 2003).

In a more comprehensive line, integrating sites, landscape, chronology, structures and artefacts:

3. The Bell Beaker assemblages of Alentejo are represented by small numbers of fragments, which result in even smaller minimum numbers of containers. This reality allows us to point out the existence of a “phase with Bell Beaker” instead of a “Bell Beaker phase” for the Alentejo region. Arguably, Bell Beaker was added to a moment of intensification of pre-existing practices and emergence of new expressions, essentially related to architectural (new architectures such as stone huts or towers, previously unrelated to the Bell Beaker phenomenon), technological (copper metallurgy) and relational issues (interaction between communities expressed in the increased consumption of exotic goods). Although these changes can be detected, Bell Beaker ceramics seem to be integrated in archaeological contexts (Valera, 2006), without any evidence of ruptures in social dynamics and practices; the same can be said regarding the other elements that are typically associated with it (even if

they are not simultaneously present) - such as metal, ivory and gold elements (Valera, Basílio, 2017). This hypothesis considers and studies the Bell Beaker phenomenon from an integrative perspective, focusing on the existing problems and data for the Alentejo region, and accepting that Bell Beaker does not necessarily have an exclusive use, but was biased towards its exclusion from the funerary world and included in contexts of life (Valera *et al.* 2019).

In short, the core of the theoretical issue regarding Bell Beaker in southern Portugal, a summary of the whole biography of this phenomenon, is to try to understand its role and relationship with the pre-existing realities, in an attempt to recognise continuity and inclusion in a social trajectory of emulation and competition, or rupture and alteration. It is also necessary to think about how both realities combined and coexisted within a single archaeological site (such as Perdigões), as well as in the region where it is situated.

### **3.2. The archaeological site and its location**

After more than 20 years of continuous research, the Perdigões Enclosure Complex is one of the most researched and published archaeological sites of Iberian Late Prehistory (Lago *et al.* 1998; Valera, 2008a; 2010a; 2015a; 2018; Valera, Evangelista, 2014; Valera *et al.* 2000; 2014a; 2014b; Valera, Basílio, 2017).

The site is located in Reguengos de Monsaraz, about 35 km from Évora (southern Portugal), extending over approximately 16 ha of which a large percentage belongs to the Herdade do Esporão estate. The site occupies the western extremity of the Vale do Álamo Creek (Lat. 38.441789° / Long. -7.545106), a natural amphitheatre integrated in a platform with light slopes, which restrict its viewshed over the valley that develops to the east (following the orientation of the site itself – NE/SW). To the east, over the horizon, lies the elevation where Monsaraz is currently located and the plain densely occupied by the megalithic complex of Reguengos de Monsaraz. The site reaches 252 m at its highest absolute elevation, and 226 m at its lowest point, not standing out in the landscape. However, it shows a clear intentionality and planning prior to its implantation, illustrating a purposeful spatial concealment, simultaneously pre-defining an unlimited visual horizon to the east (at any point of the enclosure), as a result of the symbiosis between relief and architecture.

From a geological point of view, the Reguengos de Monsaraz peneplain is largely composed of granite, due to the Reguengos de Monsaraz Eruptive Massif (Duarte, 2002). However, the Perdigões site is located in the only area of the valley where the soils are relatively soft, consisting essentially of outcrops of highly altered gabbros and diorites, contrasting with the geology of the rest of the valley. This feature enables the occurrence of countless negative structures. So far, hundreds (if not thousands) of pits have been identified, including 16 ditches with a circular trend, which form enclosures

of different chronologies and dimensions. Other anthropic features have also been recorded, namely ground levelling, henges, a cairn, three tholoi, a cromlech and also huts, radial walls and several positive stone structures. Throughout the site's long occupation, spanning 1,500 years, it is possible to realize the constant presence of astronomical relations, the persistence of a tendency towards circularity and concentricity, the recurrence of practices and materialities, or even the presence of funerary structures and human remains depositions (Valera, 2012; 2018; Valera *et al.* 2014a; Valera, Godinho, 2009; 2010). This coexistence is particularly striking in the superposition and concentration of structures, materialities and practices observed at the central point of this enclosure complex (Valera *et al.* 2014a; Valera, 2018). This has been interpreted as a sign of the persistence and continuity of the ideological, symbolic and cosmological system of the groups that converged at Perdigões throughout its biography, between the end of the Middle Neolithic and the beginning of the regional Bronze Age (Valera, Basílio, 2017; Valera, 2018). However, the constructive diversity, coupled with the size of the site under study, indicates that Perdigões is not just a single archaeological site, but several "Perdigões", resulting from the intersection of the time, space and practices variables (Valera *et al.* 2014a; Valera, 2018).

### 3.3. Studied contexts and temporalities

Considering the contextual, material and chronological richness of the Perdigões Enclosure Complex, a number of contexts from the second half of the 3<sup>rd</sup> millennium BC were selected as an empirical basis for the understanding of continuities and discontinuities. These contexts have been fully intervened and reliably dated, absolutely or relatively. All are located in the central area of the enclosure and closely related to other coeval or immediately preceding / subsequent contexts. The concentration of Bell Beaker ceramic fragments is also located in the central area of the site (Valera, Basílio, 2017; Valera *et al.* 2020a) according to data from the recent 2018/2019 interventions; therefore, a micro-approach to this specific area would seem appropriate.

According to the radiometric data, the analysed structures are arranged in three chronologically differentiated phases:

- **Phase 1** (2600-2400 BC): corresponds to the series of deposits postdating hut 1. The latest deposit was dated to the beginning of the second half of the 3<sup>rd</sup> millennium BC, on a *Cervus elaphus* bone (Valera, Basílio, 2017).
- **Phase 2** (2400-2200 BC): composed of a set of three pits (44, 45 and 73) with anthropic infills. No radiocarbon dating are available for pits 44 and 73, but pit 45 yielded a canine deposition, whose dating indicates that it postdates Phase 1.
- **Phase 3** (> 2200 BC): features a spatially extensive deposit – [415] –, a small hearth, a structured deposition of ceramic and stone elements (with four deposition mo-

ments – referred to as “pavement”) and also a stone cairn. The latter covered two pits, one of them featuring various episodes of deposition of faunal elements (Pit 79). The contextual and interpretative complexity of Phase 3 has already been the subject of a specific study (Basílio, Cabaço, 2019), and supports commensality practices in the central area of Perdigões at a late moment of the 3<sup>rd</sup> millennium BC. This is the best dated Phase, with three datings: the deposit was dated to the transition to Bronze Age, which was already suggested by the recovered materials. Two other dates were obtained from the cairn and are compatible with the last two centuries of the 3<sup>rd</sup> millennium BC.

The chronological phasing defined in the Master’s dissertation is based on the structures above referred to. These structures are contemporaneous with other, quite diverse contexts spread throughout the archaeological site. We would nevertheless stress that the contemporaneity referred to herein results from radiocarbon datings and, as such, may not effectively represent the reality of the site, nor experience on a human scale. Still, it serves as an indication for an approximate understanding of the existing social dynamics and practices.

During **Phase 1**, as defined here, Perdigões would be an extremely active site, at the beginning of a resizing process. Some funerary structures annexed to the contexts of this Phase are contemporaneous, such as the cremations found in Pit 16 and Environment 1, as well as the secondary depositions identified in the Sepulchre 2 (Valera, Basílio, 2017; Valera *et al.* 2014b). The construction and infilling of Pit 1 and Pit 7 began at this moment as well (Valera *et al.* 2014b). These practices are still present in **Phase 2**, continuing the process of modification and/or infilling of pre-existing structures (Environment 1, Sepulchre 2 and Pit 7), as well as the opening of new features that cut the previous deposits, e.g. Pits 44 and 45 (Valera, 2015b). The infilling of Pit 1 was intensified, as pits were dug into the oldest deposits, and there is evidence of a possible alteration of the enclosure’s outer structures – a stretch of ditch with what appears to be a palisade that would initially condition and predefine the paths to be taken in order to access the enclosure’s door (Súarez *et al.* 2013). **Phase 3** features some of the most recent contexts identified so far at Perdigões (Valera, Basílio, 2017). These structures and deposits are part of a phase that arguably underwent a slowdown of previous practices - no new ditches were being dug and the previous ones were probably completely or nearly infilled; there are no signs of funerary practices (Valera, Basílio, 2017). However, deposition practices and the construction of new structures in the central area of the enclosure persist. Both the Cairn, the deposits postdating Hut 2 and the “pavement” would still be contemporaneous with a late and rather large U-shaped stone structure of the central area, which has not yet been completely excavated (Valera, 2014c).

More recent data, from the 2018/2019 interventions, support the complexity of this

scenario of contemporaneities during the second half of the 3<sup>rd</sup> millennium BC, with the integration of the Bell Beaker depositions of the central area of the enclosure (Valera *et al.* 2020a) and the information from the Sepulchre 4 of Perdigões (Valera, 2020a).

In short, the indicators available so far suggest a generalised continuity of architectures and practices up to ca. 2200 BC, with some changes essentially concerning artefacts (Bronze Age forms), resulting from interaction practices with different cultural environments. However, clear signs of rupture have not been identified, which supports the overall continuity that has been suggested until the present study.

#### 4. MATERIALITIES AND THE IDENTIFIED TRENDS

The assemblage of materials studied reached a total of 12,458 artefacts. Materials were classified according to the traditional categories of artefacts; the three chronological phases defined for the structures were also applied to this part of the analysis.

The study of the **ceramic component** indicated an overall continuity of Chalcolithic practices over a long period of time, which is particularly valid in formal terms. As far as technology is concerned, there seems to be a greater “carelessness” in the treatment of the pastes in Phase 3, contrary to the characteristics of the other phases, mostly featuring finer ceramics, resulting from the choice of naturally purified clays or the careful treatment of the pastes. These changes can be explained by the chronology of these contexts, i.e. early Bronze Age vs. the Chalcolithic chronology of Phases 1 and 2, and by their contemporaneity with a “Chalcolithic world in transformation”. However, the local identity matrix is maintained through the morphologies, despite some slight technological modifications, which would not affect the demonstrative role of the visible component of the ceramic containers (i.e. the forms).

Regarding **loom elements**, this technological change is not noticeable, which can be due to its low numerical expression. Even so, the transition between Phase 1 and Phases 2 and 3 morphologies is notorious, and it might be possible to suggest that the decrease in the number of plaque-like loom elements during the most recent moments could be related to the disappearance of the technique or function associated to these pieces. The same cannot be said of the crescent loom elements, which remain present until the end of the 3<sup>rd</sup> millennium BC.

The **knapped stone** artefacts, scarce by nature in the Perdigões contexts, show features relatively common to the three phases, with a small number of utensils and a large component of débitage products. This is indicative of an expedient productive technology, mainly aimed at obtaining flakes (Almeida, 1998). Some diverging aspects were identified in the most recent phase, more specifically the presence of punctiform platforms during this later moment, which suggests the practice of the pressure débitage



technique using a lever. Furthermore, the presence of exogenous, subsidiary raw materials is indicative of contacts and mobility (of either raw materials or transformed products).

Concerning **ideotechnical materialities**, and even though their numerical representativeness is reduced, they provide insights into the persistence of some rites and practices, mainly due to their presence in Phase 3. The inclusion of a limestone idol and a ceramic idol with “facial tattoos” in the infillings of Pit 79, covered by the cairn, indicates the continuity of a tradition and ideological connection with these particular objects, contradicting the idea of a social and ideological rupture in the transition to the second half of the 3<sup>rd</sup> millennium BC (Valera, 2015a).

**Metallurgy**, historically associated with the Bell Beaker expressions and practices, is poorly represented in the studied contexts, with a particular concentration of elements in the transition to the 2<sup>nd</sup> millennium BC (Phase 3), matching a regional trend (Valério *et al.* 2007; Mataloto *et al.* 2007; Soares, 1992; Valera, Filipe, 2004; Hurtado, 2004). Even so, metallic artefacts (other than slag, foundry drips or ore) are poorly represented; “transitional” pieces associated to Bell Beaker contexts have already been identified in areas located in the vicinity of the contexts under study here (Valera *et al.* 2020a; Basílio, Valera, 2017).

Due to their scarcity, other elements classified in the **polished stone, wrought stone, ornaments** and **polished bone** categories, did not contribute to disclosing any signs of continuity or discontinuity. Even so, they have been studied and characterized; this information is available as an annex, in chapter 5 of Volume 1.

To conclude, the artefactual component indicates a general trend of continuity, expressed in all artefacts, both at production and morphological level. The associations and material repetitions further emphasize this continuity. Having said this, no phenomena of rupture with the pre-existing realities have been identified, and we would stress that the faint individualized discontinuities are centred on the last established phase (Phase 3). These changes are confirmed at the technological level, in the specific case of containers, by a less careful treatment of the pastes or even a change in the raw material sources. Small changes can also be noted in the lithic industry, essentially technical changes in core exploitation. Metals also underwent a chronologically progressive increase in representativeness, with a higher concentration during the end of the 3<sup>rd</sup> millennium BC.

## **5. RITUALS, PRACTICES AND MATERIALS IN THE BELL BEAKER CHRONOLOGY OF PERDIGÕES**

The suggested scenario of continuity has to be framed, contextualized and confronted with the practices identified and conceived for Perdigões. This exercise will consolidate the interpretations and trends already put forward and may change the idea of continui-

ty attested so far. In order to make this exercise compatible with the objectives, the analysis was restricted to the chronology of the Bell Beaker phenomenon in the present-day territory of Alentejo during the second half of the third millennium BC; the continuities/discontinuities will be briefly presented.

## **5.1. Continuities**

### **5.1.1. Reuses of pre-existing structures**

With regard to the reuse of pre-existing structures, we can find two types of example in the Perdigões contexts – the partial emptying of Sepulchre 2 and the recuttings.

Concerning Sepulchre 2, the process of intensifying its use ultimately resulted in the partial cleaning of this monument's funerary chamber (Valera *et al.* 2014c), thus extending its use by creating a new depositional moment. In this "new life" the dilution of the individual in the community was maintained through essentially collective burials with scarce osteological elements preserved *in situ* (Valera, Godinho, 2009). Some elements of the Bell Beaker "set" - buttons with V-shaped perforations and fragments of possible diadems and ornamental gold sheets - also belong to this phase. The presence of only part of the "Bell Beaker package" is already the general rule in southern Portugal, and may not represent a disconnection of Bell Beaker ideas and meanings, but rather a process in which artefacts would function as representations and evocations of other contexts, sites, chronologies and even individuals (Valera, 2010b; Chapman, Gaydarska, 2006), even without the full original Bell Beaker "package". That being said, this Bell Beaker coeval reuse represents the reactivation of this structure, emphasizing a possible identity correspondence between the communities that would visit the site and the pre-existing sepulchre. The same can be suggested regarding Sepulchre 4, intervened in 2018, in which a later moment of reuse was identified, involving the construction of an earthen tumulus, with a central chamber (Valera, 2020a).

As far as recuttings are concerned, this is a long-term practice, which enriches the biography of the structures by renewing/lengthening their use and action. Recuttings ascribed to the second half of the 3<sup>rd</sup> millennium BC were identified in the infilling of Pits 1 and 7. The former structure stands out, corresponding to one of the largest pits of Perdigões, whose construction dates back to the beginning of the second half of the 3<sup>rd</sup> millennium BC (Márquez Romero *et al.* 2011a; 2013). Its digging respected the concentricity of Perdigões and the astronomical orientations reflected in the position of the entrances. Many of the pre-existing structures, such as the tholoi, were included in the enclosure delimited by the ditch (Valera, 2008b; 2015a). Inside the former, the infilling practices find paralleled earlier structures, with the deposition of the "trinomial" common to practically all the contexts of the Perdigões archaeological site – ceramics, stones and fauna – which is repeated again in the infilling of the recutting itself.

Thus, it is possible to understand the cumulative architectural processes redefining the enclosure and it is important to underline that the construction rhythm and, inherently, the practices, were very intense in the phases that precede what seems to be the end of the occupation of Perdigões. The processes of transformation and construction of new realities remained until the end of the 3<sup>rd</sup> millennium BC and at the beginning of the second, contrary to what has been recorded in the habitat sites of the region (Valera, 2013; Soares, 2013; Mataloto *et al.* 2007).

### **5.1.2. Diversification of funeral practices within the enclosure**

One of the most visible practices during the second half of the third millennium BC in the Perdigões enclosure is the deposition of human remains, whether secondary depositions (as referred to concerning sepulchres 2 and 4), depositions of cremated remains (in environment 1 and pit 16), or even depositions represented by isolated anatomical elements recovered from the ditch infillings. These practices are particularly visible in the central area of Perdigões, in Environment 1 and Pit 16 (Valera *et al.* 2014a) and Pits 3, 4 and 7 (Valera *et al.* 2014a), associated with depositions of stone, ceramic and faunal elements. Their presence emphasises the persistence and continuity of this type of practices and rites up to late stages at the site under study. As far as the funerary and depositional realm is concerned, no ruptures or changes resulting from the presence of Bell Beaker elements could be identified.

### **5.1.3. Repeated practices – Structured depositions and commensality rites**

The presence of structured depositions is one of the main repetitions that characterize not only the set of practices during the second half of the 3<sup>rd</sup> millennium BC at Perdigões, but also its entire biography. This practice can be considered regarding the stone depositions identified inside Pits 1, 4 and 7, as well as inside Pit 45, in the way the canid was buried, in the recently identified Bell Beaker depositions (Valera *et al.* 2020a), in the cairn, inside Pit 79 and in the pavement, the latter belonging to the most recent phase identified so far at the Perdigões site (Basílio, Cabaço, 2019). Even so, the term “structured/ritual/intentional/symbolic deposition” has been subject to some divergences, and it seems reasonable to consider a “structured depositions phenomenon”, essentially characterized by the conceptual variety applicable to multiple associations, interpretations, meanings and contexts (Basílio, Cabaço, 2019). Likewise, one could highlight the set of structures known as cairns, which materialize the continuity of structured practices until the end of the 3<sup>rd</sup> millennium BC and, possibly, the practice of rites of commensality and feasts (Basil, Cabaço, 2019), also suggested for other Neolithic and Chalcolithic contexts of Perdigões (Valera, 2015a; 2016; 2018; 2020a; Valera, Basílio, 2017).

The rituals of commensality / feasts, defined by the consumption and sharing of food

and drink beyond daily needs (Dietler, 2011; Dietler, Hayden, 2001; Gamble, 2017; Thomas, 2012), are mainly related to situations related to the social, political, economic, relational and ideological spheres of the communities under study, with an equally important role in strengthening and establishing a shared social memory (Tallentire, 2001), going beyond the “simple” act of eating. Food and drink are part of the material culture and are exclusively produced to be incorporated through their consumption (Dietler, 2011). They are also perishable elements, which shortens their circulation, and are therefore extremely valuable elements, possibly more than other external goods, since they cannot be reused, “reinvested” or displayed (Dietler, 2011). Therefore, the boundary between domestic and ritual is difficult to ascertain, and one could suggest that the practices of commensality and feasting foster the creation of social barriers, while creating and strengthening the notion and feeling of community, even if the rituals and ceremonies may not have been enjoyed by all communities or parts thereof (differences according to gender, age, etc.) (Bradley, 2003). Thus, the alignment of one of the most recent structures identified so far at Perdigões, featuring practices suggested for previous Neolithic and Chalcolithic contexts, facilitates an understanding of a possible persistence of the role of Perdigões as an identity and social management site in the Alentejo region (Valera, 2018).

Another practice that remained, and which may be associated with the presence of Bell Beaker elements in late contexts, is the possibility that these inclusions materialize a process of adaptation to new realities and introductions related to the putative social memory incorporated in the artefacts, to the evocative power associated with them and to processes of reinterpretation and reactivation of previous artefacts (Thomas, 2012). This can be considered not only with regard to Bell Beaker but also with respect to other elements such as idols, symbolically decorated pottery, lunates and other materials throughout the history of Perdigões (Valera, 2010b). These artefacts would function as elements that foster the triggering of memories, bringing the present moment closer to the past. This recovery and legitimation, using previous or contemporaneous artefacts, but which are no longer in circulation, emphasizes the attempt at establishing a correspondence and identity inscription between ancestors and individuals of a period that can be regarded as the final phase of the Neolithic/Chalcolithic social trajectory (Valera, 2021b).

As such, considering the previous interpretations of the Perdigões Enclosure Complex, the suggested repetition of practices, such as rites of commensality or feasts, as well as the timeless repetition of structured depositions and also the willingness of individuals of the “present” to connect and relate with their ancestors, using memory, at the end of the 3<sup>rd</sup> millennium BC, support the notion of an overall continuity of the rites. Furthermore, it also enables the identification of regional and supra-regional social rela-

tions and ties and the existence of shared languages, symbols, behaviours and histories in a place which, according to current data, would make sense for these populations, even at a late chronology preceding a phase of structural rupture.

#### **5.1.4. Intensification of exogenous materials/raw materials**

The presence and use of exotic materials, such as ivory, marble, amber, cinnabar, some flint artefacts, ceramics, limestone, variscite and mollusc shells underwent a process of intensification throughout the time period concerned here (second half of the 3<sup>rd</sup> millennium BC). On the other hand, the absence of ideological representations that has been reported regarding the last quarter of the 3<sup>rd</sup> millennium BC was not fully corroborated (Valera, 2014b). However, as previously stressed, these artefacts may constitute elements evocative of the memory of previous practices and of the ancestors (Müller, 2007), and the overall scenario of reduction and discontinuity of iconographic representations should not be disregarded, at least as far as the use of such artefacts is concerned. In terms of areas of influence, there is evidence of contacts with the areas surrounding Perdigões, namely freshwater bivalves (Valera, André, 2016/2017) and some ceramics (Dias *et al.* 2017; 2007). Contacts with the Lisbon Peninsula area (limestone idol) have also been detected, and contacts with the Sado estuary and the Western coastal area have been confirmed (Valera, André, 2016/2017), illustrating possible contacts with what appears to be the area of influence of the Porto Torrão site. This shows that the communities would be part of broad contact networks. Metallurgy also stands as a practice in continuity, including the persistence of artefact morphologies - punches, knives, Palmela type points and tongued daggers (Valera, 2014b; Valera, Basílio, 2017) – with a few hybrid, “transitional” elements (Valera *et al.* 2020a; Basílio, Valera, in press).

This reality, particularly the intensification of metallurgical production and the introduction of new raw materials (gold), emerged as a reaction to a growing demand/need of the communities. It also illustrates the establishment of contacts and the transfer of information that provide insights into a trajectory of growth, but essentially of continuity, in the moments immediately preceding the transition to the regional Bronze Age.

#### **5.2. Discontinuities? Changes and novelties**

Many of the principal changes and innovations that emerged during the second half of the 3<sup>rd</sup> millennium BC have already been addressed, largely because these “novelties” have been reinterpreted and diluted in pre-existing practices. Metallurgy, for example – despite some signs of new contacts, know-how and relationships – maintains its general characteristics, with a quantitative increase at the end of the 3<sup>rd</sup> millennium BC. There are also new developments in architecture, which are totally different from the previous practices.

In this respect, some of the innovations introduced at Perdigões are the presence of a hut with stone facings in Phase 1 (as defined herein – beginning of the second half of the 3<sup>rd</sup> millennium BC). This type of structures appear in phases of reoccupation of previously abandoned sites of the region, such as Porto das Carretas (Soares, 2013); Monte do Tosco, Miguens 3 (Valera, 2013) and São Pedro (Mataloto *et al.* 2007); Bell Beaker ceramics are associated with these new manifestations. The only exception is the Perdigões structure, whose interior is practically empty, with no direct association with any moment of prior abandonment, as occurs in the aforementioned sites. Nevertheless, it is possible to identify an homogenization in terms of construction, probably related to contacts and a possible ideological sharing, connected or not to the Bell Beaker phenomenon.

The cairn itself also corresponds to a point of divergence with respect to previous techniques and solutions. The construction of non-funerary structures of this type in the transition between Chalcolithic and Bronze Age, in southern Portugal, is extremely rare (not exclusively in this chronology). However, this structure should be included in the continuities of Perdigões because it relates to practices that already occurred previously, making the previous paradigms and ideologies endure, in a new architectural typology.

Even so, the main “discontinuity” reported concerning the second half of the 3<sup>rd</sup> millennium BC are the Bell Beaker ceramics themselves. Indeed, this is a new element in the archaeological record, in formal and decorative terms, since at the technological level (the decorative technique and the treatment of the pastes) these communities were arguably already familiar with the techniques concerned. From the point of view of this study, the main valuation to be accorded to Bell Beaker, and possibly not unlike the communities of the Past, are the messages, ideologies and practices it embodies and which underlie all the artefactual components of the “package”. The mandatory existence of large-scale contacts, but also the existence of identity processes - and processes of ponderation, negotiation and reinterpretation – leave room for the agency of each group, with adjoining processes of rejection and acceptance of the novelties associated with the phenomenon under study.

These processes of acceptance/rejection of innovations require time, since they imply the existence of steps of knowledge, persuasion, decision, implementation and confirmation, which are impregnated with issues that justify the fragmentation of what may have initially arrived as a package, or already as dispersed and reinterpreted ideas. One of the main and determining factors in decision making is the existence of a society that is predisposed to accept innovations and changes in its various spheres (social, economic, symbolic, etc.), that has access to knowledge networks and that is able to carry out the exercise of weighing up and understanding the functionality, applicability and advantages/disadvantages of innovation. However, one must acknowledge that the communities and groups under study here have acquired a perception and knowledge

of innovation, more specifically of the Bell Beaker “package”, through their exposure to external factors and influences. Communities unconsciously avoid conflict by resorting to instinctive processes of selective exposure and perception (Rogers, 1983), i.e. they only visit and search for realities that are somewhat similar and consistent with pre-existing beliefs and attitudes. The feeling and recognition of need (dissatisfaction and frustration with their present) may not have any apparent justification, but may also be instilled in communities, as the result of exposure to agents who have become aware of, or have embraced, the new Bell Beaker precepts.

The agents of change – possibly the most prominent or more involved elements in social terms (Rogers, 1983) – would have played a central role in the stage of persuasion concerning Bell Beaker (Rogers, 1983). These “propaganda” procedures could take place in places such as Perdigões, possibly involving a certain time lag in the induction process and some degree of experimentation, overlapping the stage of decision on the implementation or adhesion to Bell Beaker ideologies, practices and materialities. This testing of Bell Beaker practices, precepts and materials may be the main justification for the reduced number of Bell Beaker ceramic assemblages in the territory under study. In other words, we could be looking at a fragmentation of a set of practices and materials that may have been introduced as an already reinterpreted ensemble (by the overwhelming dominance of Ciempozuelos), but which, when considered and negotiated, may have raised different levels of adhesion and presence in the archaeological record we are dealing with here. Simply put, it would seem reasonable to consider that Bell Beaker (namely ceramics and particularly decoration) may have been one of the least adopted elements of Bell Beaker (in terms of “package” and chronology). This idea could find support not only in the reduced number of decorated containers, but also in the location of these containers, outside funerary monuments, contrasting with other elements associated with the Bell Beaker “package” (such as weaponry and metal utensils), which in this region do appear in funerary monuments, associated with the “Horizonte de Ferradeira”.

Lastly, it is worth mentioning that the decision to implement an innovation, such as Bell Beaker, does not have to be final or perennial, and early adhesion and adaptation processes can occur, which might justify the stylistic distribution of these ceramics in Alentejo, as well as the discontinuation or late adoption processes (Rogers, 1983), which can be preceded by reinventions and reinterpretation. The latter enable the implementation of ideas which are broadly similar to the original ones, but which are more in line with, and are applied to, the ideologies and societies of the region under study. This process is fully materialized in the existence of regional Bell Beaker styles, such as the Palmela (Soares, Silva, 1974-77) and Ciempozuelos (Harrison, 1977) types, even if there may be a need for confirmations and revalidations of the decisions and routes chosen by these groups (Rogers, 1983).

### **5.3. Continuity, discontinuity or both?**

To cut a long story short, both the rituals of commensality and the use and definition of social memory presented here emphasise the volatility of these communities' ideological component, which was constantly undergoing negotiation, discussion, reinterpretation and materialisation. These practices, to which structured depositions, funerary depositions, astronomical orientation, the presence of exotic materials and the construction and alteration of architectures can be associated, illustrate what appears to be the social trajectory of a community. At Perdigões, this trajectory of complexity is nuanced by the continuity of the materials studied and the systematised practices. As such, Perdigões provide all the evidence for its characterisation as a persistent and prominent site, with an obvious relation with the landscape and surrounding region. As far as practices and materials are concerned, the site persists throughout the second half of the 3<sup>rd</sup> millennium BC. This situation only seems to undergo any profound changes by the 2<sup>nd</sup> millennium BC, and this "chapter" of the Perdigões' biography is currently under construction.

At Perdigões, Bell Beaker is a reality that suggests changes and contacts, but which essentially has no influence on the pre-existing practices and rituals, nor on the material expression of the communities that would visit and use this archaeological site. Thus, it is an element that was added to pre-existing cosmological and ideological discourses and myths, with a role in ritual activities, but intentionally excluded from the funerary environments inside the site and also from the regional contexts (Valera *et al.* 2019). This issue is indicative of a fragmentation of the Bell Beaker "package" which reflects regional frameworks, limitations and guidelines, involving the dilution of these materials, but also some acceptances and permissions in the applicability and repetition of practices that arise during what appears to be the final stage of the Perdigões site.

## **6. REGIONAL DYNAMICS AND RHYTHMS IN BELL BEAKER CHRONOLOGY: THE SURROUNDINGS OF PERDIGÕES**

The main question, after confirming a significant material and practical continuity at Perdigões, is whether this behaviour and trend can be verified in the surroundings of the site, i.e. in the region of the Vale do Álamo Creek and surrounding areas, at the time of the Bell Beaker phenomenon. So far, the data collected indicate a dubious reply, with complex variables that are maintained, altered or modified, requiring an individualised analysis that may be grouped into a more holistic reading later on.

### **6.1. Foundations, sites, acts of "abandonment" and reoccupations**

Although the broad picture shows an overall continuity, it was also possible to identify ongoing changes, which, in the region under study, are particularly noticeable in hab-



itational sites such as Porto das Carretas, São Pedro, Miguens 3, Monte do Tosco 1, Mercador and also Monte Novo dos Albardeiros.

These sites are characterised by their variability and diversity, in terms of typology, duration or function, among others (Valera, 2006), although they do show some aspects of convergence. One of these aspects is the chronology of their constructions, but mainly of their use, which varies between the end of the 4<sup>th</sup> millennium BC and the middle of the 3<sup>rd</sup> millennium BC, thus reflecting an apparent coexistence and contemporaneity. The implantation of the sites itself is relevant, providing insights into processes of careful selection of the locations, with no evidence of previous occupations (Valera, 2006). A third aspect is the apparent relationship of mutual assistance and interdependence between the regional sites (Valera, 2006; 2013). This suggests the existence of a settlement network, with smaller clusters (Valera, 2006), which is complemented and interrelated by the exploitation of the landscape, in terms of resources, but also at the ideological and funerary levels (Valera, 2006; 2013), through the existence of areas of confluence and gathering (Perdigões and/or other sites).

Yet, these sites experience a slowdown of their occupation dynamics, which has been interpreted (within specific theoretical frameworks) as evidence of ruptures/abandonment. This has also served as the main argument for sustaining theories advocating “the destructuring of the Chalcolithic human paradigm” (Mataloto *et al.* 2015) or “a rupture in terms of social organisation and ownership” (Soares, 2013; Silva *et al.* 1993), associated with the introduction of Bell Beaker rites and materials. More deterministic models have also been adopted, relating the abandonment and “collapse” of habitational sites with the depletion of the available resources (Gonçalves, 1988/1989). Even so, and recognizing these networks as a dynamic reality, part of an organized territory (Valera, 2006), it is necessary to understand that a cumulative image of histories and architectures has been crystallized. Thus, and it is very difficult to individualize a single moment or a single intention and meaning, in archaeological terms.

A site, even if “abandoned”, in archaeological terms, may not have been fully and uniformly abandoned, and there may be processes of decentralization or social, symbolic and construction growth, reduction or deceleration, inherent to the variability of the human species. As such, these places, even if affected by possible strategic movements of abandonment, may preserve a strong agency in the communities, remaining as part of the network and adapting to new functions, meanings and representativities (Valera, 2003; 2006; 2013).

Abandonment can assume various forms, durations, material expressions and intentions, and it needs to be recognised as an event not related, in the scope of the present discussion, to phenomena of collapse or structural changes (Valera, 2003). Abandonment may take on the characteristics of a plurality of processes, rhythms and meanings,

which are nuanced in planned, short-term or definitive abandonments, with or without the intention of returning to the abandoned space. It is present in archaeological sites, but would also be manifested in individuals and communities, as well as in the landscape, being part of the relationship between humans and space (Valera, 2003) and of the definition of community identities (Paul-Lévy, Segaud, 1983 *apud* Silvano, 2010). Thus, abandonment would depend entirely on the intentions, deliberations and negotiations of the groups, having an effect on social organisation (Valera, 2003), and there could be distinctions in terms of gender, age, health and status in the access to the mobility associated with abandonment processes (Rémy, Voyé, 1994 *apud* Silvano, 2010).

Negotiation and necessity will define whether the abandonments are final or transitory, having an impact on the symbolic organisation of the landscape, which would seem to feature new levels of territoriality, as far as the Chalcolithic of southern Portugal is concerned. This territoriality is manifested in the establishment of qualitatively hierarchized and functionalized settlement networks (Valera, 2000), but preserves the perception that space can be shaped and adapted by Humankind (Valera, 2003). Even after abandonment sites still play an active role in the organisation of the landscape and in the memory of those who have benefited from them, and may undergo reinterpretations over time (Valera, 2003), which illustrates the cognitive reorganisations of space (Valera, 2003). Moreover, sites could be revisited or symbolically destroyed (Valera, 2003), aiming at establishing links with the ancestors, which could justify the presence of burials and funeral depositions within former habitational sites, such as Moinho de Valadares (Valera, 2013) or Monte Novo dos Albardeiros (Gonçalves, Sousa, 2000), during a phase that already falls within Bronze Age. The sites would also serve as raw material sources and played a role in the differentiation of individuals or groups, e.g. the establishment of general or particular prohibitions and restrictions, which only leave faint traces in the archaeological record.

This symbolic relationship of dependence between large enclosures and habitational sites can be detected not only through the rarity of ideological elements at the latter, but also through the “common” assemblages (objects made from exotic raw materials or even the Bell Beaker elements themselves). The absence of funerary contexts associated with habitational sites can also contribute to this relationship, contrasting with the enclosures, where several funerary contexts have been identified, e.g. at Perdigões (Valera, Godinho, 2009), Porto Torrão (Valera *et al.* 2014a), La Pijotilla (Hurtado *et al.* 2000) or San Blas (Hurtado, 2004). These may include individuals from the peripheral habitational sites but also the areas of influence of each enclosure (Valera, 2003).

To conclude, the processes of abandonment and of belonging to a common settlement network support an interpretation that considers the existence of “abandonments” that can be related to issues of population management and social mobility (total or par-

tial), within the same cohesive territory and landscape. Furthermore, “abandonments” are related to possible changes in internal organization, archaeologically imperceptible, also including revisitations, until the subsequent reoccupation. Moreover, there are no signs of unexpected abandonment (with the possible exception of Porto das Carretas), nor any indicators of violence in southern Iberia (Kunst, 2000), which reinforces the indications of abandonment in continuity with the previous symbolisms and organisation.

This continuity can also be suggested by the later occupations of these sites, which materialize their importance over time. As such, it is relatively easy to understand the second phases recorded at the sites mentioned above, since the social connections to these sites were possibly maintained. These sites maintain their connections, expressed by a set of characteristics shared by the new occupations, such as the emergence of technological innovations (metallurgy) and new stylistic/decorative patterns, related to a new ceramic morphology (Bell Beaker), both associated to different architectural solutions and techniques during the first half of the 3<sup>rd</sup> millennium BC – the circular huts / towers with stone foundations, also identified at Perdigões. Practices can also be shared, even if poor preservation does not support establishing a direct relationship.

## **6.2. The Bell Beaker landscape of Alentejo: plurality and stylistic uniformity**

Another aspect that enables differentiating the aforementioned habitational sites, as well as other areas of Alentejo, is the presence and distinct distribution of the different Bell Beaker styles. To start with, ceramics with Bell Beaker motifs are relatively scarce in southern Portugal.

This irregularity allows us to define and grasp areas of stylistic influences, as well as borders, but above all to recognise areas that appear to share the same symbolic and ideological frameworks. In terms of distribution, there is a differentiation between the stylistic diversity of the ditched enclosures and the monothematic tendency – either the International or the Cienpozuelos style – observed at habitational sites. In the case of enclosures such as Perdigões, this variability can be justified by their role as catalysts and areas of apparent confluence of communities. Here, the processes of management and definition of relations between the inter-regional and international exchange/contact networks that would converge at this site (Valera, 2006) and the different clusters/communities existing in the region, substantiate the different levels of local acceptance and integration of the forms, motifs and practices associated with Bell Beaker. This confluence of different networks would explain the diversity of styles identified at these archaeological sites, as well as possible acts of sectoral redistribution of elements of specific styles (Valera, 2006).

Thus, through the functionalization of the different Bell Beaker styles, one can perceive the same symbolic, cosmological and ideological framework across the enclo-

tures and habitational sites, although with slight identity/group differentiations chiefly materialised in the “settlements”. The different identities may have been administered and perpetuated through the application, use or also rejection of distinct decorative motifs (Valera, 2006; Valera, Basílio, 2017), after their consideration and acceptance by the communities involved (Rogers, 1983), generating an uneven distribution of the different styles according to the identity correspondences. This may also result from higher degrees of cohesion concerning the messages and meanings of a particular Bell Beaker decorative style instead of another. The motifs may even play dissimilar social roles and meanings in the different archaeological sites, which is materialised in the almost total absence of Bell Beaker elements in funerary contexts. The chronological aspect also plays a strong role in these interpretations, as no fully clarifying chronological sequence is known for the different styles. If one would exist, it would enable understanding whether the different distributions reflect intentional individualizations of distinct identities, which share the same space, or just chronological asynchronies.

### **6.3. Regional organisation and Bell Beaker mobility**

Identity, chronological and stylistic issues also arise when we zoom out on the analysis that has been the basis of this study. If the whole area of Alentejo is considered, it is possible to recognise stylistic concentrations which, although related to the social and symbolic issues previously referred to, may reflect different poles of influence and different preferential orientations in the contacts between the various sites.

First and foremost, there is an urgent need to confirm and clarify our understanding of Perdigões. It is assumed that this site would play a central and practically indisputable role in the continuity of landscapes and meanings, playing an evident part in the distribution and management of the different materialities and practices associated with the Bell Beaker phenomenon, in its area of influence. This area, which might be extended to the Porto das Carretas, Mercado, Moinho de Valares and Monte do Tosco sites (Valera, 2006; 2013), already on the left bank of the Guadiana River, divides the same physical reality sharing symbolic, economic and material characteristics (Valera, 2013). However, this agglutination between the left and right bank of the Guadiana River is not a fully consensual feature (Soares, 2013).

The situation is less clear, and also less discussed, in the other Alentejo regions (more specifically Baixo Alentejo). Here, the available information is more reduced and decorated Bell Beaker ceramics are absent, contrasting with a significant intensity of ditched enclosures that are relatively poorly known, both in terms of chronology, structures and functionality (Valera, 2013; Valera, Pereiro, 2015). This constraint makes it difficult to understand borders and relations with other settlement networks, especially in the southernmost regions.

As such and according to current knowledge, it is only possible to consider two poles in the Portuguese territory: one of them “headed” by Perdigões, and the second by Porto Torrão, on which little information is available. However, as a result of the interventions carried out, the latter is acknowledged as a site (or several) of great dimensions, with an intense occupation, probably spanning a broad chronological spectrum, possibly not unlike Perdigões. Considerably diversified practices have been identified at this site – opening of ditches, pits, depositions of human and animal elements – as well as in its periphery, apparently crowded with funerary monuments, in addition to the high density of decorated Bell Beaker elements. (Valera, Filipe, 2004; Arnaud, 1982; 1993). Relations of dependence or “contrast” and antagonism between both archaeological sites can be suggested, according to data concerning the second half of the 3<sup>rd</sup> millennium BC.

The possible relations of dependence are supported by the presence of what appears to be a settlement “hierarchy”, with larger centres serving as catalysts of smaller habitational sites. These relationships can be extrapolated from and were probably concentrated only on community aggregation sites (such as some of the ditched enclosures), which could function as a network by establishing and defining “hierarchies” of importance between the various enclosures, creating centres responsible for “feeding” the smaller centres, both at symbolic and material level (Nocete, 1989; 1994; 2001). This type of relationship, which necessarily entails the existence of fluid borders, can be suggested between both sites, in a Porto Torrão – Perdigões direction, especially due to the presence of international and geometric dotted motifs. These motifs are dominant at Porto Torrão, due to its geographical proximity to Portuguese Extremadura (Salanova, 2000; 2004a; 2004b; Cardoso, 2015; Valera, Basílio, 2017) and its location in the Sado River basin, contrasting with their reduced presence at Perdigões. Ciempozuelos motifs are predominant at the latter, materializing contacts with central-peninsular areas, which have little expression at Porto Torrão.

Hence, and considering the apparently broad spectrum of relationships denoted by the materials recovered at Perdigões, it would be more appropriate to accept that, although there were contacts between Porto Torrão and Perdigões, these sites feature different organizations in the landscape, i.e. their settlement networks appear to be oriented towards essentially opposite points/landscapes, resulting in a “contrast” between the two sites. Perdigões are clearly and purposefully oriented/open towards the eastern landscape, revealing strong relationships with the interior regions of the Peninsula, particularly Extremadura, embodied by Bell Beaker and particularly by the Ciempozuelos motifs (Odriozola *et al.* 2008), but also by anthropomorphic idols (Valera, Evangelista, 2014) and even by painted ceramics. Whereas Porto Torrão, due to its location in the Sado River basin, appears to maintain stronger relations with the Portuguese Estremadura region and the coastal areas (Valera, Rebuge, 2011).

Nevertheless, we should stress that Perdigões yielded some elements, albeit in small numbers, that are indicative of contacts with the Lisbon Peninsula area, not only in terms of materials, but also possibly also in terms of individuals (Valera *et al.* 2020b). This demonstrates that the relationships and patterns of mobility of the late 3<sup>rd</sup> millennium BC are still only briefly characterised, and that the coeval routes and constraints to movement, possibly related to normative models of filtration and negotiation, are also still unknown (Valera, 2006).

## **7. THE END OF THE 3<sup>RD</sup> MILLENNIUM BC**

Chalcolithic social organisations were apparently disrupted in a rapid and abrupt manner as early as the end of the 3<sup>rd</sup> millennium BC. Even though this is not the scope of the present study, the “seeds” of this strong cultural change must be sought on a broader chronological scale.

Thus, and very briefly, during this phase of collapse there was an abandonment of many of the aforementioned archaeological sites. Moreover and according to the currently available data, the confluence sites were also abandoned and there were changes in funeral practices, which can be related to some faint signs of funerary individualisation (Valera, 2006). The abandonment of the enclosures would represent the abandonment of sites with a strong social and symbolic agency (Valera, 2015a), consequently extinguishing the places that would have functioned as areas of confluence, mediation and management of identities, conflicts and rivalry. This disruption suggests that there was a breakdown of the symbolic and identity correspondence of these communities, possibly along with environmental phenomena (the series of climate events “4.2. ka BP”) and a still unclear demographic decline (Blanco-González *et al.* 2018; Lillios *et al.* 2016; Hinz *et al.* 2019; Schirmmacher *et al.* 2020).

The suggested instability is also embodied by the fragmentation and invisibility of the communities, which only seem to gather again in more advanced phases of the Bronze Age, “reoccupying” and revisiting previous sites, such as Moinho de Valadares (Valera, 2013), or Perdigões. During this stage, the settlement was characterized by open and scattered sites with few structures clearly associable with early Bronze Age habitational contexts (Valera, 2014a). This “invisibility” is one of the reasons that enable questioning the classist and hierarchical models (Valera, 2014a). We would stress that only at the early stages of the 2<sup>nd</sup> millennium BC can we speak of a slowdown or even abandonment of the Perdigões site (always taking into account the issues caused by grubbing). Previously there was a clear continuity, attested throughout the second half of the 3<sup>rd</sup> millennium BC. Hence, it will be necessary to deepen our knowledge of the latest phases of the regional sites, creating a comparable database that might unveil the possible changes.

To sum up, the Bell Beaker precepts and materialities, contrary to what has been associated with it, are realities to which the communities were exposed to, in this particular region. This exposure was followed by processes of debate, consideration and acceptance/rejection, resulting in the inclusion of novelties in continuity with the previously existing realities. Even so, some novelties can be associated, mainly the stylistic, decorative, architectural and technical ones. However, this phenomenon cannot be extrapolated and associated to new productive models and different social formations (Soares, 2013) – thus reducing it to a progressive evolutionary point of view – nor to signs of rupture with the previous Chalcolithic human paradigm (Mataloto *et al.* 2015). Instead, it should be related to an intensification of previous practices and traditions, this being one of the elements used in processes of identity and social competition (Valera, 2006; Valera, Basílio, 2017). These novelties would also serve as elements that would support the definition of borders, and this issue is clearly visible when we compare the sites with decorated Bell Beaker pottery to the sites corresponding to the Horizonte de Ferradeira. According to the currently available data, these two realities were never combined (Valera, Basílio, 2017).

Even so, and considering that Bell Beaker features a multiplicity of roles and functions in southern Portugal (hence the term *phenomenon*), its presence, combined with numerous other variables, may have contributed to the end of the Chalcolithic ways of life and to the establishment of the first “Dark Ages”, arguably the early Bronze Age of the Southwest.

## **8. FINAL REMARKS**

Drawing conclusions from a study based on archaeological data can be extremely illusory and even erroneous, since many of the sites and considerations are based on the information available at the time of writing. The present study reflects this situation, since, as it dates from early 2018, it has not taken into account a number of contexts identified at the Perdigões site, nor the data from extensive ancient DNA analyses. Hence, the following considerations (taken from the 2018 dissertation) should be understood as the result of the combination of a set of readings, constraints and hard data that, according to the author’s framework and vision of the past, can be applied to and serve as explanations for this specific region and chronologies, albeit with some adjustments.

The main conclusion is related to the guiding objective that led to the study’s development. The purpose was understanding the different social dynamics prevailing in the second half of the 3<sup>rd</sup> millennium BC, as well as identifying possible continuities and discontinuities and testing their combination and social impact on the Perdigões site and surrounding areas.

First and foremost, I would like to stress that the most tangible evidences of continuity are reflected by the archaeological materials, either at a morphological or technological level. Still, the materials cannot be treated as realities independent and disconnected from the organizations. Thus, they have been combined with the global picture devised and verified for Perdigões. In this context, the various identified practices support an understanding of a tiny part of the ideological complexity of these communities which, through communal rituals and architectures (such as commensality rituals, the construction of pit-like structures or the reuse of earlier funerary monuments), would manage, negotiate, interpret and materialise identities, along with the ideological component and the new influences that would penetrate the contact networks of this organised landscape (Valera, 2006; 2013; 2015). We are arguably looking at a communal approach that, while recognising that individual identities would not be diluted and erased, would give rise to processes of competition and ostentation between different groups (Gilman, 2013; Valera, 2015a; 2010b), which would be embedded in a social trajectory of complexity. This trajectory will only be shifted at the beginning of the Bronze Age (Valera, 2015a). Until then, Perdigões remained the “centre” of its area of influence, clearly oriented to the East, exhibiting characteristics of a persistent site in the landscape, at least since the end of Middle Neolithic (Valera, 2018).

At regional level, the overview seems to suggest the presence of signs of discontinuity, reflected in the abandonment of habitat sites from the first half of the 3<sup>rd</sup> millennium BC (Soares, 2013; Mataloto *et al.* 2015). However, and recognising that no occupational gap has been detected at Perdigões, these abandonments may be due to processes of population management and internal reorganisation of the networks or may even reflect social mobility (total or partial) (Valera, 2006; 2013). Regardless of the motive that led these communities to abandon their habitats, this does not seem to have been a sudden phenomenon, the only exception being Porto das Carretas (Soares, 2013).

The second occupation phases of these sites emphasize the persistence of the communities’ correspondence with these archaeological sites, featuring a certain uniformity at the constructive level (Valera, 2003) that materializes internal organizations, constructive associations and much diversified rituals. This question allows us to state that, even associated to a minimally common phenomenon, these structures have to be understood as dynamic realities, with their own agencies and functionalities, which are strongly interconnected and dependent on social dynamics and on the relationship that these communities kept with space. Moreover, their positioning and development in the central areas of the habitats is noteworthy (Mataloto *et al.* 2015). This location, in association with the tendency towards circularity that is shared by these structures and a possible association with the circularity of the Cosmos (Valera, 2008b), allows us to question whether these could illustrate the projection of the confluence sites (ditched



enclosures), contributing to the aggregation of communities in their habitats, strengthening cohesion, within a type settlement that is archaeologically less visible. Various fragments of Bell Beaker pottery and metallic elements have been identified in these “enclosures” and I would stress the intentional exclusion of this pottery from funerary contexts and highlight its role in social rituals (Valera, Rebugo, 2011).

As previously stressed, the Bell Beaker phenomenon is associated with these theoretical moments of rupture, and is used as an element indicative of contacts and, as such, of a new social organization. Even so, the defragmentation of these material associations and practices is present, and the degree of acceptance of decorated ceramics by these groups is even being questioned, which would explain its reduced expression in the ceramic assemblages. At Perdigões, these ceramics represent an integral element of pre-existing ideological, and possibly cosmological, discourses and myths, having been absorbed and incorporated without altering previous practices (Valera, Basílio, 2017). This fact is further reinforced by data from the 2018 and 2019 field seasons, during which it was possible to identify an extensive context of deposition of Bell Beaker elements (Valera *et al.* 2020a). Here too, the use of Bell Beaker elements in earlier depositional practices is maintained, although in this case preference is given to complete containers (Valera *et al.* 2020a). The exclusion of these decorated elements from regional funerary rites and contexts is also maintained, as evidenced by Sepulchre 4. In this tomb, however, a fragment of a container with pinched decoration was recovered, which could be part of the Bell Beaker assemblages (Basílio, 2019).

At regional level this phenomenon follows the same generic lines – addition to a continuity (Valera, 2006; 2013). Nevertheless, it is possible to infer identity diversities and areas of stylistic and symbolic influence when the analysis is less focused. Different patterns of distribution of Bell Beaker decorative styles can be identified, as opposed to the multiplicity and coexistence seen in the ditched enclosures (Valera, Basílio, 2017). This issue is necessarily related to the functions and practices associated with these large enclosures, where not only communities would converge, but also different contact networks, which would give rise to distinct decorative styles. On the other hand, the habitats, which would be an integral part of the settlement networks, possibly headed by the enclosures, would be characterised by single-style tendencies, which arise from distributional processes – from ditched enclosures to habitats – and may simultaneously represent identity correspondences and/or forms of resistance and differentiation.

To sum up, in the area of the Alamo Valley Basin and surrounding areas the Bell Beaker phenomenon is not expressed in the same way as in other areas. This is a different version of the phenomenon, since it underwent local processes of debate, pondering, interpretation, acceptance and rejection. Bell Beaker would have been inserted and included in existing practices, without causing abrupt changes in the existing social and

symbolic-ideological organisations, although some novelties – at a stylistic, decorative, architectural and technical level – may be related to it. Thus, it should be considered as one more element used in a trajectory of complexity, materialised in the intensification and monumentalisation of pre-existing practices, slightly disclosing the identities, preferences and gestures of the communities under study, as well as possible boundaries (Valera, 2006; Valera, Basílio, 2017).

As a final note, I would like to point out that only after knowing the characteristics and variability of the Bell Beaker phenomenon, at a local level, can it be possible to extrapolate and understand this phenomenon at a possible European scale. This is due to the fact that the variability and multiplicity of responses of communities and human groups is enormous, reflecting the different agencies and roles that these elements may acquire. Even so, many of the considerations made herein necessarily need further confirmation. However, this study enabled raising some questions mainly related to the social component of the human groups of the second half of the 3<sup>rd</sup> millennium BC in southern Portugal, without reducing them to their materialities and architectures. It also serves as the basis for the ongoing PhD project of the author – *O final do 3º milénio a.C. no Sul de Portugal: Razões para o colapso da trajetória social vigente* – which, moving forward in time, aims at understanding and characterising the reason(s) for the end of the Chalcolithic ways of life.

## BIBLIOGRAPHIC REFERENCES

ALMEIDA, F. (1998) – O Método das Remontagens Líticas: enquadramento teórico e aplicações. *Trabalhos de Arqueologia da E.A.M.* Lisboa: Colibri. pp. 1-40.

ARNAUD, J. (1982) – O povoado calcolítico de Ferreira do Alentejo no contexto da bacia do Sado e do Sudoeste Peninsular. *Arqueologia*. 06. Porto: GEAP. pp. 48-64.

ARNAUD, J. (1993) – O povoado calcolítico de Porto Torrão (Ferreira do Alentejo): Síntese das investigações realizadas. *Vipasca*. 2. pp. 51-61.

BASÍLIO, A. C. (2019) – Bell Beaker or not Bell Beaker: An perspective on Chalcolithic at the Iberian Peninsula Paired Fingernail Imprints in S-Shaped vessels. *Zephyrus*. LXXXIV. pp. 15-39. <http://dx.doi.org/10.14201/zephyrus2019841539>

BASÍLIO, A. C. (2020) – From aDNA to Archaeology: Genética da transição Calcolítico-Idade do Bronze no Sul de Portugal. *Ophiussa*. Lisboa: Centro de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

BASÍLIO, A. C.; CABAÇO, N. (2019) – An end that perpetuates: a cairn from the end of the 3<sup>rd</sup> millennium bc at Perdígões. In VALERA, A.C. (ed.) – *Fragmentation and Depositions in Pre and Proto-Historic Portugal*. Lisboa: Núcleo de Investigação Arqueológica – Era Arqueologia. pp. 105-124.

BASÍLIO, A.C.; VALERA, A.C. (no prelo) – Tell me what you see: Late deposition of an atypical metallic artefact in Perdígões. *Proceedings of X Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninsular*.

- BLANCO-GONZÁLEZ, A.; LILLIOS, K.; LÓPEZ-SÁEZ, J.A.; DRAKE, B.L. (2018) – Cultural, Demographic and Environmental dynamics of the Copper and Early Bronze Age in Iberia (3300–1500 BC): Towards an Interregional Multiproxy Comparison at the Time of the 4.2 ky BP Event. *Journal of World Prehistory*. pp. 1-79.
- BRADLEY, R. (2003) – A life less ordinary: The ritualization of the domestic sphere in later prehistoric Europe. *Cambridge Archaeological Journal*. 13:1. pp. 5-23.
- BRODIE, N. (1994) – *The Neolithic–Bronze Age transition in Britain. A critical review of some archaeological and craniological concepts*. Oxford: Archaeopress.
- CARDOSO, J. L. (2015) – The Bell-beaker complex in Portugal: an overview. *O Arqueólogo Português*. 5: 4–5. pp. 275-308.
- CHAPMAN, J. C.; GAYDARSKA, B. I. (2006) – *Parts and wholes: fragmentation in prehistoric context*. Oxford: Oxbow Books.
- DIAS, M. I.; PRUDÊNCIO, M. I.; VALERA, A. C. (2017) – Provenance and circulation of Bell Beakers from Western European societies of the 3<sup>rd</sup> millennium BC: the contribution of clays and pottery analyses. *Applied Clay Science*. 146. pp. 334-342.
- DIAS, M. I.; VALERA, A. C.; LAGO, M.; PRUDÊNCIO, M.I. (2007) – Proveniência e tecnologia de produção de cerâmicas nos Perdígões. *Vipasca: Actas do III Encontro de Arqueologia do SW* (Aljustrel, 2006). 2:2. pp. 117-121-
- DIETLER, M. (2011) – Feasting and Fasting. In INSOLL, T. (ed.) – *The Oxford Handbook of the Archaeology of Ritual and Religion*. Oxford Handbooks
- DIETLER, M.; HAYDEN, B. (2001) – *Feasts: Archaeological and Ethnographic Perspectives on Food, Politics, and Power*. Washington DC: Smithsonian.
- DUARTE, I. (2002) – *Solos residuais de rochas granitóides a sul do Tejo. Características geológicas e geotécnicas*. Tese de Doutoramento. Universidade de Évora. 373 p.
- GAMBLE, L. (2017) – Feasting, Ritual Practices, Social Memory, and Persistent Places: new interpretations of shell mounds in southern California. *American Antiquity*. 82: 3. pp. 427-451.
- GILMAN, A. (2013) – Were There States During the Later Prehistory of Southern Iberia? In BERROCAL, M.C.; GARCÍA SANJUÁ, L.; GILMAN, A. eds. – *The Prehistory of Iberia: Debating Early Social Stratification and the State*. Routledge.
- GONÇALVES, V. S. (1988/89) – A ocupação pré-histórica do Monte Novo dos Albardeiros (Reguengos de Monsaraz). *Portugália*. IX–X. Porto. pp. 49-61.
- GONÇALVES, V. S.; SOUSA, A. C. (2000) – O grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz e a evolução do megalitismo no Ocidente Peninsular (espaços de vida, espaços da morte: sobre as antigas sociedades camponesas em Reguengos de Monsaraz). In GONÇALVES, V. G; SOUSA, A. C. – *Muitas antas, pouca gente?*. *Actas do I Colóquio Internacional sobre Megalitismo*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. pp. 11-104.
- HARRISON, R. (1977) – *The Bell Beaker cultures of Spain and Portugal*. Harvard: Peabody Museum.
- HINZ, M.; SCHIRRMACHER, J.; KNEISEL, J.; RINNE, C.; WEINELT, M. (2019) – The Chalcolithic–Bronze Age transition in southern Iberia under the influence of the 4.2 ka BP event? A correlation of climatological and demographic proxies. *Journal of Neolithic Archaeology*. 21. pp. 1-26.

- HURTADO, V. (2004) – El asentamiento fortificado de San Blas (Cheles, Badajoz). *Trabajos de Prehistoria*. 61:1. pp. 141-155.
- HURTADO, V. (2004) – San Blas. The discovery of a large chalcolithic settlement by the Guadiana River. *Journal of Iberian Archaeology*. 6. pp. 93-116.
- HURTADO, V.; MONDÉJAR, P.; PECERO, J. C. (2000) – Excavaciones en la Tumba 3 de La Pijotilla. *Extremadura Arqueologica*. VIII. *Homenaje a Elias Dieguez Luengo*. pp. 249-266.
- KUNST, M. (2000) – A Guerra no Calcolítico na Península Ibérica. *Era Arqueologia*. 2. pp. 128-142.
- LAGO, M., DUARTE, C., VALERA, A.; ALBERGARIA, J.; ALMEIDA, F.; CARVALHO, A. (1998) – Povoado dos Perdigões (Reguengos de Monsaraz): dados preliminares dos trabalhos arqueológicos realizados em 1997. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 1:1. Lisboa. pp. 45-152.
- LEITÃO, M.; NORTH, C. T.; NORTON, J.; FERREIRA, O. V.; ZBYSZEWSKI, G. (1987) – A gruta pré-histórica do Lugar do Canto, Valverde (Alcanede). *O Arqueólogo Português*. 4: 5. pp. 37-66.
- LILLIOS, K.; BLANCO-GONZÁLEZ, A.; DRAKE, B. L.; LÓPEZ-SÁEZ, J. A. (2016) – Mid-late Holocene climate, demography, and cultural dynamics in Iberia: A multi-proxy approach. *Quaternary Science Reviews*. 135. pp. 138-153.
- LINDEN, M. V. (2013) – A Little Bit of History Repeating Itself: Theories on the Bell Beaker Phenomenon. In FOKKENS, H.; HARDING, A. – *The Oxford Handbook of the European Bronze Age*. Oxford: Oxford University Press. pp. 68-81.
- MÁRQUEZ ROMERO, J. E.; VALERA, A. C.; BECKER, H.; JIMÉNEZ-JÁIMEZ, V.; SUÁREZ PADILLA, J. (2011b) – El Complejo Arqueológico dos Perdigões (Reguengos de Monsaraz, Portugal). Prospecciones Geofísicas – Campaña 2008-09. *Trabajos de Prehistoria*. pp. 175-186.
- MÁRQUEZ-ROMERO, J.; SUÁREZ PADILLA, J.; JIMÉNEZ-JÁIMEZ, V.; MATA VIVAR, E. (2011a) – Avance a la secuencia estratigráfica del foso 1 de Perdigões (Reguengos de Monsaraz, Portugal) a partir de las campañas de 2009 y 2010. *Menga*. 2. pp. 157-175.
- MÁRQUEZ-ROMERO, J.; SUÁREZ PADILLA, J.; MATA VIVAR, E.; JIMÉNEZ-JÁIMEZ, V.; CARO, J. I.; CUEVAS ALBADALEJO, P. (2013) – Actuaciones arqueológicas realizadas por la Universidad de Málaga en el yacimiento de Perdigões (Reguengos de Monsaraz, Portugal) trienio 2011 – 2013. *Apontamentos de Arqueologia e Património*. 9. Lisboa: NIA-ERA Arqueologia. pp. 61-76.
- MATALOTO, R., COSTEIRA, C., ROQUE, C. (2015) – Torres, Cabanas e Memória: a Fase V e a cerâmica campaniforme do povoado de S. Pedro (Redondo, Alentejo Central). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 18. pp. 81-100.
- MATALOTO, R.; ESTRELA, S.; ALVES, C. (2007) – As fortificações calcolíticas de São Pedro (Redondo, Alentejo Central, Portugal). In CERRILLO, E.; VALADÉS SIERRA, J. ed. – Los primeros campesinos de La Raya. *Memórias*. 6. Cáceres: Museo de Cáceres. pp. 113-141.
- MÜLLER, J. (2007) – Inheritance, population and social identities. Southeast Europe 5200–4300 BCE. In GORI, M.; IVANOVA, M. – *Balkan Dialogues: Negotiating Identity between rehistory and the Present*. London. pp. 156-168.
- NOCETE, F. (1989) – El Espacio de la Coerción. La transición al Estado en las Campiñas del Alto Guadalquivir (España) 3000–1500 a.C. *BAR Internacional Series*. 492.

- NOCETE, F. (1994) – *La formación del Estado en las Campiñas del Alto Guadalquivir (3000–1500 a.n.e.). Análisis de un proceso de transición. Monográfica Arte y Arqueología*. Universidad Granada.
- NOCETE, F. (2001) – *Tercer milenio antes de nuestra era. Relaciones y contradicciones centro/pe-riferia en el Valle del Guadalquivir. Bellaterra*. Barcelona
- ODRIOZOLA, C.; HURTADO PÉREZ, V.; DIAS, M. I.; VALERA, A. C. (2008) – Produção e consumo de campaniformes no vale do Guadiana: uma perspectiva ibérica. *Apontamentos de Arqueologia e Património*. 3. Lisboa: NIA-ERA Arqueologia. pp. 45-52.
- OLALDE, I.; BRACE, S.; ALLENTOFT, M. E.; ARMIT, I.; KRISTIANSEN, K.; BOOTH, T.; ROHLAND, N.; MALLICK, S.; SZÉCSÉNYI-NAGY, A.; MITTNIK, A. *et al.* (2018) – The Beaker phenomenon and the genomic transformation of northwest Europe. *Nature*. 555. pp. 190-196.
- OLALDE, I.; MALLICK, S.; PATTERSON, N.; ROHLAND, N.; VILLALBA, V.; SILVA, M.; DULIAS, K.; EDWARDS, C. J.; GANDINI, F.; PALA, M. *et al.* (2019) – The genomic history of the Iberian Peninsula over the past 8000 years. *Science*. 363. pp. 1230-1234.
- PAUL-LÉVY, F.; SEGAUD, M. (1983) – *Antropologie de l'espace*. Paris: Centre Georges Pompidou/CCI
- PRIETO-MARTINEZ, M.P. (2008) – Bell Beaker communities in Thy: the first Bronze Age society in Denmark. *Norwegian Archaeological Review*. 41:2. pp. 115-158.
- RÉMY, J.; VOYÉ, L. (1994) – *A cidade: rumo a uma nova definição*. Lisboa: Afrontamento.
- ROGERS, E.M. (1983) – *Diffusion of Innovations*. Nova Iorque: The Free Press. 453 p.
- SALANOVA, L. (2000) – Mécanismes de diffusion des vases campaniformes les liens franco-portugais. In JORGE, V.O. ed. (2000) – *Pré-História recente da Península Ibérica: 3º Congresso de Arqueologia Peninsular (Vila Real, 1999)*. 4. pp. 399-409.
- SALANOVA, L. (2004a) – The frontiers inside the western Bell Beaker Block. In CZEBRESZUK, J. ed. (2014) – *Similar but different: Bell Beakers in Europe*. Leiden: Sidestone press. pp. 63-75.
- SALANOVA, L. (2004b) – Le role de la façade atlantique dans la genèse du Campaniforme en Europe. *Bulletin de la Société préhistorique française*. 101. pp. 223-226.
- SCHIRRMACHER, J.; KNEISEL, J.; KNITTER, D.; HAMMER, W.; HINZ, M.; SCHNEIDER, R.R.; WEINELT, M. (2020) – Spatial patterns of temperature, precipitation, and settlement dynamics on the Iberian Peninsula during the Chalcolithic and the Bronze Age. *Quaternary Science Reviews*. 233.
- SILVA, A. C. F. da; RAPOSO, L.; SILVA, C. T. (1993) – *Pré-História de Portugal*. Lisboa: Universidade Aberta.
- SILVANO, F. (2010) – *Antropologia do Espaço*. Lisboa: Assírio & Alvim. 111 p.
- SOARES, A. M. M. (1992) – O povoado calcolítico dos Três Moinhos (Beleizão, conc. de Beja). Notícia preliminar. *Setúbal Arqueológica*. 9–10. pp. 291-314.
- SOARES, J. (2003) – *Os Hipogeuos pré-históricos da Quinta do Anjo. As economias do simbólico*. Setúbal: Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal.
- SOARES, J. (2013) – Transformações sociais durante o III milénio AC no Sul de Portugal. O povoado do Porto das Carretas. *Memórias d’Odiana*. Lisboa: EDIA, DRCAL e MAEDS.

SOARES, J., TAVARES DA SILVA, C. (1974–77) – O Grupo de Palmela no quadro da cerâmica campaniforme em Portugal. *O Arqueólogo Português*. 7:9. pp. 102-112.

SUARÉZ, J., MÁRQUEZ ROMERO, J. E., CARO, J. L., MATA, E., CUEVAS, P.; JIMÉNEZ-JÁIMEZ, V.; ALTAMIRANO, E.; MILESI, L.; CRESPO, E. (2013) – Excavaciones arqueológicas en la Puerta 1 del yacimiento de Perdigões (Reguengos de Monsaraz, Portugal). Universidad de Málaga, Campaña de 2013. *VII Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular*. pp. 281-300.

TALLENTIRE, J. (2001) – Strategies of Memory: History, Social Memory, and the Community. *Social History*. 34. 67. pp. 197-212.

THOMAS, J. (2012) – Some deposits are more structured than others. In GARROW, D. – Odd deposits and average practice: a critical history of the concept of structured deposition. *Archaeological dialogues*. 19. pp. 124-127.

VALERA, A. C. (2000) – Em torno de alguns fundamentos e potencialidades da Arqueologia da Paisagem. *ERA Arqueologia* 1. Lisboa: ERA Arqueologia/Colibri.

VALERA, A. C. (2003) – Mobilidade estratégica e prolongamento simbólico: problemáticas do abandono no povoamento calcolítico do Ocidente Peninsular. *ERA Arqueologia*. 5. Lisboa: ERA Arqueologia/Colibri.

VALERA, A. C. (2006) – A margem esquerda do Guadiana (região de Mourão), dos finais do 4º aos inícios do 2º milénio AC. *Era Arqueologia*. 7. Lisboa. pp. 136-210.

VALERA, A. C. (2008a) – Intervenção arqueológica de 2007 no interior do recinto pré-histórico dos Perdigões (Reguengos de Monsaraz). *Apontamento de Arqueologia e Património*. 1. Lisboa: NIA-ERA Arqueologia. pp. 15-26.

VALERA, A. C. (2008b) – Mapeando o Cosmos: uma abordagem cognitiva aos recintos da Pré-história recente. *Era Arqueologia*. 8. Lisboa: Era/Colibri. pp. 112-127.

VALERA, A. C. (2010a) – Construção da temporalidade dos Perdigões: contextos neolíticos da área central. *Apontamentos de Arqueologia e Património*. 5. Lisboa: NIA-ERA. Arqueologia. pp. 19-26.

VALERA, A. C. (2010b) – Marfim no recinto calcolítico dos Perdigões (I): Lúnulas, fragmentação e ontologia dos artefactos. *Apontamentos de Arqueologia e Património*. 5. Lisboa: NIA-ERA Arqueologia. pp. 31-42.

VALERA, A. C. (2012) – Ídolos Almerienses provenientes de contextos neolíticos do complexo de recintos dos Perdigões. *Apontamentos de Arqueologia e Património*. 8. NIA-ERA. pp. 19-28.

VALERA, A. C. (2013) – As comunidades agropastoris na margem esquerda do Guadiana. 2ª metade do IV aos inícios do II milénio A.C. *Memórias d’Odiãna*. 6. 2ª Série. EDIA/ DRCALEN.

VALERA, A. C. (2014a) – Continuidades e Descontinuidades entre o 3º e a Primeira Metade do 2º Milénio A.N.E. no Sul de Portugal: Alguns Apontamentos em Tempos de Acelerada Mudança. *Antrope*. 1. Tomar: Centro de Pré-História, Instituto Politécnico de Tomar. pp. 298-316.

VALERA, A. C. (2014b) – *Relatório final da Campanha de Escavação do sítio dos Perdigões (Reguengos de Monsaraz, Évora)*. Relatório policopiado.

VALERA, A. C. (2015a) – Social change in the late 3<sup>rd</sup> millennium BC in Portugal: the twilight of enclosures. In MELLER, H.; RISCH, R.; JUNG, R.; ARZ, H. eds – 2200 BC – Ein Klimasturz als Ursache für den Zerfall der

Alten Welt? 2200 BC – A climatic breakdown as a cause for the collapse of the old world. 7<sup>th</sup> Archaeological Conference of Central Germany October 23–26, 2013 in Halle (Saale). pp. 409-427.

VALERA, A. C. (2015b) – *Relatório final da Campanha de Escavação do sítio dos Perdigões (Reguengos de Monsaraz, Évora)*. Relatório policopiado.

VALERA, A. C. (2016) – *Relatório final da Campanha de Escavação do sítio dos Perdigões (Reguengos de Monsaraz, Évora)*. Relatório policopiado.

VALERA, A. C. (2018) – Os Perdigões Neolíticos: Génese e desenvolvimento (de meados do 4<sup>o</sup> aos inícios do 3<sup>o</sup> milénio a.C.) *Perdigões Monográfica*. 1. Lisboa: Núcleo de Investigação Arqueológica (NIA) / ERA Arqueologia S.A.

VALERA, A. C. (2020a) – O sepulcro 4 dos Perdigões. *Monografias dos Perdigões*.

VALERA, A. C. (2021b) – Death in the Occident Express: about the social breakdown in Southwest Iberia in the end of the 3<sup>rd</sup> millennium BC. In SOARES LOPES, S.; GOMES, S. (eds) – *In between the 3<sup>rd</sup> and 2<sup>nd</sup> millennia BC: which turning points?*. Oxford: ARCHAEOPRESS.

VALERA, A. C., ANDRÉ, L. (2016/2017) – Aspectos da Interação Transregional da Pré-História Recente do Sudoeste Peninsular: interrogando as Conchas e Moluscos nos Perdigões. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 23. pp. 189-218.

VALERA, A. C.; BASÍLIO, A. C. (2017) – Approaching Bell Beakers at Perdigões enclosures (South Portugal): site, local and regional scales. In GONÇALVES, V. S. (ed.) – Sinos e taças junto ao oceano e mais longe. Aspectos da presença campaniforme na Península Ibérica. *Estudos & Memórias*. 10. Lisboa. pp. 82-97.

VALERA, A. C.; EVANGELISTA, L. S. (2014) – Anthropomorphic figurines at Perdigões enclosure: naturalism, body proportion and canonical posture as forms of ideological language. *Journal of European Archaeology*. 17: 2. pp. 286-300.

VALERA, A. C.; FILIPE, I. (2004) – O povoado do Porto Torrão (Ferreira do Alentejo). *Era Arqueologia*. 6. Lisboa: Era/Colibri. pp. 28-61.

VALERA, A. C.; GODINHO, R. (2009) – A gestão da morte nos Perdigões (Reguengos de Monsaraz): novos dados, novos problemas. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 17. pp. 371-387.

VALERA, A. C.; GODINHO, R. (2010) – Ossos humanos provenientes dos fossos 3 e 4 e gestão da morte nos Perdigões. *Apointamentos de Arqueologia e Património*. 6. Lisboa: NIA-ERA Arqueologia. pp. 29-39.

VALERA, A. C.; LAGO, M.; DUARTE, C.; EVANGELISTA, L. S. (2000) – Ambientes funerários no complexo arqueológico dos Perdigões: uma análise preliminar no contexto das práticas funerárias calcolíticas no Alentejo. *ERA Arqueologia*. 2. Lisboa: ERA/Colibri. pp. 84-105.

VALERA, A. C.; MATALOTO, R.; BASÍLIO, A. C. (2019) – The South Portugal perspective. Beaker sites or sites with Beakers?. In GIBSON, A. (ed.) – *Bell Beaker settlement of Europe: the Bell Beaker phenomenon from a domestic perspective*. Oxford: Oxbow Books. pp. 1-23.

VALERA, A. C.; PEREIRO, T. do (2015) – Os recintos de fossos da Salvada e Monte das Cabeceiras 2 (Beja, Portugal). *Actas del VII Encuentro de Arqueologia del Suroeste Peninsular*. Aroche. pp. 316-327.

VALERA, A. C.; REBUGE, J. (2011) – O Campaniforme no Alentejo: contextos e circulação. Um breve balanço. *Arqueologia do norte alentejano: Comunicações das 3<sup>as</sup> Jornadas*. Câmara Municipal de Fronteira. pp. 111-121.

VALERA, A. C.; SANTOS, H.; FIGUEIREDO, M.; GRANJA, R. (2014a) – Contextos funerários na periferia do Porto Torrão: Cardim 6 e Carrascal 2. In 4º Colóquio de Arqueologia do Alqueva. O plano de rega (2002–2010). *Memórias d’Odiara*. 2:14. Edia/DRCALEN. pp. 83-95.

VALERA, A. C.; SILVA, A. M.; CUNHA, C.; EVANGELISTA, L. (2014c) – Funerary practices and body manipulation at Neolithic and Chalcolithic Perdígões ditched enclosures (South Portugal). In VALERA, A.C. (ed.) – Recent Prehistoric Enclosures and Funerary Practices in Europe. *BAR. International Series*. 2676. pp. 37-57.

VALERA, A. C.; SILVA, A. M.; MÁRQUEZ ROMERO, J. E. (2014b) – The temporality of Perdígões enclosures: absolute chronology of the structures and social practices. *SPAL*. 23. pp. 11-16.

VALERA, A. C.; ŽALAITĖ, I.; MAURER, A. F.; GRIMES, V.; SILVA, A. M.; RIBEIRO, S.; SANTOS, J. F.; BARROCAS DIAS, C. (2020b) – Addressing human mobility in Iberian Neolithic and Chalcolithic ditched enclosures: The case of Perdígões (South Portugal). *Journal of Archaeological Science: Reports*. 30. pp. 102-264.

VALERA, A. C.; BOTTAINI, C.; BASÍLIO, A. C. (2020a) – A deposição de uma alabarda em contexto Campaniforme na área central do Recintos dos Perdígões (Reguengos de Monsaraz). *Apontamentos de Arqueologia e Património*. 14. Lisboa: NIA-ERA Arqueologia. pp. 41-49.

VALÉRIO, P., SOARES, A. M. M., ARAÚJOA, M. F., DA SILVA, C. T.; SOARES, J. (2007) – Vestígios arqueometalúrgicos do povoado calcolítico do Porto das Carretas (Mourão). *O Arqueólogo Português*. 4:25. pp. 177-174.





